



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

Wagner de Oliveira Lima

Desejos à deriva:
*Os Michês e a Construção de Masculinidades
no Centro de João Pessoa*

João Pessoa
Junho – 2006

LIMA, Wagner de Oliveira

Desejos à deriva:
Os Michês e a Construção de Masculinidades
no Centro de João Pessoa

CE
316.663-055.3(043)
10732d

Dissertação destinada a pré-requisito para a obtenção do grau de mestre, pela Universidade Federal da Paraíba, Pós-graduação de Sociologia, sob a orientação do Prof. Dr. Adriano Azevedo de Léon.

João Pessoa
Junho – 2006

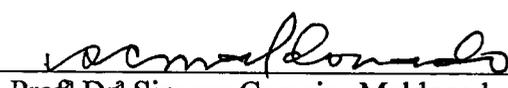
WAGNER DE OLIVEIRA LIMA

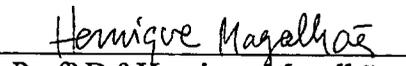
Desejos à deriva:
*Os Michês e a Construção de Masculinidades
no Centro de João Pessoa*

Aprovada em ___ / ___ /2006

Banca Examinadora


Prof.º Dr.º Adriano Azevedo de Léon
Orientador


Prof.ª Dr.ª Simone Carneiro Maldonado
Examinador


Prof.º Dr.º Henrique Magalhães
Examinador

João Pessoa - PB
Junho - 2006

BIBLIOTECA GERAL / UFPB

AGRADECIMENTOS

- A Deus pela minha fé;
- Aos meus pais, Rita e Zito, pela paciência, compreensão, apoio e torcida, de perto e à distância;
- A Aldenor (Dodô) pelo incentivo e pelas contribuições técnicas, psicológicas, presenciais e financeiras;
- Ao meu orientador, o professor Dr. Adriano de Léon, por acreditar desde o princípio na viabilidade dessa pesquisa;
- Aos integrantes da banca, os professores doutores Simone Maldonado e Henrique Magalhães.
- A vida por me permitir conhecer e poder encantar-me com Dira Vieira, exemplo de mulher e gente humana. Amo-te.
- A Abílio, militante homossexual e soropositivo, morto em 2003 a pedradas no Centro de João Pessoa (PB). Abílio, como primeiro informante, foi quem me abriu as primeiras portas do “mundo viril” de João Pessoa.
- Aos michês, “boys”, garotos de programa e homens - com outras práticas e/ou nomenclaturas - que fazem a noite de João Pessoa, tanto no espaço público como no privado, mas inquietante, transitória e repleta de códigos, sinais e movimentos;
- Aos meus amigos guerreiros de mestrado: Cleomar, Gerson Andrade, Jeane Félix, Josilene, Jucieude Lucena, Luciana Soriano e Patrícia Moraes; e os amigos guerreiros do doutorado: Madian Cassandra Veras, Rosiele, William Tito, Keila e Marcos Lacerda;
- Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela contribuição em minha formação acadêmica e ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB, professor Dr. Ariosvaldo da Silva Diniz;
- À professora Dra. Loreley Garcia pela descoberta de textos sobre gênero, discussões em sala de aula e as contribuições no exame de qualificação;
- Ao sociólogo Marcelo Henrique (UFPE) e à antropóloga Cecília Patrício (UFPE), grandes incentivadores e parceiros de copos e livros;
- Aos funcionários do PPGS e em especial, Nancy Azevedo, secretária do PPGS, incentivadora e contadora de causos internáuticos;

- A três grandes incentivadores dessa pesquisa em seu momento mais germinativo: Glória Rabay e Henrique Magalhães e Wilfredo Maldonado, pela enriquecedora presença e dicas na banca de defesa da graduação em Comunicação Social, realizada em março de 2000;
- A Margarete Almeida pela sugestão de livros, conversas, discussões, confidências e incentivos;
- Aos amigos de vida: Cecília Noronha, Girlan Idalino, Núbia Ramos, David Obadiah, Mônica Câmara, Isabelle Ichariglione e Ana Felipe e Adriana Crisanto;
- Aos ensinamentos e possibilidades humanas nos Movimentos Sociais nos últimos três anos e, em particular, à Cáritas Brasileira e alguns dos seus componentes (no período 2001-2004): Luciene Martins, Luíza Regina, Rogério Gomes, Ronildo Monteiro, Rosângela Alves (na Alemanha), Silvana Isabel, Suylan Midley, Tarcísio Duarte, Terezinha, Vera Freire e a Ricardo Rian (Centro Dom Hélder Câmara);
- Aos amigos internáuticos e reais: Daniel Lorenzo (Dands) e Moisés Costa (XV).

LIMA, Wagner de Oliveira. **Desejos à deriva: os Michês e a Construção de Masculinidades no Centro de João Pessoa**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba. 2006.100p.

RESUMO

Este estudo se propõe a analisar a construção de masculinidades produzidas pelos michês, que se valem de protótipos gestuais e discursivos para apresentar-se diante dos clientes (PERLONGHER, 1987) e as relações constituídas no espaço do Centro de João Pessoa (PB) como lugares construídos por sentidos fluídos, os Não-Lugares (AUGÉ, 1994). Tomando por base a produção teórica que compreende o Gênero, enquanto categoria relacional, tratamos nesta dissertação do conceito de masculinidade, tomando como referência a conceituação de masculinidades hegemônicas e subalternas (CONNELL, 1995; KIMMEL, 1998) e as formas de alimentação desta matriz no âmbito da sociedade. A discussão que permeia toda a dissertação é a da(s) masculinidade(s), seja a partir das discussões sobre identidade e papel social (CASTELLS, 2002), do gênero como categoria relacional (SCOTT, 1991), masculinidades hegemônicas e subalternas (KIMMEL, 1998) e à deriva pelos Não-Lugares (Augé, 1994). A masculinidade, vivenciada pelos michês, está associada à identidade de Nordeste (ALBUQUERQUE, 2003) e às “heranças” do modelo patriarcal vivenciado no Brasil colônia. Nosso campo de investigação deteve-se ao Centro de João Pessoa (PB), onde foi realizada a pesquisa, pondo em prática a observação participante, voltada para oito michês e o agenciador. Os critérios de seleção dos informantes para a pesquisa foram os de que os mesmos deveriam realizar a prostituição masculina de rua e frequentar o espaço do Centro, para onde convergem, de vários pontos da cidade, sujeitos em busca de interações homoeróticas. A masculinidade tem sido a forma principal com que os homens são socializados no mundo, desde a infância. A análise nos possibilitou confirmar que o esforço empreendido pelos michês é muito maior para manter o controle da masculinidade sobre os corpos, discursos e práticas do que a resistência ao desgaste físico deles no ato diário de “bater calçada”, porque a masculinidade, para os michês, seria a razão de ser e estar no mundo.

Palavras-chaves: masculinidades, homossexuais, gênero, prostituição masculina.

LIMA, Wagner de Oliveira. **Desires to the drift: michés and the Construction the Masculinity in João Pessoa downtown.** Dissertation (Master's degree), University Federal of Paraíba. 2006.100p.

ABSTRACT

This study proposes to analyze the construction of masculinities produced from *michés* who valid their gestural and discursive archetypes to present themselves for clients (PERLONGHER, 1987) in addition to constructed relationships in João Pessoa (PB) downtown space as fluid senses for builded-up places, the No-places (AUGÉ, 1994). Taking as a basis theoretical production comprehended as Gender, whereas relational categories, we discussed in this study the concept of masculinity taking as a reference the subordinate and hegemonic masculinity concept (CONNELL, 1995; KIMMEL, 1998) as well as this matrix feeding ways into society scope. The discussion larded throughout this study is about masculinity(ies). On one hand discussions about identity and ways of social interaction (CASTELLS, 2002), gender as relational category (SCOTT, 1991), subordinate and hegemonic masculinities (CONNELL, 1995; KIMMEL, 1998). On the other hand No-places (AUGÉ, 1994). The masculinity lived among *michês* is associated to the Northeast man identity (ALBUQUERQUE, 2003) and also the patriarchal model "inheritance" lived since Brazil-Colony. Our investigation camp focused on João Pessoa downtown, which the research took place practicing the participant observation, conduced towards eight *michés* and their agent. The informants selection criteria for the research were they had to practice male street prostitution in addition to visit downtown place often, to which lots of them converge from different parts of the city looking for homoerotic interactions. The masculinity has been the mainly way men are socialized in the world, since childhood. The analysis allowed us to confirm that *michés*' effort is higher to keep the masculinity control over the bodies, discourses and practices than physical their effort resistance of doing daily *trottoir*, after all, masculinities for *michés* would be the reason to be in the world.

Key-words: *masculinities, homosexuality, gender, masculine prostitution.*

“O medo de perder casas e
coisas é nada em face do
terror de perder a si mesmo”
La Cecta

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	28
QUADRO 02	29
QUADRO 03	74
QUADRO 04	74
QUADRO 05	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: PROSTITUIÇÃO, IDENTIDADES E GÊNERO	17
1.1 A PROSTITUIÇÃO	17
1.2 A EMERGÊNCIA DO MICHÊ: O MASCULINO NA PROSTITUIÇÃO	20
1.3 IDENTIDADE: O QUE SOMOS? O QUE O OUTRO É?	22
1.3.1 A alteridade: O reconhecimento da diferença	25
1.3.2 Heterossexualidade x homossexualidade	
1.4 GÊNERO	36
1.4.1 Sexo/Gênero	37
1.4.2 Gênero, uma categoria relacional, e o Feminismo	39
1.4.3 Gênero e o Masculino: um outro olhar	42
CAPÍTULO 2: MASCULINIDADES E TERRITÓRIO	48
2.1 A GENEALOGIA DO MACHO.....	48
2.2 A FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA: SER OU NÃO SER HOMEM?.....	51
2.3 BATENDO CALÇADAS AO ENTARDECER: A PROSTITUIÇÃO MASCULINA DE RUA.....	54
2.4 TERRITÓRIOS E NÃO-LUGARES	66
2.5 A DERIVA HOMOERÓTICA.....	73
CAPÍTULO 3: CORPO E SUBJETIVIDADES	77
3.1 INTERAÇÕES HOMOERÓTICAS	88
EM CENA A(S) MASCULINIDADE (S)	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
ANEXOS	
Entrevistas	
Mapa do Centro de João Pessoa	
Cópia da Comunidade “ <i>Pegação na Praia do Bessa</i> ” do Orkut	
Fotografias do Centro de João Pessoa - Pontos de Prostituição dos Michês	

INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre a construção de masculinidades produzidas pelos michês¹, homens em situação de prostituição nas ruas do Centro de João Pessoa (PB), conceituados por Perlongher (1987), como “varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente”.

Na definição de Perlongher (1987) o termo michê possui dois sentidos: o primeiro alude ao ato mesmo de se envolver e praticar a prostituição, independente de quem sejam os sujeitos do ato em si; no segundo, a expressão michê é utilizada para denominar uma espécie classificada por ele de *sui generis* de cultores da prostituição, que são os jovens que se utilizam dos estereótipos de masculinidades para atrair clientes, em sua maioria do sexo masculino. Desse modo, não nos interessará do ponto de vista sociológico, a prostituição masculina praticada pelos travestis, que utilizam atributos e gestuais femininos, para atrair clientes; bem como dos prostitutas massagistas que, em sua maioria, não recorrem a protótipos gestuais e discursivos de masculinidades levados de forma estereotipada ao extremo e atendem em espaços privados como casas de massagens, saunas, atendimento em domicílio, ao contrário do michê que pratica a prostituição de rua.

O Centro de João Pessoa, capital da Paraíba, é o espaço pesquisado por configurar-se como aglutinador de vários pontos que constituem a área homoerótica da região central da cidade com bares e boates destinadas aos públicos GLBTS (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e Simpatizantes), pontos de paquera homossexual e áreas de prostituição, sendo esse último o nosso foco neste trabalho. A área ocupada pela prostituição desenvolvida pelos michês compreende o Terminal Rodoviário - e as ruas adjacentes como a Beaurepaire Rohan, Rua da República e Guedes Pereira -, o Ponto de Cem Réis - e as ruas General Osório, Duque de Caxias, Visconde de Pelotas e Treze de Maio -, Praça João Pessoa e Praça 1817 e o Parque Sólon de Lucena (Lagoa).² É no entorno desses locais que estão constituídos espaços homoeróticos como cinema, sauna, bares GLBTS, boates e pousadas, shoppings.

¹ Nestor Perlongher também define a palavra michê como o “ato mesmo de se prostituir sejam quais forem os sujeitos desse contrato” e como denominação para homens jovens que se prostituem utilizando em sua apresentação protótipos da “masculinidade”.

² Sobre as áreas de ocupação da prostituição praticada pelos michês, ver anexo com o mapa e localizações.

Neste trabalho nos interessa os discursos e as práticas prostitutivas dos michês, que encontram nas ruas do Centro de João Pessoa o espaço em que é configurada a demarcação de territórios denominados por Barbosa da Silva (2005:72) de “região moral”. Segundo o autor, que resgata o conceito de Robert Park (1952) em *Human Communities*, região moral é uma base espacial em que indivíduos, que possuem a mesma forma de excitação, possam encontrar-se, de tempos em tempos, nos mesmos lugares. Como resultado dessa forma de interação, a população tende a distribuir-se no espaço não apenas de acordo com os seus interesses, mas conforme seus gostos ou temperamentos. Perlongher (1987:47) ao realizar o trabalho etnográfico em São Paulo definiu região moral como a área que:

Repousa na concepção que divide o espaço urbano em círculos concêntricos: uma faixa residencial, outra industrial e o centro que serve ao mesmo tempo como ponto de referência e concentração administrativa e comercial e como lugar de reunião das populações ambulantes que ‘soltam’ ali, seus impulsos reprimidos pela civilização.

Tomando como referencial a área central de João Pessoa percebemos essa distribuição apontada pelo autor: um círculo desenvolvido no entorno da Lagoa, sobretudo, comercial; um círculo criado a partir das edificações de moradia que se estende pelos bairros do Centro, Róger e Jaguaribe e, por último, a área destinada à produção industrial na divisão do Centro com os bairros Róger e Varadouro e no Distrito Mecânico e Ilha do Bispo.

Inserem-se na dinâmica da cidade, um mapeamento invisível, onde os rituais de socialização e das regras e normas contratuais da prostituição são cumpridos ou subvertidos, criando e recriando espaços de interação social entre categorias de raça-etnia, gênero, classe social, sexo, identidade.

O percurso criado por esse trabalho é o de analisar a construção das masculinidades nesses territórios e da alimentação da matriz heterossexual, trabalhando dessa forma, os conceitos de Michê (PERLONGHER, 1987; FRY & MACRAE, 1985; PARKER, 1996), Identidade (HALL, 2000; LOURO, 2004; COSTA, 2002) e Gênero (BUTLER, 1996; SCOTT, 1991; LOURO, 2004; DE LAURETIS, 1994), e Masculinidades (CONNELL, 1995; KIMMEL, 1998; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001).

O que nos interessa diante desses conceitos é a atualização do modelo hegemônico de masculinidade diante de outros modelos de identidades, de gêneros percebidos pelos michês na prática da prostituição, seja na fluidez momentânea da apropriação das práticas discursivas do universo homossexual, no ir e vir de papéis e posições sexuais, sociais, de estética, e na construção e desconstrução de territórios como espaços de negociação de desejos homeróticos diante da ordem dominante heterossexual normativa.

Esta variação do ir e vir representa a ambivalência (Bauman,1993) nas relações homoeróticas, pois à medida que os michês reforçam a negação do desejo e excitação por pessoas do mesmo sexo biológico, recorrem às práticas afetivas-sexuais da “michetagem” ao “bater calçada”³ e no jogar-se às ruas para a “caça”⁴ e “pegação”⁵, se utilizando da afirmação permanente da masculinidade hegemônica.

Parker (2002:109) ressalta a importância de compreender o michê não meramente pela aparência, mas pelo que a figura simboliza: a interação entre o gueto e o mundo social, pois sua imagem,

(...) é na verdade, muito mais ambígua do que parece à primeira vista. Embora o michê pareça simbolizar concretamente a intervenção da masculinidade hetero no mundo homoerótico das ruas, ao mesmo tempo ele representa a constante possibilidade de feminilizar, homossexualizar padrões hetero pela inversão das normas esperadas.

Essa transitoriedade por entre os papéis e posições representadas torna-se evidente se levarmos em consideração a existência de um sistema classificatório, que identifica e define sujeitos, posições, corpos, práticas e dá sentido aos discursos nas relações de prostituição masculina dentro de um sistema cultural, a que o autor denomina de “subcultura gay”. Este sistema possibilita subverter as distinções categoriais da cultura brasileira tradicional através da interação sexual nos espaços homoeróticos, em que os atributos e significados ditos tanto heterossexuais como homossexuais estão sempre em constante negociação.

³ A expressão tem o mesmo significado de estar na rua para prostituir-se.

⁴ Caça é uma expressão utilizada para referir-se à procura de parceiros (as) ou à paquera.

⁵ Pegação possui no mundo dito “homossexual” sentido de paquera, como também o próprio ato de trocar carícias em espaços de interação homoerótica e de prostituição, que pode chegar à consumação de práticas sexuais: beijos, sexo oral, masturbação, intercurso anal.

A indefinição ou autonomia para não se fixar em uma identidade heterossexual normativa ou homossexual em nossa sociedade como reforça o autor, é uma problemática existente não apenas na esfera da prostituição, mas essa ambivalência está imbricada nas relações sociais.

Estruturado de modo a priorizar o debate a partir das masculinidades sob o enfoque da identidade e práticas homoeróticas nos três capítulos deste trabalho levamos em consideração as discussões acerca da conceituação de Gênero, aqui entendido como categoria analítica, ancorada na produção teórica de Joan Scott, Judith Butler e Tereza de Lauretis; e dos rituais de iniciação no universo masculino apresentados por Elisabeth Badinter e a sobre a identidade, na perspectiva da fragmentação identitária discutida por Stuart Hall e o contraponto defendido por Costa (2002) sobre o ideal de identidade hegemônico definido para cada época.

O primeiro capítulo enfoca a discussão de conceitos importantes na análise que se pretende no decorrer deste trabalho. As categorias Identidade, Gênero e Michê são enfocadas a partir do conjunto de autores selecionados como referencial teórico deste trabalho, buscando analisar o papel desempenhado pelo michê no segmento da prostituição.

A abordagem sobre as Masculinidades e Território compõe o segundo capítulo, constituído, sobretudo, pelo universo das ruas, onde surgem os informantes da pesquisa. O terceiro e último capítulo configura-se pela discussão da relação dos michês e os clientes e o corpo como elemento problemático e de comércio na prostituição praticada pelos Michês, que desenham e definem um corpo sexualizado, classificado, desejado e consumido.

O que se constitui aqui como objeto de pesquisa é, pois, um dos vários enfoques possíveis ao mundo da prostituição viril em João Pessoa. Os michês têm sido merecedores de observações estendidas a esta pesquisa desde 1999, período em que iniciei uma investigação com objetivo de produção jornalística no âmbito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), através do curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo⁶. Utilizar o conceito de Mobilidade (BALANDIER, 1997) representa uma possibilidade de compreender os fluxos de ocupação das áreas para a prostituição, a variedade de personagens dessas tramas dos desejos e da dinâmica que se constitui na cidade, em especial a do Centro de João Pessoa (PB), com

⁶ Ver LIMA, Wagner de Oliveira. *Contrato de virilidade: uma grande reportagem sobre a prostituição masculina no Centro de João Pessoa*. Projeto Experimental do curso de Comunicação Social. João Pessoa: UFPB, 2000.

os michês desenhando e redesenhando espaços, seus usos e códigos, que o tempo todo dialogam com outros profissionais do sexo⁷.

A pesquisa foi realizada com nove pessoas do sexo masculino, sendo um agenciador da área de prostituição masculina e oito michês que atuam na área central de João Pessoa. As idades que os informantes possuem variam entre 18 anos e 26 anos, exceto a do agenciador que possui 29 anos. A inserção neste campo da prostituição foi possível através da “permissão” de Rafael⁸, o agenciador, que conheci em 1999 ao iniciar uma investigação jornalística sobre a prostituição masculina no Centro de João Pessoa. Os critérios adotados para a realização das entrevistas foram os de que os informantes deveriam estar envolvidos com a prostituição de rua que caracteriza o michê e da utilização feita pelos mesmos de estereótipos e trejeitos masculinos em exagero para atrair clientes.

A observação participante foi adotada e desenvolvida com o suporte das entrevistas que tiveram como base um roteiro semi-estruturado que possibilitaram o direcionamento que propomos nesta pesquisa, no entanto, o diálogo entre informantes e pesquisador foi o que definiu o ritmo para a realização das entrevistas.

Para a captação das falas não pudemos utilizar um instrumento de trabalho importante como o gravador, devido à resistência dos próprios informantes que impuseram só falar sem a gravação da voz. Diante de tal exigência, todos os detalhes de campo durante as observações e entrevistas foram escritas à caneta em um bloco de anotações.

As observações e entrevistas realizadas dependeram, especialmente, da dinâmica constituída na rua e seus “personagens” (michês, agenciadores, clientes e homossexuais não clientes e transeuntes) em função dos desejos, interesses e formas de interações sociais. Por se constituir em uma atividade de “bater calçada”, o desenvolvimento da coleta de dados da pesquisa ocorreu sem rigidez de horários e de frequência na rua.

⁷ Profissionais do Sexo é uma expressão utilizada no Brasil que representa enquanto categoria profissional michês, prostitutos massagistas, prostitutas e garotas de programa que atuam no segmento da prostituição. A nomenclatura tem sido utilizada nos debates sobre a regulamentação da atividade como profissão. A expressão “outros profissionais do sexo” a que nos referimos são outros michês, os massagistas de sauna, bem como garotas de programa e prostitutas. Nos depoimentos não houve nenhuma menção a relação com travestis.

⁸ Os nomes de todos os informantes, agenciador e michês, foram modificados a pedidos dos próprios entrevistados.

Enquanto pesquisador, foi necessário realizar inserções pontuais na área de prostituição, fosse por meio da observação e/ou coleta de dados a fim de não causar sensação de incômodo ou constrangimento aos informantes desta pesquisa, devido ao fato de muitos dos michês desenvolverem a atividade como prática clandestina⁹ e acreditam ser esta uma prática estigmatizante, mantendo assim, inicialmente, resistência à observação e às entrevistas.

Na perspectiva de Medina (1986), a entrevista consiste em uma forma de interação entre pesquisador e pesquisado, portanto, recorremos ao conceito que a autora resgata do filósofo Martin Buber ao definir a entrevista como um diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos partícipes do jogo da entrevista interagem, modificam-se, revelam-se, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios.

O receio que percebemos entre os informantes desta pesquisa se deve ao que Haguette (1997) denomina de *“interferência inevitável do observador pelo simples fato de ele representar alguém de ‘fora’ – quando desempenha papel de observador revelado (...)”*.

A resistência dos michês ao pesquisador, percebido como “estranho”, pode ser compreendida, inclusive, a partir da utilização de frases incompletas nos diálogos desenvolvidos por eles com outros michês: *“Ih, oh! Aquele bicho vacilou geral...”* ou *“E aí? Aquele lance...”* Durante as conversas eles substituem os nomes próprios por substantivos comuns para referirem-se a outros michês do grupo, que estão fazendo programa, para não deixar evidente sobre quem estão falando: *“E o boy doidinho, o que ele disse da parada...?”* ou *“Aquele esquema com a figura rola hoje?”*.

Ao referirem-se a assuntos determinados, as frases também se configuraram evasivas: *“Ei, sobre aquela parada a gente precisa resolver. E aí vai desenrolar pra mim?”* ou *“Vou dar um rolê por aí e resolver aquela parada enquanto vocês conversa, blz assim?”*. O receio ao pesquisador só diminuiu na medida em que eles, os informantes, foram descobrindo a intenção da pesquisa e no decorrer das entrevistas, os motivos para investigar a prostituição.

Para podermos fazer referência a algum deles na ausência, precisávamos descrever as características físicas para a identificação pelos demais presentes devido ao uso de vários nomes por um mesmo michê.

⁹ A maioria dos informantes desenvolve a atividade da prostituição de forma clandestina. Desse modo, há um conflito permanente entre a prática de “bater calçada”, transitar e se expor nas ruas ao mesmo tempo em que há o receio de ser apontado socialmente como homossexual. O receio maior, segundo os informantes, é ter sua atividade descoberta pela própria família, o que poderia resultar em rejeição.

Como pudemos perceber, a troca constante de nomes próprios ou apelidos¹⁰ é a forma que os michês encontraram de representar personagens e de dificultar a sua própria identidade através do nome real. Desse modo, todos os nomes foram trocados, inclusive, a pedido do próprio agenciador que autorizava as entrevistas, fazia uma pré-seleção dos que tinham condições - segundo ele, de “*falar alguma coisa que preste*”, justificando que devido à baixa escolaridade de alguns, encontraria dificuldades porque “*o papo é uma desgraça. Não sabem falar nada os coitado*” – e de controlar o tempo das entrevistas, realizadas em média durante 35 minutos cada uma.

¹⁰ Rafael, por exemplo, é conhecido como Nega, Preta, Rodrigo. Hélio, por sua vez, é conhecido por outros nomes como Fábio, mago, Henrique. Essa troca constante de nomes é para dificultar que eles sejam identificados na rua.

1 PROSTITUIÇÃO, IDENTIDADES E GÊNERO

1.1 A PROSTITUIÇÃO:

Troca de desejos sexuais por dinheiro, negociação do corpo e dos desejos e venda de fantasias sexuais. Estas são algumas das definições atribuídas à prostituição em produções acadêmicas, na mídia impressa, televisiva, radiofônica e virtual, assim como compreendidas por muitas das pessoas que estão inseridas enquanto sujeitos na prostituição. No Dicionário Aurélio, a palavra prostituição significa o ato ou efeito de prostituir-se e o comércio habitual ou profissional do amor sexual.

Perlongher (1987:253) considera que a prostituição pode ser “pensada do ponto de vista da troca, enquanto estrutura de prestação de serviços sexuais”. Sendo assim, evidencia-se no pensamento do autor, o reconhecimento da atividade enquanto profissão ao mencioná-la como “prestação de serviços sexuais”. A atividade é entendida por Leonine (2004:86) como uma nova configuração mais técnica da atividade, distinguindo-se da mesma prática em períodos históricos distintos do atual, considerado como a Pós-Modernidade.

Mesmo as relações mais pessoais e mais íntimas, mesmo as relações sexuais, tornaram-se objeto de ‘cálculo’, perdem a sua coloração afetiva para se tornarem simples meios no interior de um incessante sistema de troca entre equivalentes mediados pela redução a simples valor monetário.

A tabela com a descrição dos serviços sexuais, o número de horas e o valor do programa definido previamente pelos(as) profissionais do sexo é um exemplo dessa valorização à quantificação, apontado por Leonine (Op. Cit). A disposição de regras como a variação de preço do programa dependendo do local, caso haja deslocamento de táxi dos prestadores de serviços sexuais até o espaço onde será consumado o contrato, configura outra prática que se insere nesse processo da atribuir à atividade sexual regras de cunho econômico.

No artigo *O Contrato da Prostituição Viril*¹¹ (1985:98), Perlongher analisa o que configura essa distribuição dos serviços oferecidos através do contrato firmado entre o michê e os clientes.

Entre o prostituto e o seu cliente estabelece-se um contrato que rege as condições da transação: serviços sexuais a serem prestados, incluindo a especificação das zonas erógenas em jogo (por exemplo, evitação da boca ou do ânus); local de consumação (hotel, apartamento, rua); condições monetárias e extramonetárias da transação.

As condições citadas para a realização do programa sexual costumam ser acertadas anteriormente ao programa, no entanto, a violência registrada na prostituição masculina, envolvendo michês e cliente, tem no descumprimento do contrato por uma das partes devido a interesse financeiro ou de dominação do outro, a principal causa expressa pela extorsão ou embate físico como atesta o agenciador, Rafael, 29 anos.

Vou, conheço o garoto, pego o telefone, descubro onde eles moram, quem são os amigos porque se um dia ele apronta eu sei onde encontrar porque a gente combina tudo certo e eles (os michês)¹² apronta. Mas tem cliente que acerta pra sair sabendo que o boy não dá a bunda e na hora quando vê o cara nu fica doido e tenta comer ele à força. Aí, meu irmão, começa a confusão porque o boy não quer dá e termina em briga. Advogados, juizes, promotores são os piores clientes porque estão por dentro da lei.

A captação do máximo de informações sobre os michês que agencia tem se tornado um elemento importante e de garantia para Rafael, inclusive, em casos em que o cliente quando é roubado após o programa, o procura para reaver o objeto com a condição de não envolver a polícia no conflito. Ancoramo-nos no pensamento de Parker (2002:106) ao analisar a relação estabelecida entre o michê e o cliente. O autor atribui à negociação de um programa o sentido de uma interação delicada, em que tanto os preços cobrados, como as práticas sexuais específicas e previstas possam, se preciso, ser negociados ou renegociadas para a solução de conflitos.

¹¹ Artigo publicado em 1985 em Arquivos Brasileiros de Psicologia.

¹² Sic do autor.

(...) essa é uma negociação em que não apenas os prazeres do corpo, mas também as identidades subjetivas estão sempre em jogo. A questão da prática sexual talvez seja particularmente fundamental precisamente por causa dos significados associados a atividade e passividade, uma vez que práticas como fazer felação em outro homem ou ser penetrado no sexo anal por um cliente são comportamentos bastantes problemáticos que implicitamente questionam a identidade masculina, e são, portanto, rejeitados por um grande número de michês.

O receio que se percebe nessa negociação é o de colocar a masculinidade à prova durante a relação sexual com uma pessoa do mesmo sexo biológico. O conflito permanece na negociação contratual do programa porque a “atividade” e a “passividade” estão postas na cultura brasileira, respectivamente, como sinônimos de macho e fêmea, e, portanto, “bicha”, que vai muito além de heterossexualidade e homossexualidade. Mesmo que o homem mantenha relações sexuais na condição de ativo com outro homem, o seu *status* de homem não é arranhado socialmente porque as identidades sexuais estão baseadas, como aponta Fry (1985), na atividade e passividade. Sendo assim, quem penetra é sempre o macho e quem é penetrado assume o papel de fêmea, constituindo dessa forma, uma outra heterossexualidade, baseada na relação sexual de ser ativo, implicando ser o primeiro, o macho, superior à “bicha” e a fêmea, por estes desempenharem o papel de passivo.

Estes elementos da cultura sexual brasileira estão postos na prostituição enquanto atividade que mantêm atualmente com as sociedades, na análise de Oliveira (1994), uma relação mais próxima, inserindo-os num conjunto de referências econômicas, em que o prostituto(a) é parte da composição da força de trabalho social, cujo corpo é atravessado pelo exercício racional e produtivo da sexualidade. Enquanto atividade que extrapola a relação sujeito x objeto do desejo sexual por sua importância econômica, à prostituição, defende Leonine (2004), é necessário que se faça uma análise mais aprofundada no âmbito das ciências humanas.

O fenômeno da prostituição deveria ser examinado também pelo aspecto econômico, visto que movimenta uma considerável soma de capital secundário e nutre um consistente mercado ilegal: o terceiro maior, depois do comércio de armas e de drogas de acordo com as estimativas da ONU.¹³

¹³ ONU é a sigla da Organização das Nações Unidas.

Países como Alemanha e Holanda dispõem de leis que regularizam a profissão. No Brasil, essas discussões sobre a regularização da profissão esbarram nas resistências de segmentos da sociedade devido a questionamentos de cunho ético, religioso e moral. Resistências que percebemos ao trabalhar em 2004 na Organização Não-Governamental (Ong) Amazona – Associação de Prevenção à Aids¹⁴, que acompanha Profissionais do Sexo da Paraíba através da Associação das Profissionais do Sexo (Apros-PB), em João Pessoa (PB), a Associação dos Homossexuais de Campina Grande (AHCG) e o Centro Informativo de Prevenção, Mobilização e Aconselhamento aos Profissionais do Sexo de Campina Grande (Cipmac), em Campina Grande (PB).

1.2 A EMERGÊNCIA DO MICHÊ: O MASCULINO NA PROSTITUIÇÃO

A partir dos anos 60 do século passado, a indústria pornográfica e o mercado erótico no Ocidente se expandiram, o que por sua vez, incidiu diretamente na prostituição no Brasil com o *trottoir* ganhando visibilidade nas ruas e o surgimento de casas de massagem, saunas, motéis e bares que fugiam das áreas anteriormente delimitadas para a prostituição (Oliveira, 1994).

É dentro do contexto anterior aos anos 60 que o masculino¹⁵, na imagem do michê e do massagista, ganha visibilidade como sujeito na prostituição, contrapondo-se à figura do travesti e do gigolô, o que vai modificar nas décadas seguintes o mercado da prostituição brasileira.

A rigor, a prostituição é dita masculina quando o corpo que se prostitui é o do homem. A sua ampliação e emergência enquanto problematização social provocou uma correção sugerida pela ONU na definição de prostituição em geral, a qual se baseava apenas na prostituição feminina. (Oliveira, 1994).

¹⁴ A Amazona – Associação de Prevenção à Aids, sediada em João Pessoa, desenvolve trabalhos de prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e HIV/Aids e ações que visem o resgate da cidadania, a inclusão social e a luta pela regulamentação da profissão das (os) Profissionais do Sexo da Paraíba. Informações disponíveis no endereço eletrônico: www.amazona.org.br.

¹⁵ Masculino entendido como gênero relacional, construído socialmente e culturalmente, atribuído ao homem.

Diante do exposto pela autora, destacamos que a prostituição masculina possui especificidades assim como a prostituição feminina. Neste caso, até a elaboração de uma tipologia da prostituição masculina definidora e determinante, segundo Oliveira (1994), configura-se numa tarefa árdua, inclusive, pelo não processo de auto-identificação entre esses profissionais, tanto de cidade para cidade como de bairro para bairro e até mesmo entre indivíduos que “batem calçadas” nos mesmos espaços. No entanto, Perlongher (1987:18) nos aponta alguns caminhos para uma definição mais global desse universo repleto de subcategorias.

Cunhamos a noção de prostituição viril para diferenciar esta variante da prestação de serviços sexuais em troca de uma retribuição econômica, de outras formas vizinhas de prostituição homossexual, tanto da exercida pelos travestis – que ‘cobra do macho por sua representação artificial de feminilidade, à qual não são alheias as perturbadoras excitações do fetiche’ – quanto de outros dois gêneros francamente minoritários: o homossexual efeminado que vende seu corpo (chamado michê-bicha); e um tipo de transição, que parece estar emergindo ainda timidamente: o michê-gay.

A conceituação do autor para os michês como pertencentes à prostituição viril nos “obriga a desfazer a costumeira associação entre a venda de favores corporais e feminilidade” ao percebermos a inserção do homem como objeto no mundo da prostituição. O termo michês é compreendido por nós, como jovens do sexo masculino, independente de serem adolescentes ou adultos, que comercializam através da imagem, os atributos de uma identidade reconhecida socialmente como masculina, que se torna visível no próprio corpo delineado, viril e, por vezes, musculoso, ao transitar nas ruas ou tendo essas mesmas ruas como passagem. Independente da identidade ou desejo que esses jovens possam ter, o que se negocia nessa relação é o desejo e a virilidade. Os próprios códigos, regras e dinâmicas¹⁶ existentes no mundo da prostituição masculina para serem reconhecidos e decifrados requerem que vejamos e possamos sentir o território, pois, torna-se necessário situarmos dentro desse espaço que:

(...) se confunde com a própria ordem social, de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido. Aliás, nesses sistemas, pode-se dizer que o espaço não existe como uma dimensão social independente e individualizada, estando sendo misturado, interligado ou ‘embebido’ (...) em outros valores que servem para a orientação geral” (DA MATTA, 1991:33).

¹⁶ Sobre códigos, regras ver o Capítulo III: CORPO E SUBJETIVIDADES

Apoiamo-nos no pensamento de Da Matta para, a partir dessa relação dos michês com o espaço, identificar as várias formas de interação¹⁷ nas ruas com outras pessoas no período da tarde, em áreas de grande concentração de pessoas. O que poderia interligar pessoas de diferentes classes sociais e faixas etárias em um espaço público com grande movimentação como o Ponto de Cem Réis, no Centro de João Pessoa, por exemplo? Os jornais do dia afixados pelo jornaleiro na parede do Parahyba Palace¹⁸ atraem a atenção e evoca uma interação, especialmente, entre os homens que lêem e comentam com desconhecidos os fatos do dia, em particular, do esporte, da política e do cotidiano, com ênfase na violência, assuntos que nos remetem ao que se convencionou chamar socialmente de “assuntos de homem”.

Nos bancos da Praça João Pessoa os guardadores de carro, conhecidos como “flanelinhas”, aproveitam para desafiar os outros na disputa de jogos como xadrez, dominó ou baralho. E mais adiante, forma-se uma roda de bate-papo em torno de um carro que vende espetos ou ao redor de um carro de som que comercializa CDs e DVDs piratas. Na rua não existe espaço fixo. Tudo se modifica com o movimento das relações e desses sujeitos no espaço da rua.

O que torna a prostituição masculina, desenvolvida nas ruas do Centro de João Pessoa (PB), quase que invisível é que “(...) a rua é um espaço definido como pertencente ao ‘governo’ ou ao ‘povo’ e que está sempre repleta de fluidez e movimento” (Da Matta, 1991:33). Movimento que não é apenas espacial, mas de identidades, que discutiremos adiante.

1.3 IDENTIDADE: O QUE SOMOS? O QUE O OUTRO É?

A identidade tem despertado uma atenção especial da teoria social, em particular, dos estudos culturais. A certeza de um sujeito com identidade unificada, estável e fixa tem cedido espaço, na análise de Hall (2000), a uma multiplicidade de identidades móveis,

¹⁷ A permanência e mesmo a transitoriedade de muitos michês pelo Centro passa imperceptível à maioria das pessoas devido às formas de interações e vivências deles nessas áreas. Desde uma partida de dominó à conversas com aposentados, seguranças, flanelinhas e vendedores ambulantes não despertam a atenção sobre a atividade encoberta praticada a partir das 15h, nas ruas do Centro.

¹⁸ Parahyba Palace é um prédio antigo, onde funcionam atualmente salas comerciais e restaurante panorâmico. O Parahyba Palace está localizado em frente ao Ponto Cem Réis, uma das áreas de mobilidade dos homens que fazem programa no Centro de João Pessoa.

descentradas e transitórias. A mudança, segundo a proposição de Hall, é parte integrada de um processo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais e, por conseguinte, abalando os quadros de referências que detinham os indivíduos.

No entanto, o próprio autor que tem debruçado-se sobre os estudos culturais, com ênfase na problemática da identidade, alerta que: “(...) é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas”. Hall acredita que esse conjunto de mudanças representa, de fato, a transformação da própria modernidade e não mais apenas da identidade.

A proposição de pluralidade de identidades defendida por vários autores, entre eles, Hall (Op.cit) é questionada por Costa (2002:134), ao defender que, as diferentes épocas históricas foram dominadas por ideais normativos.

(...) sugiro que a admissão da existência de modelos hegemônicos, imperativos e relativamente uniformizantes de aquisição de identidades sexuais contraria a previsão teórica de uma pluralização de identidades abertas a opções individuais. Tais opções são restritas, e a criação de novos modelos identificatórios depende menos de situações sócio-culturais localizadas do que de mudanças mais gerais nos *ethos* históricos e culturais.

Desse modo, os indivíduos não teriam um leque de opções identitárias, mas sim, modelos de identidade hegemônica a serem apreendidos em épocas distintas, como os modelos hegemônicos de masculinidade que estudaremos adiante, no Capítulo II. A identidade, como o elemento que dá sentido à vivência das pessoas em sociedade, é definida por Guattari & Rolnik (1986:68) como um conceito de referenciação, atribuindo sentidos a quadros de referências imaginários ou não.

Essa referenciação vai desembocar tanto no que os freudianos chamam de processo de identificação quanto nos procedimentos policiais, no sentido de identificação dos indivíduos – sua carteira de identidade, sua impressão digital, etc. Em outras palavras, identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável.

Guattari & Rolnik (Op.cit.) associam a identidade ao reconhecimento social, de modo que ela possa revelar muito do espaço, dos símbolos e experiências que os indivíduos compartilham. A identidade pode configurar-se de forma múltipla e plural em um mesmo indivíduo, no entanto, essa pluralidade, na análise de Castells (2002:23), é fonte permanente de tensão e contradição, sendo necessária distinção entre identidade e papéis.

(...) identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções.

A identidade surge a partir do processo de individuação, tornando-se fonte de significados para os atores sociais, enquanto que o papel social é determinado aos indivíduos pelas normas definidas e geridas pelas instituições e organizações da sociedade, de modo que a influência dessas normas depende de negociações e acordos firmados entre os indivíduos e essas instituições. Entendida por Castells (Op. Cit.) como fonte de significados para os próprios atores, por eles originadas e construídas por meio de um processo de individuação, a identidade se constitui por meio de nomes, idiomas, elementos culturais e do cotidiano, signos e símbolos que contribuem, inclusive, para a distinção entre nós e os outros, entre a identidade e a diferença. Dentre os depoimentos dos informantes coletados para esta pesquisa a fala de Carlos, 18 anos, é significativa para entender o peso social com que convive no que diz respeito à identidade e papel social.

Eu tenho um ideal de vida e um nome a zelar. A cidade é pequena e eu sou uma pessoa pública, jogava futebol em clube, por isso, que não fico tanto tempo parado nas calçadas.

O michê produz por meio da linguagem e dos símbolos referências sobre si, um enunciado que evidencia uma estreita relação entre a identidade dele e das coisas que ele fala e usa (Woodward, 2000:9-10). As práticas de fazer michê e o *trottoir*, neste caso que citamos, representariam ameaças à integridade moral de Carlos, que ressalta ter nome a zelar perante à sociedade. Ancorado na identidade de jogador de futebol, Carlos, mesmo não atuando em clube algum no momento da captação das entrevistas, ressaltou a atividade esportiva e a

visibilidade social adquirida com ela, e que seria conflitante conciliar com a prostituição que pratica, por receio que sua masculinidade seja colocada em dúvida pela frequência no meio homoerótico do Centro de João Pessoa.

O conflito existe e está configurado em um indivíduo que desempenha o papel social de jogador de futebol, espaço esse, segundo Freitas (2002), definido “inquestionavelmente” como destinado à vivência da masculinidade por ser relacionado à virilidade.

O Futebol no Brasil é uma instituição social basicamente masculina e bastante presente no mundo social público, ou seja, não se restringe a um seletivo grupo de participantes.

O futebol enquanto prática esportiva e instituição social, que desperta mobilização nacional, é um terreno de revalidação das masculinidades, onde a afetividade entre homens e a exteriorização de afetos é admitida, diferentemente do que ocorre no dia a dia (Freitas, 2002). Sendo esse, um território, em que a prática esportiva assume características de luta entre homens, descartando as mulheres e homossexuais do embate entre corpos, da provação da força e da atitude, estabelecendo mais uma vez a identidade e o papel social de homens e definindo os elementos da diferença que ultrapassam as categorias mulher e homossexual: a efeminação.

1.3.1 A alteridade - O reconhecimento da diferença

O Brasil apresenta no século XXI fortes influências de uma tradição patriarcal que instituiu o homem patriarcal, que mantinha distância em relação a todos de seu convívio (o senhor e seus escravos, o senhor e seus filhos, o senhor e sua esposa, o senhor e suas amantes) e outorgou-lhe poder para decidir sobre a vida das pessoas. (PARKER, 1991). No entanto, é por meio da linguagem cotidiana utilizada pelo povo que são construídas as noções de masculinidade e feminilidade, primeiro passo para a construção cultural de relações hierárquicas baseadas em “atividade” e “passividade”, superioridade e inferioridade.

Para MacRae (2005:300) há tradicionalmente uma divisão dos papéis sexuais entre homem e mulher, entre o ativo e o passivo.

Essa divisão é bastante arraigada, e embora discriminatória e desigual, continua a existir na cultura brasileira, podendo ser facilmente encontrada na reprodução das relações homossexuais: o homem classifica-se como “bofe” e “bicha”, e as mulheres como “fanchona” e “lady”. (Op. cit)

(...) assim como entre homem e mulher estão ocorrendo mudanças notáveis, também entre casais e *relações* [sic nosso] homossexuais está se dando uma diluição da dicotomia ativo/passivo, a par da maior democratização do relacionamento.

É preciso que ressaltemos que essa mudança de comportamento começa a dar os primeiros sinais nas metrópoles e segmentos da população com maior poder econômico, educacional e social. O que predomina enquanto discurso nacional, independente da classe social, etnia ou regional, é a dicotomia masculino-feminino. Segundo Fry (1985), a superioridade do ativo sobre o passivo é nitidamente expressa nas palavras de gírias que usamos para falar das relações como “comer”, “dar”, “chupar”, “ficar por cima” e “abrir as pernas”, como pudemos perceber em falas de nossos informantes:

Acordei com um cara me chupando, coloquei a camisinha e comi ele. Aí ele começou a me dar presentes (...). (HÉLIO, 26 anos, michê).

Tenho um colega que ele deu e virou viadagem geral, ficou efeminado. (FABIANO, 20 anos, michê).

O termo sexo oral é substituído por “chupar”, e manter a relação sexual com penetração, se transforma em “comer”, nos relatos de programas feitos pelos michês. Outro elemento importante é a relação que o michê Fabiano faz entre o ato de ser penetrado com o risco iminente de perda da masculinidade, portanto, para ele, “dar” representa o risco de deixar de ser homem. Diante do exposto, no momento da “paquera”, o cliente, seja qual for a

sua identidade de gênero ou comportamento e orientação sexual, é identificado pelos michês como homossexual¹⁹, questão que discutiremos um pouco adiante.

A identificação ocorre porque é o michê o estereótipo do macho, disponível a sexo com “viados, bichas, enrustidos, homossexuais”, termos variantes utilizados para referirem-se aos clientes.

Nos estudos que Fry (1982) desenvolveu sobre homossexualidade a partir de uma pesquisa em Belém, no Pará, utilizando como contraponto as classificações das práticas sexuais utilizadas na capital paraense e nas grandes metrópoles, chegou-se a constituição de dois sistemas classificatórios, um denominado por ele de Sistema Hierárquico e o outro Sistema Simétrico ou Igualitário.

Como havíamos discutido anteriormente, a identidade é a forma de autoconstrução de significações do mundo para si. As identidades são fabricadas, segundo Woodward (2000:39-40), por meio da marcação da diferença. Essa marcação ocorre, na análise da autora, tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social.

A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios.

A produção da identidade depende dos referenciais dos outros, seja no âmbito local ou global. É a partir da identificação do outro que o sujeito passa a destacar as diferenças no plano social, cultural e político, por exemplo. Segundo Woodward, “*os sistemas classificatórios dão ordem à vida social, sendo afirmado nas falas e nos rituais*”. Interpretaremos as práticas afetivo-sexuais dos michês em interação com os seus clientes, adaptando o modelo utilizado por Peter Fry. Baseando-nos na produção conceitual do autor, destacamos os quatro elementos a partir dos quais as identidades afetivo-sexuais são construídas:

- ✓ o sexo fisiológico (macho ou fêmea);

- ✓ as identidades de gênero, associados ao sexo fisiológico (masculino e/ou feminino);
- ✓ o comportamento sexual, referente ao ato sexual propriamente dito (ativo e/ou passivo);
- ✓ a orientação sexual (heterossexual, homossexual e bissexual).

O Sistema Hierárquico, na avaliação de Fry, é encontrado de forma generalizada no Brasil, especialmente, entre as camadas baixas e nas regiões Norte e Nordeste do país, dividindo dessa forma, os homens ou machos (sexo fisiológico) em duas categorias: “homens” e “bichas”. Com base nas entrevistas que compõem a pesquisa dessa dissertação montamos o quadro abaixo para a visualização do que se constitui como um sistema, em que as pessoas são classificadas, rotuladas, avaliadas, inseridas ou excluídas de processos de interação social no meio da prostituição. Em um segundo momento, coloca-nos de frente para a auto-elaboração da identidade do michê e ao que ela está relacionada: desempenhar o papel de ativo na relação sexual com os clientes como forma de garantir a masculinidade.

Quadro 01.

	Michê (macho)	Cliente (bicha)
Identidade	Homem	Homossexual
Identidade de Gênero	Masculino	Feminino
Comportamento Sexual	Ativo ²⁰	Passivo
Orientação Sexual	Bissexual ²¹	Homossexual

O sistema exposto no quadro acima demonstra, de modo geral, os dois sujeitos principais no contrato da prostituição viril, os michês e os clientes, e as classificações de acordo com a identidade, a identidade de gênero e os comportamentos e orientação sexual.

²⁰ Com base nos dados obtidos na pesquisa, apenas dois dos informantes afirmaram desempenhar o papel de ativo e passivo (dar e comer na linguagem popular brasileira) nas relações sexuais com os clientes.

²¹ A bissexualidade aparece nas falas dos informantes como o ato de “manter relação sexual com pessoas do mesmo sexo”, sem referência a desejos e afetos a pessoas do sexo masculino.

Sendo assim, o que se percebe de imediato nas entrevistas é que a identidade que prevalece entre os michês é a do homem, sempre colocada em contraponto com a referência do cliente, apontado como homossexual. Informações como a de serem casados, terem filhos, sentirem apenas prazer com mulher são recorrentes para em uma situação primeira, legitimar a identidade de gênero e, por sua vez, o papel social que eles dizem possuir, por serem masculinos; e, em um segundo momento, justificaria a prática, o comportamento sexual, que não poderia ser outro senão o de ativo, o único condizente com o modelo de masculino vigente socialmente nos dias atuais.

Os clientes, por sua vez, muitos embora casados, para os michês, estariam renegando as atribuições do masculino como elas são socialmente definidas. Para facilitar a visualização dos informantes desta pesquisa segue um quadro adaptado do modelo classificatório proposto por Fry.

Quadro 2.

Informantes	Sexo fisiológico	Identidade de Gênero	Comportamento Sexual	Orientação Sexual
Rafael, 29, Agenciador	Macho	Feminino	Passivo	Homossexual
Carlos, 18, michê	Macho	Masculino	Ativo ²²	Bissexual
David, 25, michê	Macho	Masculino	Ativo	Bissexual
André, 22, michê	Macho	Masculino	Ativo	Bissexual
Milton, 21, michê	Macho	Masculino /Feminino	Ativo/Passivo	Bissexual
Marcos, 24, michê	Macho	Masculino /Feminino	Ativo/Passivo	Homo
João, 19, michê	Macho	Masculino	Ativo	Bissexual
Hélio, 26, michê	Macho	Masculino	Ativo	Heterossexual
Fabiano, 20, michê	Macho	Masculino	Ativo	Heterossexual

²² Embora afirmem ter o comportamento sexual como ativo, a maioria dos informantes afirma ter tentado ou que deseja “experimentalmente” desempenhar o papel de passivo na relação com clientes.

Ao elaborar a identidade do cliente como homossexual, os michês, embora reafirmassem sentir prazer e gostar de mulher, classificaram-se como bissexuais e não como heterossexuais. Apenas um deles se definiu como homossexual, juntamente com o agenciador, no entanto, dois deles denominaram suas práticas como ativos/passivos, o que demonstra haver nessas relações “elementos” de flexibilização nas práticas sexuais que Fry enxergou na elaboração do Sistema Simétrico, em que, ao invés de existir o macho e a “bicha”, surgiria o ‘entendido’, análogo ao gay norte-americano, sujeito disposto a interações homoeróticas sem hierarquia entre os gêneros.

No campo da prostituição o reflexo dessa transitoriedade das identidades tem tido um reflexo direto nas práticas discursivas que recorrem à auto-afirmação da sexualidade e identidades de gênero ao redor de flutuações das instituições, dos saberes e do poder.

O homem está indeciso em um mundo flutuante onde os princípios de ordem não são mais claramente legitimados nem facilmente identificáveis, onde sua própria identidade permanece variável e fluida. (BALANDIER, 1997: 179)

Esse movimento e fluidez na própria identidade de modo mais geral têm relação direta com um processo mais amplo de mudanças estruturais em instituições como o Estado, a Família, a Religião, que vêm passando por mudanças, redefinindo ou assimilando novas possibilidades e posições de sujeitos sociais. Segundo Louro (2004), essa identidade de que Balandier (1997:179) também cita é, em sua definição, fragmentada e móvel, em detrimento da identidade universal.

(...) é preciso abandonar qualquer pressuposto de um sujeito unificado, que vá se desenvolvendo de modo linear e progressivo, na medida em que, pouco a pouco, em etapas sucessivas, supera obstáculos, interioriza conhecimentos e entra em contato com pessoas ou leituras.

Balandier (Op.cit), defende que a mobilidade assumida pelas identidades é uma ameaça para a chamada identidade masculina. Nos anos 60 do século passado, o universo masculino não sofreu abalo exclusivamente do movimento feminista moderno, mas também dos *Gay's Studies*, uma série de estudos acadêmicos surgidos nos Estados Unidos que enfocavam a homossexualidade, sua história e sua sociologia. (BADINTER, 1993:113).

A partir da segunda onda do Feminismo nos anos 70, quando entram em cena novos atores sociais, o movimento homossexual e a produção acadêmica dos *Gay's Studies* desenvolvem questionamentos sobre as instituições, as práticas e os privilégios do “macho”. Em função disso, entre os anos de 1970 e 1980 do século XX surgiu nos Estados Unidos e em outros países o conceito de minoria para se referir a determinados grupos sociais, incluindo, os homossexuais, com territórios, cultura e estilo de vida próprios, o que iria impactar a sociedade, devido à reivindicação por reconhecimento social.

O *status* de minoria é compreendido como um grupo de indivíduos com características físicas ou culturais que se diferenciam do resto da sociedade em que vivem por tratamento diferencial ou igualitário, e que se consideram objeto de discriminação coletiva. Havendo esse grupo minoritário implica dizer que há um grupo majoritário dominante, que possui maior *status* e maiores privilégios. (WIRTH, 1950:347).

A reivindicação pelo reconhecimento e visibilidade social feita pelo movimento homossexual gerou, segundo Badinter, conseqüências positivas e negativas no campo político. O desenvolvimento do sentimento de autoconfiança e auto-aceitação são elencados pela autora como aspectos positivos na constituição do grupo homossexual como minoria social. No entanto, persiste até os dias atuais o conflito em tendências do movimento homossexual sobre o que haveria em comum aos homossexuais e o próprio conceito de minoria. Nesse sentido, Badinter afirma que, “(...) a ênfase na idéia de minoria tornou difícil ver que a homossexualidade, explícita ou recalcada, é um aspecto da sexualidade de cada um”. A constituição da identidade homossexual como minoria, de fato, veio a engendrar a própria exclusão da qual o movimento defendia a necessidade de superação: de um lado a chamada maioria heterossexual e do outro, os homossexuais enquanto minoria.

Durante os anos de 1980, os *Gay's Studies* modificaram a estratégia, a teoria e tática de enfrentamento pela visibilidade social dos homossexuais. A partir da concepção de que a homossexualidade é um conceito amplo que ultrapassa o sentido de identidade sexual, os *Gay's Studies* mostraram que os homossexuais eram homens iguais aos demais, fazendo uma desvinculação teórica entre “identidade” e “orientação sexual” (BADINTER, 1993:115). A crítica ao essencialismo, feita pelos *Gay's Studies*, representou a disposição em combater todas as palavras que pudessem remeter à uma essência homossexual.

Revisitando os escritos que originaram o livro *Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos*, que aborda a questão da homossexualidade nos anos 50, o sociólogo José Fábio Barbosa da Silva (2005:231) descarta a utilização do conceito de minoria, adotando a

partir dessa análise a expressão “ato coletivo subversivo” ao modelo hegemônico de masculinidade: a heterossexualidade.

Na sexualidade brasileira contemporânea, o estabelecimento de um *étos* homossexual deve ser pensado como uma ação coletiva: a comunidade age para subverter o paradigma heterossexual dominante. Assim, devemos entender a construção dessa comunidade pela noção de identidade. Identidade não é fixa e se transforma com o passar do tempo. Homossexuais que eram vistos como efeminados nos anos 30, foram retratados de forma diferente no tipo *camp* nos anos 50, e no dos supermasculinos *gays* que noticiamos a partir dos anos 80.

Ao tratar o homossexual como sujeito social em permanente processo de transformação, Silva (2005) acena para a multiplicidade de subcategorias existentes no universo homossexual, da qual, inclusive, os michês, massagistas, travestis e gigolôs se incluem em permanente modificação. Estão transitando no tecido social. Dessa forma, é desprezada uma essência a ser seguida, como também um jeito uniforme de ser, de se comportar ou estar. Todos, ou boa parte deles, têm em comum a posição de sujeitos que subvertem a ordem heterossexual dominante na nossa sociedade (LOURO, 2004).

A identidade é entendida, atualmente, por Silva (2005) não como essência, mas como um atributo cultural e em permanente construção. Essa inquietação conceitual, o autor já demonstrava na década de 1950 porque havia percebido a inviabilidade de recorrer à qualificação e tipificação das relações sexuais e à constituição da imagem dos homossexuais na sociedade para a definição conceitual.

Mas, esse homossexual dos dias atuais é o mesmo sujeito social que surgiu no século XIX? O que está por trás dessa pergunta é a própria (re) significação do que significa homossexual e do heterossexual. Na análise de Carlos Alberto Messeder Pereira no artigo *O Impacto da Aids. Afirmação da ‘Cultura Gay’ e a Emergência do Debate em Torno do ‘Masculino’ – Fim da Homossexualidade?*, a identidade homossexual teria sofrido impacto de três elementos: o aparecimento da Aids que atualizou o preconceito, o estigma e modificou hábitos e práticas no plano afetivo-sexual dos homossexuais; a emergência de uma cultura gay e um modo de vida também gay, sem a radicalidade dos anos de 1960 e 1970, onde se inserem as redes de serviços, inclusive de prostituição masculina, arte e cultura *mix* e as

Paradas do Orgulho Gay²³; e a crise da visão tradicional do masculino em nossa sociedade, a partir da produção teórica dos estudos de gênero.

Jurandir Costa Freire, a exemplo de outros autores (BUTLER, 1997; PEREIRA, 2004; LOURO, 2004; LOPES 2004 e KATZ, 1997), defende a não mais utilização do termo homossexual, criado no século XIX, por entender que a palavra “está comprometida com o contexto médico-legal, psiquiátrico, sexológico e higienista de onde surgiu”. Sendo assim, proposto pelo autor, a expressão homoerótico por melhor representar a pluralidade das práticas ou desejos dos homens *same-sex-oriented*. No entanto, utilizaremos os termos homossexual e homossexualidade em referência a todo um conjunto de atos políticos do movimento GLBT, às obras dos autores que abordam a homossexualidade e às falas dos informantes.

A problematização e revisão dos modelos identitários hegemônicos na sociedade, a partir do embate teórico do movimento feminista e gay, redefiniram também as posições de homens e mulheres, não vistos como categorias universais, binárias e interdependentes, mas, como sujeitos que interagem com o meio social e suas regras, códigos, crenças e “demônios”, acionando-as ou subvertendo-as. É um processo permanente de produção como afirma Hall (2000).

1.3.2 Heterossexualidade x Homossexualidade

A heterossexualidade tem sido a forma primeira de definir as identidades de gênero e os papéis sociais, a partir de práticas afetivo-sexuais como discutimos anteriormente sobre os conceitos de identidade e papel social. Esse privilégio da heterossexualidade como legitimada em processos históricos, embora pareça antigo, não o é. A heterossexualidade e as bases que a instituíram, como a norma de conduta e comportamento, foram problematizadas por Katz em seu livro *A Invenção da Heterossexualidade*.

²³ As Paradas do Orgulho Gay estão sofrendo adaptação em todo o país no que se refere ao nome do evento devido às modificações do discurso político. A de João Pessoa que também era Parada do Orgulho Gay da Paraíba passou a ser chamada de Parada da Diversidade Sexual por aglutinar de forma mais integradora os/as simpatizantes à liberdade das identidades, práticas afetivo-sexuais e outras formas de expressão.

O termo surgiu, segundo Katz (1996), pela primeira vez nos Estados Unidos, em maio de 1892, em um artigo escrito pelo Dr. James G. Kiernan e não detinha a concepção que possui nas sociedades atuais. Heterossexual remetia à perversão, com manifestações anormais do apetite sexual, de indivíduos que periodicamente tinham inclinações para ambos os sexos, conceito que se manteve até a década de 1920. Um ano depois, o termo é retomado, dessa vez, no artigo do professor de psiquiatria e neurologia, Richard von Kraft-Ebing.

O termo hetero-sexual, (...) não faz qualquer referência explícita à reprodução, embora implicitamente sempre inclua o desejo reprodutivo. Por isso, significa da mesma forma uma normalidade erótica. Seu termo gêmeo, homo-sexual, sempre significa um desejo pelo mesmo sexo, patológico porque não é reprodutivo. (KATZ, 1996: 34)

Com essa definição, Krafft, citado por Katz, esclarece que o conceito de heterossexual proposto, ao contrário do que defendeu Kiernan, não deseja dois sexos, mas apenas um: o oposto. Associando a função física para a reprodução e o erotismo, o autor delimita a linha da qual os sujeitos não devem ultrapassar.

Katz ressalta que a invenção da palavra heterossexual e do conceito em si, para Richard von Kraft-Ebing, não criou um erotismo de sexo diferente, no entanto, “*a heterossexualidade é uma tradição inventada*”. O autor explica que essa invenção teria mais um caráter de legitimação recente e publicamente do que já existia na sociedade, em detrimento do erotismo de sexo diferente da classe média. Sob essa perspectiva, Welzer-Lang (2004) complementa que “a categoria ‘homossexual’ (não a prática designada sob essa categoria) é recente”. A partir dessas duas conceituações seguiram estudos da psicanálise, medicina, ciências sociais e jurídicas variáveis que buscaram definir e delimitar a essência de um sujeito social heterossexual e sua “imperfeição”: o homossexual.

Em outro momento, uma análise sobre a invenção da heterossexualidade aborda os efeitos do movimento feminista para a discussão sobre os privilégios sociais e sexuais, principalmente, dos homens. O movimento de feministas moderno ocasionou, segundo o autor, uma nova fase na história da heterossexualidade ao acusar a masculinidade e a heterossexualidade como problemáticas.

Essas feministas começam a revelar a existência de uma política reprodutiva, uma política de sexos e uma política de prazer que apóiam a supremacia masculina e heterossexual. (KATZ, 1996:121)

Os arranjos a que se referem as feministas fazem parte da consolidação do conceito heterossexual como normal. Foucault (1989) se debruçou sobre o surgimento da sexualidade e a vontade de verdade do período vitoriano. Essa vontade de verdade estabelece socialmente o poder implícito em sua evocação enquanto política que condensa e normaliza o sexo, regula os prazeres e as políticas de reprodução.

As formas de vivência da sexualidade que se afastam e se diferenciam da heterossexualidade é desvalorizada socialmente em relação ao modelo dominante. É dentro desse contexto que a heterossexualidade é apresentada como norma diante do surgimento conceitual da homossexualidade e do sujeito homossexual. Katz defende a extinção ou abandono por completo da relação binária das categorias heterossexual/homossexual devido à procedência e conceituação teórica que as criaram.

Os michês, como pudemos perceber, evocam o discurso de possuidores da identidade masculina e da heterossexualidade por desempenharem o papel de ativo durante a relação sexual. Esse é um discurso acionado sempre que a identidade ou virilidade dos michês é questionada pelos clientes ou por outros homens que também fazem *trottoir*.

Essa breve abordagem sobre a conceituação do termo heterossexual serve-nos para a compreensão do que vai ser desestabilizado a partir da década de 1960 do século passado, com a primeira onda do movimento feminista²⁴ e depois pelos embates promovidos pelos homossexuais, que encontraram no conceito de gênero uma das principais “ferramentas” de trabalho na escavação da hegemonia masculina na relação entre os sexos, iguais e diferentes: a heterossexualidade compulsória.

²⁴Constância Lima Duarte no artigo *Feminismo e Literatura no Brasil* (ver http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-40142003000300010 .enfoca as ondas do movimento feministas, se referindo a quatro períodos históricos distintos de reivindicações e transformações sociais em defesa dos direitos das mulheres em sociedade: 1830 – a luta pelo direito das mulheres à educação; 1870 – a defesa pela ampliação das escolas públicas femininas e o direito das mulheres ao voto; 1920 – embate rumo à cidadania, com a efetivação do direito ao voto, o acesso aos cursos superiores e a ampliação do campo de trabalho, restrito ao magistério, para as áreas do comércio, repartições, hospitais e indústrias; 1960 – das quatro ondas, a de maior repercussão no mundo por provocar discussões em torno da sexualidade e comportamentos, conhecida como a Revolução Sexual, baseado na defesa do prazer, o direito ao aborto e a liberação sexual.

1.4 GÊNERO

Nas últimas cinco décadas, a partir do embate feminista moderno, as questões de gênero têm provocado debates, modificações em sua concepção conceitual e a ampliação do campo político das discussões sobre as desigualdades de gênero entre homens e mulheres. Segundo Nascimento (mimeo), o movimento feminista colocou em questão, sobretudo, a identidade, ocasionando a sua resignificação, até então compreendida como essencialista, unificada e universal.

Interessa-nos neste trabalho ao discutir a categoria gênero, o contexto teórico que possibilita o surgimento do campo de saber sobre as Masculinidades, conceito de relevante importância para entendermos a produção e atualização das mesmas ao serem negociadas pelos michês com os cliêntes e nas interações sociais com outros michês. Conceitualmente, analisamos a produção e o processo de (re) negociação dessas masculinidades a partir de Gênero, enquanto categoria analítica e relacional como arcabouço teórico para analisar a posição fronteiriça ocupada pelos michês do Centro de João Pessoa.

Para tanto, é preciso entender a mudança teórica sobre gênero e as modificações de aceção do termo no decorrer do movimento feminista e das transformações sociais dos anos de 1960 do século XX até a hipermodernidade²⁵, época dos extremos e do individualismo exacerbado. É época de movimento pelas fronteiras, do estranho, indizível, inclassificável e de tudo que possa estar transitando em nome da transgressão normativa e reguladora das sexualidades e das identidades. No entanto, na pesquisa de campo, o que identificamos foi ao invés dessa mobilidade transitória que prevalece nas sociedades atuais, a predominância de formas de atualização do modelo hegemônico de masculinidade entre os michês, ancoradas na heterossexualidade compulsória, questão que discutiremos mais adiante no capítulo II: Masculinidades e Território.

²⁵ Lipovetski (2004) define a Hipermodernidade como o momento posterior à Pós-Modernidade, conceituada como um período de transição de um estágio ultrapassagem da Modernidade. A hipermodernidade é para Lipovetsky, ao contrário da Modernidade, integradora, não mais destruindo o passado, e sim o reintegrando. A antiga sociedade disciplinar-totalitária cede lugar à sociedade da hipervigilância com meios eletrônicos, de vigilância e identificação dos cidadãos.

1.4.1 Sexo/gênero

Comportamentos, estéticas, modos e formas definidoras do que é ser homem e ser mulher são expressos nos âmbitos da família e da casa, assim como na rua, no trabalho e na escola. De modo geral, essas diferenças são percebidas por meio da diferenciação atribuída pela família à criação dos filhos como pela sociedade às posturas, vestimentas, campos de atuação no mercado de trabalho próprios aos homens e mulheres, tendo como base a diferenciação biológica dos corpos do macho e da fêmea.

Butler (1999) argumenta que declarações classificatórias após o nascimento de uma pessoa como “*É uma menina!*” ou “*É um menino!*” podem ser entendidas como uma definição ou decisão sobre um corpo. Dessa forma, esse processo de diferenciação baseado em características meramente físicas, remete por outro lado, à constituição de produção e atribuição de significados culturais sobre os corpos (Louro, 2004:15).

A consequência direta dessa diferenciação é o que podemos denominar de adequação dos indivíduos aos papéis sexuais pré-determinados socialmente. Brinquedos, por exemplo, são feitos para identificar e delimitar o que será a vivência e o espaço masculinos e femininos. Nesse contexto, aos meninos é permitido brincar com os bonecos desde que sejam guerreiros ou então que utilizem armas. A bola é outro brinquedo determinado como “masculino” por representar jogos que requerem o enfrentamento, a disputa entre corpos e a força. Às meninas, é permitido brincar com bonecas, que remete à função de cuidadora e os jogos de casa em miniatura, com móveis e utensílios do lar. Essas divisões entre universos masculino e feminino que tomamos como exemplo não se restringem aos brinquedos, mas correspondem também às cores, comportamentos, roupas e profissões ofertadas para a “escolha” dos indivíduos. Essas diferenciações são, na maioria das vezes, hierarquizadas, estabelecendo a definição de categorias e a subordinação da mulher em detrimento do homem.

Na perspectiva de Butler (2003), nomear um corpo acontece ao supor que o sexo é um dado anterior à cultura, atribuindo a ele caráter imutável, a-histórico e binário. Dessa forma, o determinado sexo vai determinar o gênero e induzir a única e predominante forma de desejo, conformando assim, a relação sexo-gênero-sexualidade.

Ao questionar o essencialismo que permeava as noções de homem e mulher, com ênfase na crença de que a biologia é destino, o feminismo trouxe para o debate político a necessidade de discutir o que existe no corpo e para além dele. Nesta perspectiva, distinguir sexo de gênero é um primeiro passo rumo a esse entendimento. Weeks (2001) no artigo *O Corpo e a Sexualidade* define as noções de sexo, gênero e sexualidade:

- ✓ Sexo é um termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres. Embora essas distinções anatômicas sejam atribuídas no nascimento, os significados a elas associados são históricos e sociais;
- ✓ Gênero é a expressão que descreve a diferenciação social entre homens e mulheres;
- ✓ Sexualidade é a descrição para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas.

Conforme o exposto pelo autor, o sexo representa a distinção que é feita nas crianças ao nascerem a partir da diferenciação biológica, entre macho e fêmea e o gênero, por sua vez, será compreendido por meio dos significados culturais inscritos sobre os corpos, variando entre as sociedades e períodos históricos as noções de masculino e feminino. Butler (2003:24-25) defende a desvinculação do gênero, significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, do sexo propriamente dito, o que torna o gênero um artifício fluído e cambiante, segundo a autora, e passível de desconstrução para a feitura de modelos alternativos e múltiplos de gêneros.

(...) não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos.

A descontinuidade a que se refere Butler (Op. cit) é a de que homem e masculino podem significar, dentro dessa perspectiva, tanto um corpo feminino como um masculino e, por outro lado, as categorias mulher e feminino pode significar tanto um corpo masculino como um feminino.

1.4.2 Gênero, uma categoria relacional, e o Feminismo

Os estudos de gênero surgiram para colocar em discussão essas práticas no campo do saber, da política e, portanto, na sociedade como um todo. É pertinente perguntarmos: O elemento constitutivo fundamental para a esquematização e hierarquização entre os gêneros é definido pelo sexo? No decorrer da história, as imagens construídas de homens e mulheres vão sendo marcadas pelos atributos culturais que assim os diferenciam.

O gênero como elemento constitutivo das relações sociais além de ser um fenômeno histórico e social possui ampla inserção e influência no desenvolvimento e reprodução da sociedade (Veloso, 2003). A partir do final do século XIX, no Ocidente, há toda uma mobilização de luta pelos direitos das mulheres, que reivindicavam direitos civis e sociais iguais aos concedidos aos homens, que se tornou conhecida como sufrágio.

O que se registrou até a década de 80 do século passado foram ondas do movimento feminista em função de embates específicos, como a reivindicação dos direitos sociais e da participação no processo eleitoral, pelo fim das formas de violência e preconceito realizados contra o sexo feminino contidas nas produções teóricas feitas na academia e a afirmação de mulheres como heroínas, em detrimento à imagem de vítimas.

O embate se deslocava da questão da opressão e seguia, segundo Louro (1996:8), para a problemática da visibilidade social das mulheres. O propósito era “*dar visibilidade à mulher como agente social e histórico, como sujeito*”. Com isso, se abriu uma nova perspectiva de análise das desigualdades que diziam respeito diretamente às mulheres.

Dentro do próprio movimento feminista o conceito de gênero não era consenso em sua concepção e uso para enfrentamento no campo político e social. A historiadora Joan Scott (1991) produziu um clássico nesse campo de estudo intitulado *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise*, em que discorre sobre a forma como as pesquisadoras vêm trabalhando o conceito de gênero e o desconstruindo. Segundo a autora, o gênero como substituto de “mulheres” é igualmente utilizado para sugerir a impossibilidade de separar a história e as informações a respeito das mulheres da história e informações sobre os homens. Estudar um remete ao estudo do outro, nesse caso.

A contribuição da historiadora Joan Scott (1991:14) foi de fundamental importância para a compreensão do gênero no sentido relacional dos estudos sobre a hierarquização social disposta entre homens e mulheres.

(...) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. (...) Seria melhor dizer que o gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado.

Para Scott, nessa perspectiva, ao analisar as relações de dominação dos homens pelas mulheres e, em um segundo momento, dos homens pelos homens, tem essa hierarquização o principiar na forma como o poder é ou está estabelecido, normalizando o sexo aceitável socialmente e definindo-o como o ideal. O conceito de gênero, segundo a autora, implicaria quatro elementos relacionados entre si:

- ✓ “Símbolos culturalmente que evocam representações múltiplas e freqüentemente contraditórias (...)”;
- ✓ “Conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas (...)”;
- ✓ O aspecto político nas relações de gênero no âmbito micro das relações (entre os indivíduos), quanto no macro (entre as estruturas e organizações sociais);
- ✓ Os aspectos relacionados à identidade subjetiva dos indivíduos.

Diante do exposto, a definição de gênero que Scott (Op.cit) vai delineando não é apenas relacional, é também uma forma primeira de significação das relações de poder. Dessa forma, ao usar o termo categoria a autora quer expressar a importância do conceito para a análise da forma de organização, normatização e disciplinamento dos modos de ser das pessoas no convívio social.

Ao analisar as perspectivas históricas em que o termo gênero foi sendo utilizado pelo feminismo²⁶, Scott ressalta sua opção pelo conceito como relacional para analisar os períodos históricos e a interface com outras categorias.

²⁶ Scott no artigo *Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica*, se debruça sobre as perspectivas históricas do uso do termo gênero, passando pela abordagem que buscava as origens do Patriarcado, o compromisso com a tradição marxista e os estudos pós-estruturalistas e anglo-americanos para explicar a produção e reprodução da identidade de gênero.

O esboço que propus do processo de construção das relações de gênero, poderia ser utilizado para examinar a classe, a raça, a etnia, ou por assim dizer, qualquer processo social. (Scott, 1991: 16)

Essa dimensão que, a partir de Scott, o termo gênero toma, é de suma significância por desvencilhar nas relações não apenas entre homens e mulheres, mas enfocando as identidades, diferenças categoriais de raça, etnia e classe social, conceito que será amplamente utilizado, especialmente, nos anos de 1990 em diante nos Estudos Culturais. Dessa forma, não enfocando as diferenças a partir das binaridades entre homens e mulheres, mas entre sujeitos relativizados por uma gama de diferenças situacionais.

Em grande parte da produção teórica, cultural e social nas décadas de 1960 e 1970 do século XX, a expressão gênero ganhou um sentido apurado de diferença sexual, conceito que serviu de base de sustentação para as intervenções feministas no campo do conhecimento seja na academia, nos movimentos sociais e populares. O conceito para De Lauretis (1994:206-207), questionado no artigo *A Tecnologia do Gênero*, representava uma “deficiência do pensamento feminista” porque implicou recorrer às diferenças sexuais, o que representou um retorno às dicotomias homem/mulher, masculino/feminino. Outra deficiência do uso de “diferença sexual” como conceito de gênero contido no pensamento feminista, apresentado pela autora, seria a urgência da reformulação da concepção de sujeito, e das relações de subjetividades com a socialidade, segundo a autora, de uma outra forma:

(...) um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos lingüísticos e representações culturais; um sujeito ‘engendrado’ não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido. (DE LAURETIS, 1994:208).

A crítica De Lauretis (1994) e Butler (2003) à teoria feminista explica-se pela não aceitação da afirmação e visibilidade das mulheres como contraponto dos homens. Mas essa não seria a única ressalva da autora, que vê na condição de mulher enquanto categoria universal outro problema: a exclusão de todas as possibilidades de mulheres com identidades, histórias, vivências e uso de códigos culturais diferentes e múltiplos.

1.4.3 Gênero e o Masculino: um outro olhar

O mesmo embate do gênero, entendido como conceito relacional, ao analisar as relações e histórias que envolvem as mulheres seria discutido posteriormente nos estudos sobre os homens. Não compreendidos como uma categoria universal, e sim relacional, ressaltamos a importância das pesquisas desenvolvidas sobre masculinidades desenvolvidas por Kimmel (1998) e Connel (1995). Este último, em especial, é considerado pioneiro nessa área ao propor análise sobre as masculinidades enfocando as dinâmicas das estruturas de gênero.

Há uma diversidade de tipos de masculinidades, que correspondem a diferentes inserções dos homens na estrutura social, política e econômica e cultural e as trajetórias e estágios diferentes do seu ciclo vital (CONNELL, 1995:36).

Não existe para o autor, um elemento determinante das masculinidades nos indivíduos. O que há, segundo o autor, é a relação desses indivíduos com uma rede de relações no campo político, social, econômico e cultural que contribuirá para a elaboração de suas identidades e gênero em seu corpo.

A proposição de Kimmel (1998:105) sobre a construção histórica dos significados de masculinidade é a de que, enquanto um ideal hegemônico foi criado, em oposição aos “outros”, foram elaboradas masculinidades problematizadas e desvalorizadas: as subalternas.

O hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua, mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros.

A masculinidade hegemônica está baseada, de certo modo, no conceito gramsciano de hegemonia como “(...) uma forma particular de dominação na qual uma classe (ou grupo) torna legítima sua posição e obtém aceitação, quando não apoio irrestrito dos que se encontram abaixo” (Johnson, 1997:123). A desigualdade se dá a partir da exclusão social de modelos de masculinidade considerados inferiores ao predominante na sociedade: homem branco, heterossexual, classe média, por exemplo, em detrimento de homens homossexuais,

negros, índios, pobres. Entretanto, são essas mesmas diferenciações que demonstram que há múltiplos sentidos do que ser homem significa.

(...) não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. (KIMMEL, 1998: 106)

Ao analisar a produção de masculinidades Kimmel (Op.cit) complementa o pensamento de Connell ao dispor de um conjunto de proposições:

- ✓ As masculinidades variam de cultura para cultura, de qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e no decorrer da vida de qualquer homem individual;
- ✓ As masculinidades são construídas socialmente em dois campos inter-relacionados de relações de poder: nas relações entre homens e mulheres (desigualdade de gênero) e entre homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc).

Conforme o exposto por Kimmel, as masculinidades não podem ser pensadas enquanto essência a ser absorvida pelos homens em contato com o meio cultural, mas algo em permanente construção e imerso nas relações dos indivíduos em sociedade.

Dois elementos constitutivos na construção social de masculinidades, segundo Kimmel, seriam o sexismo²⁷ e a homofobia²⁸, que vêm marcando as várias histórias dos homens em sociedade. Na prática da prostituição essa homofobia é, inclusive, inserida na forma como são estabelecidas as relações contratuais, como assegura Perlongher (1987).

²⁷ Ato discriminatório ao sexo oposto.

²⁸ Aversão a homossexuais podendo chegar a práticas agressivas tanto verbais quanto físicas.

Esta predileção pelo intercuro anal (...) se corresponde com a vigência de um sistema classificatório que classifica os participantes em relações sexuais intermasculinas como ativo e passivo, conforme seu papel de insertor e insertado no coito anal. A atuação no coito sustenta, segundo este modelo, relações de poder hierárquico, onde o ativo é supostamente superior ao passivo. (PERLONGHER, 1987: 214)

Há explicitamente um desprezo no meio da prostituição masculina aos michês que demonstram afeminação ou se submetem ao sexo desempenhando o papel de passivos, o que remete para os demais à situação de “inferior”. E se fizermos uma relação com a teoria sobre as masculinidades, perceberemos que a reação dos michês frente a esses comportamentos e práticas representa na prática, a identificação do outro como o detentor de masculinidade subalterna e, portanto, inferior aos demais, como reforça Milton, michê e um dos nossos informantes.

Existe o fato da maioria não assumir postura homossexual quando eles acham que não são, que não estão. O fato de não ser passivo pra manter a masculinidade com o amigo, de certa forma, não ser motivo de ironia, anarquia, coisa espontânea.

O depoimento de Milton revela muito de sua própria condição enquanto homossexual assumido, até mais do que sobre os outros michês. O discurso afirmativo de um michê assumindo ser homossexual no meio da prostituição masculina potencializa reações das mais diversas como a ironia, a anarquia e, sobretudo, a exclusão dele por não ser “100% homem” como os demais afirmam ser. O próprio agenciador, Rafael, destaca ao referir-se a Milton como essa auto-identificação dos michês tem relação direta com a procura dos clientes e define uma das formas de exclusão na atividade de rua.

Esse aí é o único afeminado sabe, ele é homossexual, mas tá por aqui fazendo programa. Mas por incrível que pareça tem quem queira, porque ele tem aquele lance de ser versátil né, ativo e passivo ao mesmo tempo, e tem uns caras que gostam. Mas a maioria procura o garoto macho.

Estabelece-se, portanto, uma relação de predominância dos que se percebem como homens em sua integralidade sobre os que se reconhecem e assumem-se como homossexual, no entanto, tão homem como os demais. A diferença é que eles assumem que fazem programa por prazer. Portanto, as práticas, como ressalta Fry (1985), incluindo os atos “sexuais” como beijar e roçar, por exemplo, para os michês são permitidas sob o argumento da negociação financeira e não pelo prazer. O que está em jogo é a (re) afirmação da masculinidade, entendida como um atributo universal e natural inerente a todos os homens.

O masculino vem sendo problematizado desde o levante proposto pelo movimento feminista. Passando pela socialização em família, os rituais de iniciação masculina até as relações de dominação das mulheres no campo do trabalho, da rua e da casa, todos esses processos em que a produção social das masculinidades é permanente foram questionados. Como já nos referimos antes, o movimento homossexual também teve forte contribuição não se limitando apenas à análise do masculino enquanto categoria, mas do indivíduo homossexual dos anos de 1970 e 1980, dos(as) travestis e transexuais e dos bissexuais, como possibilidades identitárias.

Assim como as feminilidades, as masculinidades ocupam um lugar da dimensão simbólica e nas relações sociais e institucionais. A masculinidade, assim como a feminilidade é construída socialmente, é histórica, mutável e relacional. (CONNEL, 1995; KIMMEL, 1995)

Os autores por nós citados ressaltam a importância, mas também o caráter inventivo do que é ser masculino ou feminino nas sociedades atuais, portanto, só poderemos analisar o masculino e o feminino, contextualizando-os em seu período histórico, sob as influências de classe social, raça/etnia, faixa etária, e as formas de sociabilidades que variam histórica e culturalmente.

Em sua leitura da teoria proposta por Maria Luiza Heilborn, Goldenberg (1991) ressalta que em um aprofundamento teórico, as identidades masculinas e femininas são socialmente construídas e, portanto, passíveis de serem desnaturalizadas. O questionamento dessas duas categorias binárias tem sido o foco da chamada “política das identidades”, desenvolvida por grupos sociais historicamente subordinados que vêm reafirmando suas experiências, vivências e valores (LOURO 2004:204).

O embate há muito tempo deixou de ser apenas no campo teórico ou na mera garantia dos direitos civis. A disputa se movimenta também pelo terreno da cultura. Os grupos dos quais estamos falando vislumbram a visibilidade social, mas também o acesso e controle de espaços ditos culturais onde possam construir e produzir representações identitárias e culturais importantes.

Katz (1996) ressalta que a partir da hegemonia heterossexual, o discurso dominante é sempre o de evocar o outro como lugar da diferença²⁹, o que nos faz lembrar de Foucault quando afirma em *A Ordem do Discurso* que há narrativas como registros discursivos do instante e outras que se conservam, são retomadas e reproduzidas.

(...) há muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que 'se dizem' no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. (FOUCAULT, 2002:21-22)

Os discursos do campo médico-científico, religioso e jurídico podem ser enquadrados no segundo tipo de discurso: os que se reproduzem, possibilitando uma manutenção de discursos e, por outro lado, a (re) definição e ordenação dos discursos enquanto dispositivos de poder.

Os próprios espaços culturais de que falamos têm se debruçado inúmeras vezes para problematizar o masculino. Na televisão, muitos são os programas de entrevistas, novelas, de auditório e jornalísticos que têm enfocando a questão do masculino recorrendo ao enfoque das mudanças no plano das relações afetivo-sexuais principalmente entre homens e mulheres, como também entre homens e homens, como resultantes do surgimento de "um novo homem". Haverá mesmo esse novo homem tão disseminado na mídia? Ao que parece, a mídia, os segmentos culturais e parte de produção acadêmica têm questionado o homem hegemônico. Embora essa discussão seja pertinente, o enfoque deve sobrepujar os relatos subjetivos ou o aspecto da estética dos homens e analisar as construções históricas acerca do conceito de masculino nas sociedades e, no nosso caso, no Brasil, e sua relação com as relações de poder que estão aí imbricadas. Sendo esse novo homem algo que existe no plano

privado de forma incipiente, Nolasco (1993) enfatiza que a revolução masculina é utopia nos dias atuais.

O significado que a mídia tem atribuído a um “novo homem”, segundo ele, tem se configurado como campo antagônico ao modelo de homem anterior, em que consistia na obrigação de não ser vaidoso, não chorar e ter força e coragem. Com o surgimento desse novo modelo, ao homem é permitido ser vaidoso, chorar, aparentar ser frágil e assustado. As receitas para ser um “novo homem” estão nos livros de auto-ajuda, nos programas de aconselhamento nas Tvs e reportagens veiculadas pela mídia, que servem como “bússola” para os homens da pós-modernidade.

Segundo Garcia (1998:39), em seu artigo *Conhecer os Homens a Partir do Gênero e Para Além do Gênero*, o interesse pela masculinidade como objeto de estudo passa a ocorrer nos anos de 1960, no entanto, só a partir dos de 1970 é que começam as produções acadêmicas sobre a masculinidade, afirmando-se assim, um novo campo de saber. Nesse período o foco da análise se destinava à sexualidade dos homens. Outros enfoques se detiveram às prescrições dos papéis tradicionais de gênero, enquanto surgiam abordagens que se desenvolviam, sobretudo, no plano do relacionamento dos homens com as mulheres, com outros homens e com crianças.

Os estudos sobre os homens e as masculinidades devem recair sobre a discussão ideológica e conceitual do que é masculino, aliando à discussão de como os homens realizam suas práticas sexuais e a integração entre esses dois aspectos com o plano dos afetos (Nolasco, 1993:177).

²⁹ Katz se refere ao “outro” que o discurso heterossexual hegemônico evoca: problematiza o travesti e o transexual, fala-se sobre os não-brancos e as suas histórias, assim como resgatam a história das mulheres do ponto de vista de problematização. O que não ocorre com o homem por ser ele o centro da história documentada.

2 MASCULINIDADES E TERRITÓRIO

2.1 A GENEALOGIA DO MACHO

No mundo ocidental o status de macho não é só discursivamente valorizado. Há socialmente, um incitamento constante de comprovação da masculinidade a partir da virilidade, definido pela estética (vestimentas e acessórios, por exemplo), como pelas posturas em sociedade ou grupo (a exemplo da seriedade e agressividade). Com a revolução sexual e visibilidade dos homossexuais em sociedade com posturas variantes entre másculas e afeminadas possibilitou uma discussão sobre a identidade homossexual que vai além da aparência ou de trejeitos e da própria condição do macho.

Em junho de 2005, o jornal *The New York Times* veiculou uma reportagem com um título, no mínimo, instigante para os leitores mais curiosos: “*Como saber pela aparência se um homem é gay?*”³⁰. No meio jornalístico, o “gancho”, ou o interesse atual pelo tema, se devia à proximidade dos debates e eventos direcionados ao Orgulho Gay, lembrada e comemorada em todo o mundo entre os meses de junho e julho. A reportagem, assinada por David Coman, trás à tona a discussão sobre um possível “radar”, uma espécie de sexto sentido sem qualquer base científica que o reconheça como método legítimo, para identificar “homens machos” e “homens gays”. Segundo o jornalista, essa confusão em identificar um homem heterossexual a que estamos presenciando, é resultado da desconstrução de identidades entendidas até então como universais, ancoradas em vestimentas, comportamentos e estética.

Não é que os heterossexuais pareçam gays ou que os gays pareçam hetero. O que está acontecendo é que muitos homens migraram para um território comum onde os traços que tradicionalmente denunciavam a orientação sexual – penteado, roupa, voz, linguagem corporal – são cada vez mais ambíguos.

³⁰ A reportagem foi veiculada em versão traduzida do jornal no site www.uol.com.br no dia 20/06/2005.

Ao problematizar a identidade “homem”, o autor recorreu a traços essencialistas por entender que a voz, a linguagem corporal ou “arranjos” estéticos, por si só, denunciariam a orientação sexual dos sujeitos em questão. A verificação do grau de masculinidade dos homens tem sido vigiada nas sociedades, especialmente, com o objetivo de definir os limites entre o masculino e o feminino. Eis a decepção de muitos, como o jornalista do jornal *The New York Times*, ao se deparar com a presença de homens heterossexuais e homossexuais em espaços “guetificados” e da adoção de comportamentos que não mais os diferenciam tomando como base categorias universais de heterossexual e homossexual.

O cumprimento do papel social do homem, independente da idade que possua, no âmbito das relações, das interações com outros indivíduos e instituições, do espaço público e privado, tem sido uma preocupação freqüente nas sociedades. Esse monitoramento identificado por Nolasco (1993), Badinter (1993), Trevisan (1998) e Albuquerque (2003) têm o olhar voltado para as brincadeiras, às expressões e comportamentos a fim de mantê-los sintonizados com os códigos do modelo patriarcal.

Os homens passam por adestramentos durante toda a infância para aniquilar os aspectos de subjetividade, afetividade e fragilidade que possam apresentar e os associar ao que socialmente é determinado ao gênero feminino. Na adolescência, há que se provar através das primeiras relações, o desempenho sexual. Na fase adulta, é a desenvoltura sexual, aliada à aquisição de várias parceiras, que estabelece para o homem o *status* de virilidade, como destaca Machado:

Assim, macho mesmo, do ponto de vista sexual é fraco, ou seja, não se segura. A virilidade supõe, então a disponibilidade total para a realização da atividade sexual e está associada ao lugar simbólico do masculino como lugar da iniciativa sexual. (MACHADO, 2004: 43).

No campo da sexualidade, a idéia de “macho” centrada no lugar simbólico do masculino como o lugar da iniciativa, parece segundo Machado (2004:45), fundar a crença na idéia de macho social, que detém a iniciativa e impõe sua vontade no plano social. Citando Georges Bataille, a autora resgata a concepção do modelo do erotismo ocidental, em que o masculino é sempre o sujeito da relação sexual e o feminino, o objeto a ser apoderado.

Nessa longa caminhada de provações, deveres, metas, limites a serem, não apenas cumpridos, mas, sobretudo, ultrapassados pelos homens, Badinter afirma que:

A virilidade não é dada de saída. Deve ser construída, digamos 'fabricada'. O homem é, portanto, uma espécie de artefato e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito. (1993:04)

O esforço para alcançar a virilidade torna-se algo problemático para o homem, sem parâmetros nas sociedades. Embora continuemos a afirmar que masculinidade e feminilidade são atributos culturais, no universo masculino há um esforço constante e vigilante para que os homens alcancem a masculinidade. No Nordeste brasileiro, esse "patrulhamento" do homem e do lugar que ele ocupa tem recebido, no decorrer de décadas, uma atenção especial por ser o nordestino um arquétipo que possibilita o cruzamento de uma identidade regional e de uma identidade de gênero e atualiza várias imagens que antes representavam os habitantes do lugar: o nortista, o sertanejo, o brejeiro, o praieiro (ALBUQUERQUE, 2003: 20).

Segundo o autor, o termo nordestino, bem como Nordeste, são relativamente recentes, tendo surgido no início do século XX. O Nordeste enquanto conceito, inicialmente, designava as áreas de atuação da *Inspetoria de Obras Contra as Secas*, no entanto, no decorrer da história vai ganhando significação histórica, cultural, econômica, política e até artística na condição de espaço regional. O termo nordestino, por sua vez, é definido como referente a um homem na contramão da modernidade.

Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos; um macho, capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril, capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava. (ALBUQUERQUE, 2003: 162).

Diante das transformações em curso como o crescimento das zonas urbanas, em detrimento da rural, o processo de industrialização e o declínio do patriarcado, o nordestino citado pelo autor, com suas características de virilidade, aspereza e conservadorismo, teria de ser atualizado conceitualmente para resgatar o patriarcalismo e reagir à feminização em curso no mundo. Nessa tentativa de construção de um modelo nordestino, o que houve foi uma fusão de tipos regionais configurados no passado como citamos o sertanejo, o praieiro, o brejeiro aliado a figuras que não representavam tipos sociais como o jagunço, o vaqueiro, o caboclo, o retirante. O que provém disso é a elaboração de um nordestino dotado de traços de

determinismo racial ou geográfico, como ressalta Albuquerque (2003) como de cunho culturalista.

A definição do que é ser homem está em todas as partes, da cultura à política, das relações familiares e cotidianas ao campo do trabalho, sendo elemento fundamental na afirmação da imagem do que deve ser nordestino: macho, valente, agressivo, forte, viril. Essa definição é uma herança do sistema patriarcal vivido pelo Brasil, que contrapôs homem e mulher e, por extensão, os conceitos de masculinidade e feminilidade.

Nolasco (1993) em sua incursão pelo universo masculino no livro *O Mito da Masculinidade* afirma ser descrente quanto ao surgimento de um “novo homem” como um conceito transformador para os homens, no entanto, o autor enfatiza que o que estamos presenciando é uma “autorização social” para que eles participem de atividades até então consideradas femininas.

2.2 A FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA: SER HOMEM OU NÃO SER?

Experimentar novas possibilidades, desejos e práticas. Com a pós-modernidade, o humano se vê diante de uma espécie de “liquidificador”, em que são adicionados conceitos existentes anteriormente e novas possibilidades conceituais. As identidades na pós-modernidade tornam-se desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos, dando margem para um sentimento de incerteza nos sujeitos com identidades que parecem flutuar livremente (HALL, 2002:75).

No cotidiano de uma sociedade cada vez mais globalizada, somos confrontados por uma gama de diferentes identidades, como afirma Hall. Segundo o autor, o que está diante de nós é um “supermercado cultural”, com “*diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelo a diferentes partes de nós)*” (HALL, 2002:75).

A fragmentação identitária e o supermercado cultural enquanto conceitos da teoria cultural depõem contra a própria condição da identidade como algo fixo, dada, e, abre portas para a confusão identitária que vivem os homens, diante do ideal hegemônico de masculinidade. Em sociedade, uma das primeiras preocupações do sujeito masculino é poder afirmar publicamente qual a sua identidade, qual o seu gênero, muito embora essas inquietações não sejam exteriorizadas desta forma, mas pelos usos de signos, símbolos e práticas cotidianas.

Podemos verificar essa preocupação dos informantes entrevistados que fazem a prostituição viril de rua, os michês, que através da identidade teriam que dar respostas à sociedade. A partir da pergunta: “*O que é ser homem para você?*”, identificamos compreensões distintas nas respostas dos informantes no que se refere a ser homem, desde a associação à responsabilidade e à moral, como o fizeram André, Fabiano e Carlos até a negação da fraqueza e do “desmunhecar”. Nos exemplos citados, o respeito e a consideração moral a que se referem os informantes é, sobretudo, a questão da honra na construção do que é ser macho.

Respeito e consideração moral. Não deixar ninguém lhe rebaixar, lhe desrespeitar. (ANDRÉ, 22 anos, michê).

E:

Ser homem pra mim é tudo, é ter moral de homem, andar na boa como outro qualquer. (FABIANO, 20 anos, michê).

Ser homem é manter o respeito na sociedade porque não tem diferença o homossexual que se considera mulher. Mais vale o respeito que se coloca pra sociedade. Acho que ser homem é manter o respeito diante de todos acima de tudo. (CARLOS, 18 anos, michê).

As respostas, ao contrário do que pudemos imaginar inicialmente, não remeteram à associação de que ser homem é ser o “macho comedor”, citado por Fry (1985) como sujeito integrante de um Brasil popular. Os michês João e Milton, ao invés de afirmar o que representava ser homem para eles, explicaram o que eles não deveriam ser: fraco, mentiroso e afeminado, sendo este último a representação do ser penetrado. Todas essas características citadas pelos michês configuram traços do modelo de homem identificado na cultura brasileira, inspirados no modelo patriarcal que estabelecia ao homem o papel de provedor e o centro das decisões sobre a casa, a família e os empregados, como também a autorização social para tomada de decisões através da força. O aspecto primordial para os michês é o reconhecimento social, os legitimando como homens.

Ser homem é não demonstrar nenhuma fraqueza, ser sincero, realizar a pessoa sexualmente e ser realizado. Os dois, né, realizar e se realizar, mas tem que responder: Ser homem é realizar! Porque tá satisfazendo o companheiro, a companheira. (DAVID, 25 anos).

Diante das ruas e de tantas possibilidades identitárias, Hélio, 26 anos, um dos mais experientes michês que atuam no Centro da cidade, relativiza o conceito de ser homem. Para ele, o fato de possuir um “pau”, o órgão sexual masculino, não encerra a questão.

Hoje em dia é relativo. Só porque tem pau é homem? Não é isso. É se garantir no que faz. (HÉLIO, 26 anos).

A atualização do modelo de masculinidade hegemônica dar-se, como destacado em seu depoimento, na relação feita entre ser homem e atitudes de enfrentamentos que ele possa desenvolver a todo tipo de adversidades que cruze o seu caminho. O modelo de homem percebido por Hélio não é do possuidor do genital do macho, mas do homem que se joga às ruas e enfrenta a tudo e todos com “o seu lado mais homem”: a virilidade, a agressividade e a força. Contrariamente ao que encontramos em campo, Nolasco (1993) ao desenvolver uma pesquisa com 25 homens nos anos 90 na intenção de descobrir o que significava ser homem, se deparou com outro tipo de percepção do universo masculino: 92% dos entrevistados responderam que era “ter um pênis”. A associação a “ser homem” foi imediatamente vinculada ao órgão sexual.

Badinter (1993) enfatiza que a recusa e repulsa à vinculação com afeminação é o princípio básico para os homens na garantia da masculinidade. Na opinião de Milton, 21 anos, ser homem “*é ser honesto, não ficar por aí desmunhecando...*”. Dessa forma, o informante associa ao indivíduo que desmunheca a característica de desonesto por rejeitar os comportamentos viris. Ao ser indagado, João demonstrou-se reticente e após alguns instantes em silêncio resumiu: “*Não sei...*”.

Insistimos com a pergunta, pedindo que o informante explicasse o que significava para ele ser homem e a resposta foi novamente negativa. Identificando a dificuldade apresentada por João, modificamos a pergunta, invertendo-a. Ao invés de indagar sobre o sentido de ser homem, buscamos identificar que formas de exclusão o mesmo realiza para chegar a sua vivência de homem: “*O que não é ser homem para você?*”.

Não ser homem é ser homossexual. (JOÃO, 19 anos, michê).

A compreensão de João é que ser homossexual significa possuir atributos de “feminilidade”, como ele mesmo explicou durante o diálogo, portanto, qualquer traço feminino seria uma forte ameaça para sua masculinidade. No que se refere ao universo masculino, as atitudes e comportamentos adotados pelos homens de forma geral, incluindo os michês, diante da homossexualidade, seja aversão ou adesão, nos aponta para a existência de um fantasma que ora seduz ora os faz temer (NOLASCO, 1993:120). No entanto, é preciso que consideremos que nas interações sociais na área da prostituição no Centro, os sujeitos detêm pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (HALL, 2000:112) e “mergulham” em uma disputa permanente do poder, não de um se apoderando do outro, mas da negociação constante entre forças³¹.

2.3 BATENDO CALÇADAS AO ENTARDECER: A PROSTITUIÇÃO MASCULINA DE RUA

O relógio marca 15h. Neste horário, muitos dos michês informantes desta pesquisa começam o ritual de preparação para descer dos bairros onde moram rumo ao Centro de João Pessoa: contatar o agenciador e outros colegas de profissão, tomar banho, trocar de roupa e se dirigir a uma parada de ônibus à espera de transporte público que os levará ao Centro. A maioria vem de bairros da chamada periferia da cidade: Ilha do Bispo, Cruz das Armas, Mandacaru, Conjunto Padre Zé, Varadouro e Mangabeira.

O caminho percorrido pelos michês até a região homoerótica do Centro é basicamente o mesmo: descem na Lagoa³², transitam inicialmente pelo Ponto de Cem Réis, passam pelo Terminal Rodoviário, apenas alguns deles, até chegar à Praça João Pessoa, último ponto antes do retorno à Lagoa no início da noite, local onde transitam cerca de 80 mil pessoas³³ durante todo o dia.

³¹ Sobre esta relação entre cliente-michê ver o Capítulo III desta dissertação.

³² A Lagoa é o nome popularmente conhecido do Parque Sólon de Lucena, espaço que concentra as paradas de ônibus de todas as linhas que trafegam rumo ao Centro da cidade e concentra ao seu redor o comércio formal e informal, estabelecimentos de lazer como os quiosques que funcionam como bares, muitos deles freqüentados pelos michês, pista de skate e área verde formada por vários tipos de vegetação, incluindo, o pau-brasil, árvore nativa.

³³ Informação divulgada por técnicos da Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura Municipal de João Pessoa na imprensa. Após a consolidação do Termino da Integração, no Varadouro, no final de 2005, este número diminuiu especialmente durante a noite.

O espaço é aglutinador de pessoas de todas as classes sociais, muitas delas freqüentadoras da Lagoa no final da tarde e início da noite, período em que os quiosques são mais procurados para o consumo de bebidas, bater papo, cantar em videokê e paquerar.

Na área homoerótica do Centro de João Pessoa não há a constituição de um grupo homogêneo de michês, mas sim indivíduos - agenciados pela mesma pessoa, Rafael -, que compartilham em várias situações do mesmo espaço e disputam até o mesmo possível “cliente” na tática da paquera. Essa é uma das principais diferenças percebida por nós entre a prostituição masculina de rua que havia nos anos 90 em João Pessoa e a cena atual do “mercado viril” pessoense, que detém traço semelhante ao que Perlongher (1987) identificou na zona homoerótica de São Paulo durante sua pesquisa:

Não cabe considerar esta pesquisa como um estudo sobre uma ‘comunidade’, nem sequer sobre um ‘grupo’, mas como uma abordagem de certa prática e das populações nelas envolvidas. O fato de que sua confecção compartilhe as imprevisibilidades (relativas) do *trottoir* não tira, achamos valor às conclusões que se inferem; porém, as submete à marca dessa prática. (PERLONGHER, 1987:39).

Nos anos 90 existia um grupo definido e estabelecido em um ponto fixo na rua. A batida de calçada começava por volta das 19h, quando o agenciador chegava, e aos poucos, os michês apareceriam na rua. A área definida por eles para atuarem era o localizado na Rua Visconde de Pelotas, próximo ao viaduto com a Rua Miguel Couto, que ainda preserva bancos de cimento, um gradeado que dá acesso aos banheiros subterrâneos, embora desativado há anos, e ilhas de telefones públicos. Era nesse espaço, que os michês e o agenciador se reuniam na rua. Todos freqüentavam o ponto cotidianamente e mesmo quando isso não ocorria, os demais sabiam o destino do michê. Havia, de fato, um laço afetivo que os envolvia até em falas de algum dos michês como “venha cá, minha nega”, referindo-se a Rafael que é negro. Ou então, na troca de informações e experiências sobre os clientes, que eram socializadas como fez Snoop³⁴, outro informante dessa época que “sumiu” das ruas: *“aquele viado que sai é meio doido, sei lá queria só que eu ficasse gemendo e batendo*

³⁴ Snoop era um dos apelidos com que o michê era conhecido nas ruas de João Pessoa entre 1999 e 2001, período em que atuou no Centro e foi agenciado por Rafael. Esporadicamente, durante as observações de campo, o encontramos em bares próximo ao Terminal da Integração, no Varadouro, de bermuda jeans, sem camisa, com um possível cliente bebendo cerveja. O espaço que esses bares ocupam é intermediário entre o Terminal Rodoviário e a Praça João Pessoa.

punheta pra ele gozar. Se tu for sair com ele já sabe...”, falando para Cássio³⁵, outro michê que atuava na rua nos anos 90. A troca de informações sobre os clientes ou o relato dos programas, no nosso entender, funciona como uma forma de “exorcizar” os fantasmas que atormentam a masculinidade dos michês e reafirmá-la diante dos demais.

A prostituição de rua que existe no Centro está inserida no espaço homoerótico, mesmo sem a formação de um grupo constituído como anteriormente identificado. Durante a coleta dos dados de campo, Rafael afirmou agenciar apenas seis jovens, no entanto, no decorrer da pesquisa fomos identificando outros jovens que também mantinham contatos com ele, o que nos fez perguntar novamente o número de agenciados, que de seis jovens em um primeiro momento, subiu para cerca de 30. Em uma primeira análise identificamos com base no sistema classificatório apresentado no Capítulo I, a distribuição dos michês, baseado em dois níveis que terminam por se fundir: o territorial e o categorial. O primeiro se refere aos deslocamentos dos michês nos espaços, em função da busca ou fuga de clientes das ruas, da interferência da polícia na área e da realização de eventos de grande porte como Festa de Nossa Senhora das Neves³⁶. O categorial, por sua vez, está diretamente ligado à classificação identitária e os deslocamentos possíveis em decorrência dos comportamentos ocasionados por essas modificações. O que encontramos no campo foi a flutuação de dias, horários e espaços freqüentados, como áreas de trânsito muito maior do que de permanência e de construção de sentidos. Merece aqui uma apresentação dos nossos informantes:

Rafael, 29 anos, agenciador, 1,72m de altura, negro, declaradamente homossexual, atua na prostituição desde os 16 anos, quando se iniciou como michê, aos 16 anos. Atualmente agencia cerca de 30 jovens no Centro da cidade.

Carlos, 18 anos, michê, negro, 1,71m de altura, corpo atlético e estudante do ensino médio, trabalha como vendedor de passes e vale-transporte avulsos na área do Centro e diz atuar como jogador de futebol.

³⁵ Cássio, michê com 20 anos na época da pesquisa (1999), que desenvolvemos nas ruas do Centro de João Pessoa. Ver LIMA, Wagner de Oliveira. *Contrato de virilidade: uma grande reportagem sobre a prostituição masculina no Centro de João Pessoa*. Projeto Experimental do curso de Comunicação Social. João Pessoa: UFPB, 2000.

³⁶ A Festa de Nossa Senhora das Neves é realizada entre a última semana de julho e a primeira de agosto, tendo seu ápice no dia 5 de agosto, data do aniversário da cidade de João Pessoa. Durante o período da festa, há um esvaziamento visível na área do Centro com exceção da área onde está sendo realizada a festa, geralmente nas proximidades da Praça Dom Adauto, a Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves e Igreja de São Francisco.

David, 25 anos, michê, moreno, olhos verdes, 1,65m de altura, com pouco nível de instrução, atua na prostituição desde os 18 anos.

André, 22 anos, michê, moreno, 1,78m de altura, corpo definido, mantém, segundo Rafael, um relacionamento com o irmão do agenciador, que também é homossexual.

Milton, 21 anos, michê, moreno, 1,70m de altura, é um dos poucos que não é de João Pessoa. Mora em Bayeux, município distante cerca de 5km de João Pessoa. Atua na prostituição há pouco mais de dois anos.

Marcos, 24 anos, michê. Moreno, 1,72m de altura, olhos verdes, atua basicamente na Praça João Pessoa, através de programas “arranjados” por Rafael.

João, 19 anos, michê, moreno, 1,70m de altura, corpo atlético, é sobrinho de Marcos e está na prostituição há poucos meses.

Hélio, 26 anos, michê, branco, 1,80m de altura, é um dos michês mais antigos em atuação no Centro de João Pessoa. Atualmente trabalha em João Pessoa (PB) e em Natal (RN).

Adriano, 20 anos, michê, moreno, 1,70m de altura, é o mais atuante na área do Terminal Rodoviário, embora freqüente assiduamente também a Praça João Pessoa.

Conhecidos os informantes, nosso “passeio” pela região homoerótica começa pela Praça João Pessoa, onde juntamente com Rafael, o agenciador, estavam os michês Marcos, 24 anos, João, 19 anos e Tiago, 19 anos. Ao iniciar nossa primeira conversa na Praça João Pessoa, Marcos se manteve de pé em frente ao banco onde estavam João e Tiago³⁷. Enquanto era apresentado aos três michês, percebia que eles estavam atentos à identificação de possíveis clientes que transitavam pela praça. Em uma primeira etapa de entrevistas, Tiago foi

³⁷ Tiago foi o único michê abordado que não aceitou ser entrevistado e foi embora da Praça João Pessoa, depois de conversar com Rafael a sós, por isso, o seu nome não aparece na tabela com as entrevistas e na análise desta dissertação.

o único que não se dispôs a colaborar prestando informações sobre a atividade que desenvolve nas ruas do Centro e foi embora do local. Marcos e João aceitaram participar das entrevistas.

Moreno, cabelos castanhos escuros, olhos verdes, estatura de aproximadamente 1,72m, Marcos vestia camiseta regata preta com detalhes coloridos, bermuda preta e sandálias. Uma diferença percebida em seu corpo, em relação aos demais é que ele, Marcos, é o único a ter a orelha furada e a usar também piercing nas sobrancelhas. Rafael inicialmente não demonstrou interesse que ele falasse e revelou-nos em particular o porquê.

Acho que você não queria afeminado né? Como Marcos... Ele é o único aqui homossexual mesmo, que faz porque gosta. Mas aqui aparece cada boyzinho lindo e tudo ativo. As bicha ficam louca né. Não é disso que elas gostam, de rola?

Para surpresa de Rafael, Marcos foi incluído entre os entrevistados. Como informante ele nos possibilitaria ver como se dão as relações do michê que assume sua homossexualidade com os clientes e os demais michês. Esta problemática, a da identidade sexual, configurou-se em uma das perguntas feitas aos informantes. Queríamos entender como eles construíam sentidos não apenas em relação à prática, mas como eles se percebiam diante das identidades pertencentes a um supermercado cultural (Hall, 2001). Ao serem perguntados se eram gays, homossexuais, bissexuais ou heterossexuais, as respostas remeteram desde a identidade “homem”, bissexual até a homossexualidade. David acionou discursivamente a identidade “homem”, relacionando-a ao comportamento sexual.

Eu me considero homem porque eu sempre faço a parte do homem. Pra mim a parte do homem é não ser tocado nas partes íntimas: na bunda. Não deixar penetrar. Tocar, relar, normal, mas não deixar penetrar. (DAVID, 25 anos, michê)

A justificativa de ser homem recai sobre a prática de ser, tanto socialmente quanto sexualmente, o que cabe definido socialmente ao homem, que discutimos anteriormente. E para atingir esse *status*, o próprio michê sabe até onde os desejos são negociáveis e os limites que o próprio corpo deve assumir para que prevaleça o sigilo sobre a atividade como destaca Fabiano.

Eu me considero homem. Ninguém sabe de mim. Fui casado 3 anos e 2 meses e ela não sabe. Tenho um filho de 8 meses, mas tô separado agora. E ela nunca soube de nada. (FABIANO, 20 anos, michê).

O que discutimos é até que ponto essa masculinidade encontrada nos michês é fixa ou é construída permanentemente e como se dá a atualização do modelo de masculinidade hegemônica em função dos “perigos” que eles encontram ao se jogar às ruas diante de identidades como as dos homossexuais e bissexuais.

Estava anoitecendo quando Hélio, um dos mais experientes michês em atuação em João Pessoa, apareceu na Praça João Pessoa. Estava dando, segundo ele, um “rolé”, antes de chegar até à Praça. Hélio sabe que ao assumir sentir prazer durante os programas corre-se o risco de ser categorizado como “bicha”, portanto, vem dele a justificativa financeira para estar na prostituição.

Eu curto pela grana, necessidade. Fui casado dos 19 anos aos 23 anos e tenho uma filha de quatro anos. (HÉLIO, 26 anos, michê).

O aspecto econômico da prostituição, ou seja, atuar como michês nas ruas, é apontado como a saída para resolver os problemas de dinheiro de muitos dos jovens informantes desta pesquisa. O grau de envolvimento do informante Hélio com a prostituição é tamanho que ele atua em João Pessoa como michê, desde os 18 anos, portanto, está “batendo calçada” há oito anos. E atualmente, vai às ruas para conseguir dinheiro que lhe possibilite o sustento em temporadas na capital do Rio Grande Norte, Natal, onde, segundo ele, o número de clientes é maior e os preços do “mercado” são superiores aos praticados em João Pessoa. Neste caso, a questão econômica se transforma em necessidade que une em uma só prática, a busca por dinheiro e a consumação de desejos. Os demais informantes se detiveram à auto-definição como bissexuais porque “saem” ou “curtem homem e mulher”, entretanto, a afirmação desta condição só é possível se os michês forem os ativos nas relações com outros homens.

Sou bissexual. (JOÃO, 19 anos, michê).

Eu sou bi. Bi num é o que sai com mulher e homem? Então, eu sou bi. (ANDRÉ, 22 anos, michê).

Faço programa, não vou dizer que não faço como muitos por aí. Eu digo logo que faço programa e sou bi. (MILTON, 21 anos, michê).

Acho que me considero bi. Pra mim é tão normal transar com uma mulher, como faço com minha mulher, como com um homossexual. Se você perceber, muitos homossexuais dão mais prazer do que algumas mulheres. Sinto do mesmo jeito. Olha vou falar uma coisa: prazer! (CARLOS, 18 anos, michê).

A forma como a categoria bissexual é citada pelos informantes remete à desvinculação do afeto/sentimento do desejo/prazer. Se dispor a manter relações com outros homens não implicaria problemas desde que seja pela consumação do prazer. A inclusão do afeto nas relações demandaria laços homoeróticos, os quais os michês se desvinculam nas ruas o tempo todo para não “sujar sua imagem”.

O bissexual citado pelos informantes, enquanto personagem surgiu, segundo Fry (1985), “*profundamente ambíguo e muitas vezes mal visto tanto por hétero quanto pelos homossexuais*”. Diferente do que definia o autor na década de 80, a bissexualidade a partir da década de 90 ganha uma conotação diferente, transformando-se em uma das expressões possíveis da Diversidade Sexual, expressão utilizada pelos movimentos GLBT que também engloba homossexuais, como nossos informantes Rafael, o agenciador, e Marcos.

Sou homossexual. (RAFAEL, 29 anos, agenciador).

Eu tive namorado durante sete anos. Sou homossexual, ou então, bi porque eu curto mulher também. (MARCOS, 24 anos, michê).

A alternância entre as identidades homossexual e bissexual feita por Marcos ao definir-se demonstra o quanto é tensa essa situação diante dos demais, tanto os outros michês, quanto diante de passantes e clientes. Ao passo que afirma ser homossexual e tenha vivido um relacionamento de sete anos com outro homem, Marcos sentiu o peso de sua afirmação, passando a equilibrar-se na categoria bissexual, como os demais. O peso a que nos referimos é o do preconceito e do estigma a que estão sujeitos os michês, assim como ocorre com as mulheres e travestis atuantes na prostituição, embora eles mesmos, os michês, discursivamente afirmem não sentir preconceito, já que estão na rua por necessidade

financeira e não por prazer, reforçando desse modo, a estratégia de atualização da masculinidade hegemônica. O fato de serem “homens” não demandaria motivos para discriminação. No entanto, nas histórias vividas no cotidiano a experiência é outra. Sobre o preconceito na prostituição, João ressalta que a saída das ruas o livrará dos fantasmas da “má fama” e dos riscos de contrair doenças sexualmente transmissíveis, duas possíveis conseqüências do acúmulo de muitos clientes.

Rapaz não quero continuar fazendo programa, se arrumar uma coisa melhor... porque na rua é arriscado de pegar uma doença, os outros falam muito, ficam muito conhecidos... Quando eu saio não digo meu nome porque o cara não pode ficar muito visado. Tenho namorada, aí se falar comigo em alguma festa ou lugar, falo que não conheço. (JOÃO, 19 anos, michê).

As expressões “ficar falado” ou “ficar visado” podem ser entendidas como o reflexo do receio de Marcos, e dos demais michês, diante dos estigmas que podem estar sujeitos, de ser taxado de homossexuais, pederastas, viados, bichas, maricas, no entanto, o maior deles é o de ter a reputação de homem arranhada. O estigma é entendido aqui na perspectiva teórica de Goffman (1975). O termo, criado pelos gregos para se referir ao *status* moral de quem possuía marcas, visíveis socialmente pelos sinais que eram feitos com cortes ou fogo no corpo, definia as pessoas “poluídas” a serem evitadas no convívio social.

Na atualidade, o termo tem sido utilizado, segundo Goffman (1975:13), em referência *a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos*. O estigma é a marca para os que não correspondem às expectativas sociais e não cumprem as normas exigidas do ponto de vista social como, por exemplo, as/os prostitutas/os, os/as homossexuais, os portadores de necessidades especiais³⁸.

Não teve barreira nenhum porque todo mundo cabeça né. Mas o povo de fora tem preconceito, não gosta de gente volúvel e se eu um dia conhecer alguém? É complicado pra mim tá aqui. A gente não pode tá escolhendo, se fosse uma coisa que rendesse lucro... Eu tô desempregado, por isso... (MARCOS, 24 anos, michê).

³⁸ Expressão utilizada atualmente para designar deficientes físicos.

A aceitação diante dos outros michês se contrapõe ao preconceito do “povo de fora”, como afirma Marcos. A preocupação dele é qual imagem irá ter socialmente ao fazer michê e se ela atrapalhará um futuro relacionamento. Esta é uma fala de quem está sozinho, sem relacionamento. Para os michês que possuem companheiras, mulheres, namoradas, o receio é outro: que descubram o desejo, que foi ou continua sendo oculto para a família, os amigos e a sociedade num plano mais micro, onde eles residem.

Já bateu arrependimento. Ai, bateu arrependimento, porque tô parado e fiquei pensando na minha cara de pau. Penso em desistir geral, em janeiro (2006) vou trabalhar novamente. Já fui a Oca³⁹ e não gostei, mais porque o clima lá dentro é pesado, muito homem se beijando. (FABIANO, 20 anos, michê).

Conhecido, mas que tá envolvido no meio, sabe de mim, mas a minha família não. Moro com minha mãe em Cruz das Armas, ela iria ignorar se soubesse porque já tem aquele preconceito. (DAVID, 25 anos, michê).

O preconceito é visto como algo externo a eles. Quem detém o preconceito é a sociedade que os discrimina, ignora-os e estigmatiza-os. No entanto, os mecanismos e arranjos de exclusão entre eles funcionam seguindo regras morais, sociais de forma relativizada.

Tem muito preconceito porque ele, o garoto, é resolvido ou ambos não são e as pessoas falam do que não conseguem entender. (RAFAEL, 29 anos, agenciador).

Tenho um colega que ele deu e virou viadagem geral, ficou efeminado. Se eu desse não partia pra essa. Tá no ser do jeito que eu era. Eu não só curto homem como curto mulher geral. E ele curtiu os dois, depois que deu, ficou curtindo só com homem. (FABIANO, 20 anos, michê).

No cotidiano dos michês e nas relações que os mesmos desenvolvem nas ruas, o preconceito possui um significativo impacto por ocasionar formas de exclusão de uns informantes em detrimento de outros. Rafael, o agenciador, destaca que ambos, clientes e michês, falam do que não entendem, se referindo ao preconceito, conceituado pelo Dicionário Aurélio como a elaboração de um conceito ou opinião anterior sem uma maior ponderação

³⁹ Sua Oca Bar era um bar/boate que funcionou durante o ano de 2005, época em que realizamos a pesquisa, na rua Duque de Caxias, Centro, área que desde os anos 90 atrai bares GLBT, a exemplo de Sem Censura Bar, Órbita, Folhetim, Bambuluá, etc. Atualmente o prédio onde funcionava o bar permanece fechado.

sobre os fatos ou situações. Fabiano, por sua vez, lança comentários negativos a um amigo que fazia programa e após sair como passivo “ficou efeminado”. O preconceito, para Fabiano, está vinculado ao receio direto de “experimentar” situações que possam ser desagradáveis como outros michês enfrentaram. Ele cita o exemplo do amigo que ao sair atuando como passivo na relação sexual, não abandonou mais a prática e, segundo ele, “virou viadagem geral”. Hélio destaca um outro aspecto que está na própria identidade deles, enquanto homens que se prostituem. Para ele, a expressão michê possui uma carga discriminatória no mundo homoerótico:

Michê é negócio pra... michê é micharia. É garoto de programa. (HÉLIO, 26 anos, michê).

No meio GLBT e nas ruas, a expressão michê foi recebendo nos últimos anos um *status* de periculosidade, devido à divulgação freqüente de notícias sobre assassinatos, latrocínios e roubos praticados por michês contra seus clientes. Devido à clandestinidade da profissão, há dificuldade em distinguir o michê dos marginais que perambulam pelo Centro e que se infiltram na atividade do *trottoir* nos mesmos espaços. Esta é mais uma marca “cravada” em muitos dos michês que perambulam nas ruas do Centro.

No campo teórico, segundo Perlongher (1987:17-19), a prática que executam dá-lhes o *status* de michê, portanto, apoiamo-nos na conceituação do autor para a denominação do objeto desta pesquisa. Devido a essa rejeição ao nome, eles, os michês falam de si utilizando expressões como “boy”, “garoto” ou “garoto de programa”. A palavra michê surge quando é necessário citar um prostituto rival ou que trouxe problemas para os demais. “*Aquilo é um michezinho safado*”, frase comum de ser ouvida na rua.

Carlos, por sua vez, ao responder se há preconceito na prostituição nos dá margem a refletir como ele se manifesta. A justificativa para a discriminação que a sociedade “impõe” aos homossexuais, segundo ele, deve-se ao fato deles também não imporem respeito, rejeitando mudanças no jeito de ser, voz e na vestimenta.

É trabalho como qualquer outro. Sei lá, eu acho meio complicado. Eu falo que sou garoto de programa. A sociedade em geral discrimina os homossexuais, não são todos, mas se alguns se dessem mais ao respeito seriam mais respeitados. Acho assim, por ser homossexual não precisa mudar o jeito de ser, de voz, de se vestir e entre as quatro paredes, blz... (CARLOS, 18 anos, michê).

Carlos naturaliza a discriminação, justificando que comportamentos efeminados possam ser reprimidos e recriminados. Segundo Perlongher, essa forma de olhar a si e ao outro provém do fato da maioria encarar a prostituição como atividade sazonal e/ou passageira.

Os michês não somente costumam encarar sua prática enquanto provisória, mas descarregam sobre seus parceiros homossexuais o peso social do estigma. O fato de não abandonar a cadeia discursiva e gestual da normalidade lhes possibilita esses recursos. (1987:21)

A cadeia discursiva a que Perlongher se refere funciona para o michê como um dos elementos da constituição de sua identidade ou, no mínimo, da definição da sua diferença em relação aos clientes. Na prostituição existem expressões que são comuns tanto entre os michês quanto entre as mulheres que atuam na prostituição. “Fazer por amor” ou “Por amor à arte”⁴⁰ é uma expressão que tanto michês como prostitutas e garotas de programa falam ao se referir ao programa com um cliente sem cobrar. No entanto, assumir publicamente que “faz por amor à arte” é confessar prazer e assumir o peso de ser taxado de homossexual nas ruas. No caso dos michês, eles aprendem os códigos e expressões ditas por homossexuais com o intuito de ter o controle da situação, inclusive, discursivamente a partir do conhecimento das gírias⁴¹ como:

Uó: algo ou alguém ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado.

Diague: deixa pra lá, esquece isso.

Mona: mulher ou alguém muito efeminado, bicha, viado.

⁴⁰ As expressões são conhecidas entre os michês, muitos falam as frases, no entanto, a maioria não assume diante dos demais que “fazem por amor” ou que “fazem por amor à arte”, o que comprovaria sentir prazer ao sair com outro homem.

⁴¹ Sobre gírias e expressões ditas por gays ver o Glossário Gay, acessando o endereço <http://mixbrasil.uol.com.br/id/glossar.htm>.

As outras gírias que os michês falam e utilizam durante o trabalho são provenientes das periferias de João Pessoa:

aí mano: oi amigo

beleza, fera?: tudo bem?

tá ligado doido?: tá entendendo?

O domínio e o uso das expressões ditas “masculinas” funciona como elemento distintivo entre os michês e os clientes, constituindo-se em elemento categorial para definir posições no espaço da prostituição. Outro diferencial identificado é o uso que os michês fazem de símbolos como o cigarro e a bebida, que são significantes, com muita frequência, associados à masculinidade. Especificamente sobre o cigarro, o abastecimento do cigarro entre eles, os michês, é, na maioria das vezes, patrocinado pelo próprio agenciador, como pudemos perceber em uma ida ao fiteiro existente na Lagoa com Rafael. “Derby! Vou levar esse mesmo, que é o cigarro deles”, resumiu após escolher a carteira de cigarros que levaria. É comum depararmos-nos com michês nas ruas dispostos a fazer programa utilizando-se do cigarro como forma de aproximação do cliente ou o utilizando apenas como “ferramenta de trabalho” por lhes atribuir *status* e simbolizar ‘macheza’. O cigarro e/ou isqueiro é, em muitos dos casos em que não há a intervenção do agenciador, motivo de aproximação entre cliente e michê ao pedir um cigarro ou conseguir fogo para acendê-lo. (Lima, 2000:44). Esse tipo de aproximação é mais comum no Terminal Rodoviário, Praça João Pessoa e ruas próximas. Se transportarmos para o plano cênico e simbólico, há uma sutil equiparação do fogo do cigarro e/ou isqueiro à potência sexual, associação costumeira na cultura sexual brasileira associar o ato de possuir fósforo ou isqueiro com o de ser potente sexualmente. Estes são jogos de macho disputados na deriva pelas ruas do Centro.

2.4 TERRITÓRIOS E NÃO -LUGARES

O Centro de João Pessoa é o território em que nos propomos a analisar a construção de masculinidades na prática da prostituição masculina praticada pelos michês. A cidade, habitada por 660.798 pessoas⁴², possui uma área territorial em torno de 211km quadrados⁴³. O nosso interesse durante a pesquisa foi o território compreendido pelo Centro, incluindo o Varadouro, que juntos são responsáveis por 3,107km quadrados da área territorial total da cidade.

Situada no litoral da Paraíba, a cidade de João Pessoa foi fundada em 1585 pelos portugueses que por essa região aportaram, transformando o Varadouro e o Centro em áreas de grande desenvolvimento social e econômico nos séculos que se seguiram, tendo como uma das referências o Porto do Capim, por onde eram desembarcadas as mercadorias vindas de outras regiões. Após o declínio do Porto do Capim, com a construção do Porto de Cabedelo, concluída em 1935⁴⁴ no município de Cabedelo, a cerca de 19km da Capital, a região central, possuidora de características de “região moral”, decaiu economicamente, passando nas décadas seguintes a ser ocupada pelo comércio, trabalhadores autônomos e pelo funcionamento de instituições públicas durante o dia. A partir dos anos 80 ocorreu um desenvolvimento maior da concentração de bares GLBTS⁴⁵, com funcionamento à noite, a exemplo da Boate Notórius, Sem Censura, III Ordem, Calabouço, Órbita, Folhetim, Bambulúá, entre tantos outros.

Embora pouco visível, há uma cena homoerótica em João Pessoa, especialmente no bairro do Centro, alternando-se em espaços denominados de guetos homossexuais, que se referem a espaços urbanos públicos ou comerciais – parques, praças, calçadas, quarteirões, estacionamentos, bares, restaurantes, casas noturnas, saunas – onde as pessoas podem encontrar-se e compartilham de uma vivência homossexual; e de espaços conhecidos como

⁴² Dados obtidos no site do IBGE através do endereço: <http://www.ibge.gov.br>

⁴³ Em relação à extensão territorial da cidade de João Pessoa há duas informações diferentes: a primeira, obtida no site do IBGE (através do endereço <http://www.ibge.gov.br>) consta uma área territorial de 211km quadrados. Na Diretoria de Geoprocessamento da Secretaria de Planejamento (Seplan) da Prefeitura Municipal de João Pessoa, a informação é a de que esta área é de 210,45km quadrados.

⁴⁴ Informações sobre o Porto de Cabedelo disponíveis no endereço <http://www.transportes.gov.br/bit/portos/cabedelo/depocabedelo.htm>.

⁴⁵ Embora na época não possuíssem essa rotulação de GLBTS para designar espaços frequentados por Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e Simpatizantes.

heterossexuais e que passaram a receber um público freqüentador diverso e misto. Compreendem os guetos os bares/boates instalados na rua Duque de Caxias⁴⁶, a Praça João Pessoa, especialmente à noite, a sauna Vapor 188⁴⁷ e o bar instalado no terraço da Associação Paraibana de Imprensa (API), Sua Oca Bar, localizada na rua Duque de Caxias, o bar/boate Holiday, situado na rua 13 de maio. Por outro lado, espaços anteriormente não ocupados, ou pouco procurados, por grupos de homossexuais e até de michês têm merecido maior freqüência como os quiosques da Lagoa e a Praça de Alimentação de um Shopping de grande freqüência de público no Centro de João Pessoa⁴⁸, sendo este último território de alguns michês no horário em que não estão “batendo calçada”. A intervenção dos michês nestes espaços é o da passagem e da mobilidade. A mobilidade que nos referimos está ancorada na conceituação proposta por Balandier (1997) como uma característica da modernidade atual em que prevalece o movimento, o que é fluído. Espaço pertencente a um tempo em que:

(...) a única certeza é a do movimento, onde toda a ordem parece se dissolver na sucessão de mudanças, onde o real parece se reduzir em transformações ou simulações múltiplas e escapar de qualquer tentativa de exploração.

Do modo como expõe Balandier, o movimento da ordem e das regras substituídas por uma gama de sucessivas mudanças, na modernidade atual podemos perceber o efeito dessas transformações nos costumes e comportamentos especialmente dos homens, incluindo os de uso do corpo e de seus prazeres, como os propiciados pela prática da musculação, identificadas por nós entre os michês que freqüentam o Centro de João Pessoa.

Dentre os nossos informantes, com exceção de Milton, que atua no Centro e em pontos de pegação como a Praça de Iemanjá, na Praia do Cabo Branco, como pudemos verificar nas observações, todos os outros michês são agenciados por Rafael. Cada um, embora agenciado, detém sua “independência” na rua, inclusive, para freqüentar ou não a região central nos dias que tem interesse. Com base nas observações de campo e desses elementos das relações entre o agenciador e os michês, portanto, podemos fazer as seguintes diferenciações das ocupações territoriais: Na Praça João Pessoa e Ponto de Cem Réis é maior

⁴⁶ Embora a rua seja uma das maiores referências para o público GLBT, há uma rotatividade grande de bares que são criados na rua Duque de Caxias.

⁴⁷ A Sauna Vapor 188 funciona na rua Afonso Campos, paralela a Avenida Pedro II, no Centro. Sem letreiros ou faixas, a casa não possui identificação externa, apenas a cor verde a diferencia do “estilo” dos demais imóveis.

⁴⁸ O Shopping localizado no Centro, há poucos metros da Lagoa. Gradativamente a Praça de Alimentação vem se tornando em espaço de convergência e de encontro de homossexuais e michês de vários bairros.

a frequência dos michês Milton, Marcos e João; no Terminal Rodoviário quem frequenta com maior assiduidade é Fabiano, que também atua na Praça; e na Lagoa, os frequentadores assíduos são Carlos e André. Os michês Hélio, David e o agenciador Rafael frequentam permanentemente tanto a Lagoa como a Praça João Pessoa. No Terminal Rodoviário podemos identificar uma frequência maior de homossexuais de classe social mais baixa, portanto, a própria apresentação do michê corresponde a esse universo⁴⁹. Fabiano se veste com camiseta regata e bermuda (ambas desgastadas) e sandálias do estilo havaianas. Na Praça João Pessoa e Ponto de Cem Réis predomina um misto de clientela formada por funcionários públicos, comerciários e estudantes. A vestimenta usada por Milton, Marcos e João é basicamente a camiseta regata, bermuda e tênis. A Lagoa como “coração” da cidade atrai uma clientela que varia da classe baixa até a classe média e média alta, que frequentam os quiosques com os videokês, o que implica uma diferença na vestimenta dos frequentadores em dois tipos: Carlos e André se vestem de acordo com a moda de uma das lojas de departamento localizadas na Lagoa, e David e Rafael sempre optam pelo visual tradicional da calça, camisa e sapato. Hélio detém um estilo em que funde o esportivo da camiseta regata com o casual da calça jeans e tênis. Com exceção dos informantes Rafael e David, a vestimenta dos demais realça o corpo, evidencia os contornos e expõe os atributos físicos.

Estes territórios que nos debruçamos durante a pesquisa são interligados por um fluxo permanente de clientes, homossexuais ou não, e passantes que criam suas próprias formas de exclusão e/ou aglutinação de acordo com a identidade social ou sexual, a prática sexual e a classe social. O conceito de Território é entendido por Guattari (1986) como sinônimo de apropriação e pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no qual o sujeito se sente “em casa”. O conceito, em si, refere-se ao modo como os seres humanos se organizam em territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes. Nosso intuito é utilizar o conceito proposto por Guattari confrontando-o com o conceito de Não-Lugares, trazido na discussão sobre a Antropologia da Supermodernidade realizada por Augé (1994), com a prática dos michês durante a pesquisa de campo.

Na perspectiva de Guattari, o território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada em si mesma. Os não-lugares, como defende Augé (1994), são espaços fluidos. Espaços de ninguém. A supermodernidade, segundo este autor, é produtora de não-lugares.

⁴⁹ No Terminal Rodoviário percebemos uma frequência acentuada de homossexuais adolescentes, o que comparativamente em outros pontos, só ocorre na Lagoa.

A discussão sobre o território nos impõe algumas questões: Os michês agem e interagem do mesmo modo em seu bairro como na região homoerótica do Centro? O que está a ser modificado constantemente em função de onde esteja o michê se movimentando? Percebemos, ao indagar como os informantes entraram na prostituição, que os primeiros contatos com outros homens no bairro em relações homoeróticas surgem como uma espécie de “iniciação” até a experiência do *trottoir* nas ruas do Centro, como argumentam nossos informantes.

Começou do nada. Tava numa festa, uma bicha me chamou pra sair, tomar uma, que me dava uma grana e comecei nessa. (FABIANO, 20 anos, michê).

Tava na rua, fui só conhecer a figura do meu tio. Aí rolou com o outro cara. Ele deu em cima de mim, aí saí com ele. (JOÃO, 19 anos, michê).

A primeira vez foi com um cara lá do meu bairro que deu em cima de mim aí saí. Eu faço programa há 8 meses. (MILTON, 21 anos, michê).

Com 18 anos conheci na rua um cara, fomos para um bar, conversamos, depois uma pousada, aí rolou... (DAVID, 25 anos, michê).

Andava com um amigo que tinha caso com um cara. Ele disse que ia pra Festa das Neves, que só dava viado e sapatão lá. Falei; ‘tranquilo!’ Na casa do colega do amante do meu amigo dormimos. Acordei com um cara me chupando, coloquei a camisinha e comi ele. Ele começou a me dar presentes. Aí vim pro Centro e conheci Rafael. (HÉLIO, 26 anos, michê).

Primeiro programa fiz aos 16 anos. Tava caminhando no Centro e um cara me abordou se eu já tinha tido relação com homossexual. Eu, um pouco constrangido fui e saí com ele, meio recatado ainda. (DIOGO, 18 anos, michê).

Há que se considerar que o dinheiro não aparece nesta situação como elemento integrador entre o michê e o cliente. Existe sim, o “homem” e o “outro” que interagiram a partir da ‘deriva’ nas ruas ou da paquera em ambientes de entretenimento como bares, boates e festas de rua. Os relatos em que a primeira experiência ocorre no Centro se deve ao fato de ser ele o bairro de morada de Rafael e de Marcos.

Comecei fazendo programas no Centro aos 16 anos, depois de conhecer São Paulo e ver que lá isso rendia lucros... Fiquei na atividade até os 20 anos. Depois disso, passei a agenciar os garotos. (RAFAEL, 29 anos, agenciador).

Eu tava aqui na Praça João Pessoa aí Rafael disse: ‘Aí tá a fim de sair e ganhar um dinheiro? Foi mais uma enrolação. Não senti nenhuma atração pela pessoa e ganhei R\$ 50,00. (MARCOS, 24 anos, michê).

Neste percurso entre o bairro e o Centro, entre a primeira relação homoerótica e o agenciamento do corpo no mundo viril, os michês tendem a “aprender” a atingir o mais alto grau da virilidade a partir da violência, da força e da agressividade em espaços não mais de apropriação subjetiva e de vivência. O percurso no Centro é o da mobilidade em lugares fugazes, pertencentes a ninguém, pois, como as pessoas são desconhecidas, o controle social diminui. A mesma Praça João Pessoa que aglutina os três poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário) e, por vezes, serve de palco para manifestações grevistas de servidores públicos como de contestação de agricultores ligados ao Movimento dos Sem Terra (MST) ou de outras segmentos, é a mesma que ao final da tarde cede terreno para a prática da deriva, da paquera homossexual, do *trottoir* até a saída do último personagem desse processo.

Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados, as favelas destinadas aos desempregados ou à perenidade que apodrece), (...) um mundo assim prometido à individualidade solitária, à personagem, ao provisório, ao efêmero, propõe ao antropólogo, como aos outros, um objeto novo cujas dimensões inéditas convém calcular antes de se perguntar a que olhar está sujeito. (AUGÉ, 1994:74)

É esse aspecto provisório e fugaz de diminuição do controle social que está relacionado com a prática da prostituição masculina no Centro de João Pessoa. Os locais da região homoerótica são meros espaços de trânsito necessário para o deslocamento seguinte. A partir desse aspecto da vida dos informantes questionamos o sentido de medo para eles. Para Touraine (1994:80), “*o medo nasce do perigo, mas também das incertezas. Hoje as causas do medo derivam muito mais da falta de confiança dos cidadãos neles mesmos do que de perigos reais*”. A primeira expressão no rosto dos informantes era a de surpresa pela pergunta, afinal, estar no espaço da rua implica não sentir medo, muito embora isso possa ocorrer interiormente. Rafael, Carlos e David não responderam, apenas silenciaram.

O medo assume um *status* fantasmagórico anteriormente não demonstrado pelos michês, o que acreditamos não ter surgido nas falas com tamanha facilidade porque as relações no campo da prostituição, do mesmo modo que as demais relações sociais, estão vinculadas à violência estrutural (Seffner, 2004:88-89) que atua de forma constante sobre os sujeitos e não de modo súbito, configurando numa despercebida naturalização de atos

violentos nas interações em que há os princípios de classe, raça/etnia, gênero, a faixa etária, religião, nacionalidade e região.

Medo dos amigos, conhecidos de programa, de farra, não dá pra confiar. O lance da droga ta fazendo tudo chegar a desacatar, extorquir, roubar. Tem amigo que fala: 'vamo tomar uma, pegar um viado pra curtir' e de lá sai com o viado e me pede dinheiro da passagem. Meia hora depois volta pedindo dinheiro de novo, então, não saiu sabe, fica enrolando. (HÉLIO, 26 anos, michê).

Medo de pegar uma bicha que tenta me levar e fazer uma coisa de mal. (FABIANO, 20 anos, michê).

Sigilo em primeiro lugar. É muito constrangedor, você pode se envolver com alguém, e quem é de programa é coisa volúvel, visão geral é o que vejo nas pessoas, no mundo em geral. (MARCOS, 24 anos, michê).

Fabiano ao focar o medo, associa-o ao receio de encontrar uma “bicha” violenta que tente fazer algo de mal contra ele. No entanto, é preciso que destaquemos que essa tensão é inerente à prática da prostituição, pois os dois, cliente e profissional do sexo podem ter interesses e práticas diferentes, tensas e dissonantes com o que foi firmado no acordo de prestação de serviços sexuais.

A expressão do medo revelada pelos informantes tem sido apontada em outros momentos da pesquisa de forma “mascarada” como o receio de não conseguir um emprego, da convivência entre os próprios michês e do risco em contrair doenças, tendo este último nos chamado atenção por haver sob este discurso a inserção de ideologia homofóbicas dominante do “câncer gay” e seu impacto sobre o corpo. O medo que João e André expressam em contrair doenças estaria intimamente entrelaçado com as imagens estigmatizantes da Aids⁵⁰, que permeiam o inconsciente coletivo: magreza, fragilidade e submissão.

Tenho medo de nada. Ah, de pegar doença tenho. (JOÃO, 19 anos, michê).

Eu quando penetro a pessoa tenho cuidado pra camisinha não estourar. (ANDRÉ, 22 anos, michê).

⁵⁰ A chegada da Aids no Brasil em 1980 trouxe para o debate a condenação pública de homossexuais, dependentes de drogas injetáveis e os profissionais do sexo (travestis, michês e mulheres) a partir da criação de um termo estigmatizante para defini-los em relação ao contágio da Aids: “grupo de risco”.

Na posição do condutor da relação e do ativo, André destaca que esse controle permite uma maior tranquilidade, afastando desse modo, o risco de contrair doenças como a Aids, o que para Villela (1998) representa a falsa idéia do homem imune à Aids, desde que seja o “homem” da relação.

Já pensou tu saindo com um cara e ele estourar a camisinha dentro de você? Tô fora. Não quero jamais, me penetrando com cuidado nenhum. (ANDRÉ, 22 anos, michê).

A resistência em não ceder ao sexo de outra forma senão na posição de ativo e “comedor” tem em sua essência a influência dos discursos médicos e científicos, que foram massificados pela TV e imprensa de modo geral, disseminados a partir do surgimento da Aids na década de 80, e que se prolongou nos anos seguintes da década de 90, com destaque para o intercurso anal como o mais vulnerável à Aids.

(...) a concepção errônea, largamente disseminada nos primórdios da epidemia, de que a Aids era coisa de “viado” – homens passivos, efeminados, que se deixam penetrar durante a relação sexual – e os sentidos negativos associados à camisinha, cuja popularidade ficou bastante reduzida a partir do advento dos contraceptivos de uso feminino e da antibioticoterapia, que minimizou o impacto das doenças sexualmente transmitidas, tornando-as, no imaginário popular, mais fáceis de remediar do que prevenir. (VILLELA, 1998:135).

Outras formas de contágio como o sexo oral⁵¹, independente de ser feito em homem ou em mulher sem a camisinha não tiveram o mesmo tratamento discursivo por parte dos médicos e cientistas. Segundo Villela,

(...) categorizações como ‘grupos de risco’ e ‘minorias’ sexuais são construídas a partir do pressuposto da existência de uma categoria ‘sem riscos’, majoritária, frequentemente associada ao casal heterossexual, em que o homem tem ampla liberdade para exercer sua sexualidade. (Op. Cit, 1998:131).

⁵¹ Cientificamente está comprovado que o sexo oral sem camisinha oferece riscos de contaminação tanto a quem faz como a quem o recebe. Muitos dos materiais publicitários de prevenção do Ministério da Saúde e Secretarias de Saúde já circulam com essas informações.

Acrescentemos a essa situação, o fato da maioria dos michês, que possui companheira, afirma que não usa preservativo nas relações em casa. A explicação vem resgatando tudo que discutimos anteriormente sobre grupos de risco e imunidade do homem à Aids, desde que seja em uma relação sexual considerada heterossexual: “*E eu vou lá usar camisinha com mulher, rapaz?!*”, João, 19 anos, michê. Embora ciente dos riscos de contaminação, João destaca que com sua namorada é diferente porque eles estão juntos há muito tempo e como ele usa preservativo com os clientes não há um risco tão grande.

O Centro é um espaço de incerteza, por ser em sua essência o território do enfrentamento diário da disputa por clientes, das relações de poder michê-cliente, e da interação com os demais personagens da rua: travestis, mulheres, meninos de rua, mendigos, marginais e passantes. Todos esses aspectos estão vinculados à conformação do modelo de homem com uma masculinidade colocada em xeque diariamente e aprovada socialmente.

2.5 A DERIVA HOMOERÓTICA

Na Lagoa, a quantidade de pedestres é intensa e o trânsito começa a ficar congestionado com o aumento do fluxo de veículos e ônibus no período da tarde. Na Praça João Pessoa, como é freqüente após as 15h, os bancos começam a ser ocupados por aposentados, casais de namorados, jovens e michês. Este é o espaço de maior convergência durante o dia até a noite, que funciona como área de identificação de possíveis “clientes”.

A Praça João Pessoa é um dos pontos turísticos da cidade, que aglutina no mesmo espaço o prédio da Faculdade de Direito da UPFB, uma edificação histórica, a Assembléia Legislativa, o Tribunal de Justiça e o Palácio do governo do Estado. É diante dos prédios, representantes de várias instâncias e poderes da sociedade, que os michês constroem formas de interação com outros homens, de modo diferente das relações constituídas em seus bairros de origem. Na Praça, assim como na Rodoviária, Ponto de Cem Réis e Lagoa, eles são anônimos dos desejos, sem nomes, sem endereços, sem identidades fixas. São “personagens”⁵² construindo sentidos fluídos de devir homoerótico em territórios de ninguém, para logo em seguida, desconstruí-los em função de novos clientes na área ou outros

⁵² Mencionamos os michês como personagens por ser essa uma das expressões que ele citam cotidianamente ao se referir a atender às expectativas dos clientes: personagens das fantasias dos outros.

“personagens” no decorrer da deriva. Na sociedade atual é a mobilidade, segundo Balandier, o que ganha visibilidade, pois “é o movimento pelo movimento que tende a se tornar a referência única, a regra das condutas” (Balandier, 1997:168). Durante as observações de campo, além da delimitação dos territórios no Centro, pudemos, a partir das posições dos michês e dos passantes também homossexuais e de outros homens, fazer as seguintes delimitações referentes a pontos de frequência homossexual e os de pegação, como são conhecidos popularmente na cidade de João Pessoa.

Quadro 3. Bairro do Centro

Terminal Rodoviário	Prostituição, paquera e pegação.
Terminal da Integração	Paquera e pegação
Cine Sex América ⁵³	Paquera e pegação.
Ruas Visconde de Pelotas, Ponto de Cem Réis, Miguel Couto, Lagoa, Diogo Velho, Avenida Getúlio Vargas e Praça Dom Adauto:	Prostituição e paquera.
Praça João Pessoa	Prostituição e paquera.
Shopping, no Centro	Paquera em todos os pavimentos, em especial, na Praça de Alimentação.
Supermercado, no Centro	Pegação nos banheiros masculinos ⁵⁴ .
Sesc-Centro	Paquera (na Área de Lazer) e pegação nos banheiros.

Quadro 4. Praias

Praia de Tambaú	Paquera no calçadão e pegação nas areias próximas às dunas e ao Hotel Tambaú e na beira-mar.
Praia do Cabo Branco - Praça de Iemanjá: - Avenida Cabo Branco: - Barreira do Altiplano Cabo Branco:	Paquera e pegação. Paquera no calçadão e pegação na beira-mar. Pegação.
Praia do Seixas:	Paquera e pegação na beira-mar e na Mata, no Altiplano Cabo Branco.
Praia de Manaíra:	Paquera no calçadão.
Praia do Bessa ⁵⁵ e Intermares (divisa de João Pessoa com Cabedelo):	Pegação na beira-mar.

⁵³ O Cine Sex América foi excluído dos territórios da pesquisa porque, como verificamos, há uma maior frequência de homossexuais do que de michês. Os informantes afirmaram não frequentar o espaço por ser muito visado. O Cine, que funciona no período da tarde, está localizado na Praça Pedro Américo, ao lado do Teatro Santa Roza, em uma área próxima às paradas de ônibus, portanto, com muita visibilidade no Centro.

⁵⁴ A pegação nesta área é anterior ao funcionamento de um supermercado localizado no Centro. Há registros dessa prática desde os anos 90, quando o prédio abrigava uma loja de departamento nacionalmente conhecida. Ver Lima (2000:25).

⁵⁵ O Ponto de Pegação do Bessa tem tido visibilidade entre os homossexuais de João Pessoa. Desde o dia 20 de janeiro de 2006, está no ar no site de relacionamentos da Internet Orkut a comunidade “Pegação na Praia do Bessa”, da qual os possuidores de contas no orkut podem participar da comunidade e dos tópicos que compõem o Fórum de discussões. Ver anexos no final desta Dissertação.

Quadro 5. Outros

Avenida Epitácio Pessoa ⁵⁶ :	Prostituição e paquera.
Espaço Cultural José Lins do Rêgo (bairro de Tambauzinho):	Paquera na Praça do Povo e pegação nos banheiros (térreo e 1º andar).
UFPB - Campus João Pessoa - Biblioteca Central (banheiros):	Pegação.
Praça Cristo Rei - Bairro de Mangabeira:	Paquera.

O trânsito dos michês por outros espaços, além de sua comunidade ou bairro vem se integrar ao que Albuquerque (2004:133) denominou de construção de trilhas de sociabilidade homoeróticas no Nordeste brasileiro nos anos 70 e 80:

As ruas, praças, banheiros públicos, praias e becos também são descritos como lugares onde os homossexuais estariam construindo seus espaços de sociabilidade e de vivência do homoerotismo, utilizando para isso estratégias e táticas ensaiadas e aprendidas no cotidiano, na 'batalha'.

Os michês, embora não se reconheçam como homossexuais, interagem dentro desses espaços, tanto que todos os pontos de prostituição viril que identificamos no Centro são também pontos de pegação ou de entretenimento e/ou interação homossexuais. Embora os michês possam transitar por todos os espaços de forma pontual, a convergência maior deles para a prática do *trottoir* é para o Centro, que se configura no espaço por nós estudados a partir da frequência dos michês como mais um “personagem” na cena homoerótica do Centro de João Pessoa, no qual eles são anônimos e, desta forma, sofrem menos controle social.

O retorno ao bairro ou comunidade é o (re)encontro com a vida cotidiana, mas, sobretudo, com as formas de atualização das masculinidades, seja através do futebol, esporte coletivo reconhecidamente como “espaço masculino”, seja o banho purificador do corpo como preparação para a participação na roda de conversas com os amigos da rua.

⁵⁶ A avenida Epitácio Pessoa é conhecida por sua característica de avenida shopping, que liga o bairro do Centro à orla marítima de João Pessoa e funciona como corredor para veículos e transportes públicos para grande parte dos bairros da cidade.. No decorrer da “avenida shopping” da cidade, à direita no sentido Centro-Praia estão localizados os bairros da Torre, Expedicionários, Tambauzinho e Miramar. À esquerda, estão situados o bairro dos Ipês, Treze de Maio, Bairro dos Estados, Jardim Luna e Miramar.

Eu não bebo nada. Quando termino vou pra casa. Tomo banho aí como alguma coisa. Geralmente vou jogar vídeo game, ver tv ou conversar com meus amigos. Eles não sabem o que eu faço, só quatro mais próximos. (Carlos, 18 anos, michê).

Quando termino vou pro bairro, às vezes bater bola, tomar banho. (João, 19 anos, michê).

Estes relatos compõem alguns dos rituais de atualização da masculinidade vivenciados pelos michês de sua trajetória de homem viril no Centro ao jovem de família no bairro onde mora. Carlos destaca o ato de “tomar banho” como a primeira atitude ao chegar em casa, o que representa um sentido de purificar o corpo do sexo dos clientes. Os rituais da rua são o da deriva e paquera, os de retorno à casa são os de eliminar vestígios do sexo dos clientes.

3 CORPO E SUBJETIVIDADES

Na sociedade pós-moderna o corpo tem assumido um papel importante desde a desvinculação da sexualidade com a procriação, intitulada por Giddens (1993:37-38) de sexualidade plástica, que possibilitou a contracepção controlada, que incide nas taxas de natalidade e da concepção de núcleos familiares, e a reprodução por meios artificiais sem a prática sexual. O corpo tornou-se matéria-prima de experimentações, símbolo de *status* e objeto de consumo. Na prostituição masculina, o corpo pode representar objeto de consumo aliado ao plano visual da experimentação de desejos, sensações e prazer do michê e do cliente. Nos referimos acima às situações em que os michês se tornam meros “incitadores” sexuais para a masturbação dos clientes que durante o programa se satisfazem com a imagem e com a possibilidade de “comandar” os movimentos do michê para servi-los.

Na rua, as classificações, como demonstramos no capítulo I desta dissertação, não se limitam às identidades e/ou práticas sexuais. Os sujeitos são classificados pelos corpos e atributos que possuem e seus usos possíveis e impossíveis, situação a qual estão submetidos tanto os michês quanto os clientes pela lógica da oferta-procura.

Masculinidade e corpo são socialmente construídos. Para cada sociedade, um ideal de masculinidade. Para cada sociedade, um corpo. E, por que não dizer, para cada sociedade um ideal de masculinidade e para ideal de masculinidade um corpo, estabelecendo, assim, algum grau de correlação entre as identidades de gênero e os corpos. (DUTRA, 2002:360-361).

Portanto, a masculinidade e o corpo são atributos culturais e relacionais em permanente regulação. Exemplo dessa importância do corpo, especificamente na prostituição, é a procura que os clientes fazem por michês com atributos *viris*, segundo o agenciador Rafael.

Ah, o grande interesse é a beleza, o corpo masculino. Desinteresse quando não tem porte, corpo, beleza. Corpo bonito, másculo... O papo de João é uma desgraça, mas é menino, dá pra passar. Os que têm mais saída são os branco e pardo. De 18 a 20cm de pomba pinta muito programa. Quando procura um moreno é por causa do pau, dizem que é grande. (RAFAEL, 29anos, agenciador).

Esse fascínio do corpo negro e seus atributos sexuais fazem parte do mito que se formou em torno da sexualidade dos negros, concebida segundo Salvador (2006), no período da escravidão.

(...) criou-se um mito referente à sexualidade do negro quando a realidade mostra que essa lenda quanto à virilidade é decorrente da comercialização escravagista. Alguns negros, especialmente escolhidos eram alimentados e tratados como qualquer garanhão. Sua missão era manter relações com as escravas e gerar filhos para o senhor.

Embora exista o mito do negro potente sexualmente, da ditadura do corpo e da estética não há como escapar no mercado corpóreo e dos prazeres, independente da raça/etnia que possuir. A valorização do programa está explicitamente relacionada ao porte físico atlético e musculoso que os jovens devem possuir. O corpo que há poucas décadas era escondido sob o argumento de decoro, a partir da década de 60 com a revolução sexual, o surgimento dos movimentos gay, lésbico e negro e de toda a rede comercial erótico-pornográfico, passou a ser exibido e cultuado. No século XXI o corpo é glorificado, mostrado, trabalhado, esculpido e reformulado incansavelmente. Segundo Balandier,

O corpo se torna cada vez mais amoldável (...) é assistido, preparado, levado para além de suas capacidades (...) O corpo entra ativamente, em um número crescente de pessoas, no jogo do faz-de-conta; contribui para a apresentação (e representação) de si mesmo; obedece às leis de imitação; presta-se às restrições de look, da imagem pessoal construída segundo os cânones do momento. (...) Já se disse antes: nas sociedades da modernidade comercial, tudo é dado ao consumo e tudo acaba por se submeter ao sistema da moda. (BALANDIER, 1997:184)

Esforço empreendido pelos michês nas horas dedicadas à prática da musculação ou de esportes coletivos como o futebol que trabalha toda a musculatura. Segundo Parker (1991:172), “*o corpo nunca é simplesmente dado: ele é construído nos símbolos e significados usados para conceituá-lo*”. O aumento das habilidades, potencialidades e manipulação calculada dos elementos, gestos e comportamentos do corpo compõem o que Foucault denominou de anatomia política, que por intermédio da disciplina fabrica corpos submissos e “dóceis”. Submissão ao ideal de corpo do modelo de masculinidade hegemônica: forte e viril.

Esta educação sobre o corpo, no plano teórico de Mauss (1974), é necessária para que o corpo se socialize, tornando-se útil às pessoas de determinada sociedade e época distinta. Sob a denominação de Técnicas Corporais, Mauss as definiu como as “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”, modificando sua anatomia, empreendendo esforços para comprovação de força e de desempenho sexual. O corpo “masculino” é colocado à prova.

Chamo de técnica um ato tradicional eficaz (...). Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue, sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral. (MAUSS, 1974:217)

O corpo, como o primeiro e mais natural objeto técnico do homem, segundo Mauss, sofre todas as imposições provenientes de seu dono ou da sociedade sobre este mesmo corpo. A imagem é a primeira referência de significados percebida por michês e clientes. Roupas, acessórios, gestos, olhares, movimentos do corpo que são interpretados e relacionados a uma identidade sexual ou prática sexual pelos michês. O conjunto desses significados sobre os corpos é decifrado porque seus sentidos existem dentro de um contexto social e cultural. Portanto, o corpo não corresponde meramente a um conjunto de órgãos físicos, mas, sobretudo, a um lócus de experimentação de necessidades, sensações, desejos e possibilidades físicas, a partir do desempenho sexual e da “reconstrução” do seu próprio corpo social com a aquisição de músculos em sessões das academias de musculação. Neste contexto, itens como cor, postura, gestual, hábitos, vestuário e comportamento dos personagens da rua compõe o “leque” de classificações possíveis na prostituição masculina de rua, tomando como referencial o detentor da masculinidade.

Estas experimentações do corpo se tornam possíveis na prostituição masculina com o bater calçada dos michês, que não seria o mesmo sem a cena homoerótica do Centro, onde transitam os clientes. A deriva é o momento de mostrar o corpo e insinuar gestos. Classificados como bichas, maricas ou homossexuais pelos michês, os clientes, vindos dos mais diferentes locais, a pé ou de carro, por intermédio do agenciador ou simplesmente devido à deriva na rua, por sua vez, também atribuem sentido ao “bater calçada” dos michês. A classificação dos clientes, quando são conhecidos, para os michês é feita, inclusive, pelo próprio agenciador ao informar sobre os acertos de programa, em que detalha as

características físicas, emocionais e atributos sociais como profissão, classe social, estado civil, entre outros. Esse critério tornou-se evidente no depoimento de Marcos, 24 anos:

Homens casados, a maioria. Mas parece caras solteiros. Não é tudo de bom ou ruim. Não que agrade ou desagrade. Rafael já foi me dizendo como era o cara da primeira vez que fiz programa: velho, barrigudo, afeminado, aposentado e solteiro. Fui sabendo quem era o cliente. (MARCOS, 24 anos, michê).

Aspectos intergeracional, de estado civil, profissão e da classificação corpórea expressa como “barrigudo” sobressaiu na fala de Marcos, contrapondo-se à valorização atual da sociedade brasileira sob o corpo musculoso e trabalhado durante horas em academias de musculação. Entre os demais informantes há um aspecto em comum: a maioria destaca o estado civil de seus clientes. Embora casados com mulheres, os clientes ao contrário deles, são classificados como homossexuais e não bissexuais. Os michês, através da afirmação da diferença entre eles e os clientes, resignificam-se como homens após o contato homoerótico, reafirmando sua condição de detentor da masculinidade hegemônica.

Varia muito. Tem muita gente que trabalha aqui no Centro, homossexuais casados, solteiros que me procuram pra apresentar os boy. (RAFAEL, 29 anos, agenciador).

São homossexuais, a maioria casado procurando aventura, prazer. (CARLOS, 18 anos, michê).

A maioria dos clientes tudo casado e deixa a mulher em casa e vem procurar a gente... procura pra fazer sexo. (HÉLIO, 26 anos, michê).

Homossexuais casados que procuram aventurar né!? (MILTON, 21 anos, michê).

É homossexual. (FABIANO, 20 anos, michê).

Os caras que tão a fim de pênis, porque geralmente eles gostam disso. Mas na verdade, eu acho que gostam de pessoas simpática, legal. A maioria de homossexuais casados. (ANTÔNIO, 19 anos, michê).

No momento tô sem trabalho. Aparece mais homossexual. Os clientes têm de 30 a 35 anos, mais velho também é difícil. (DAVID, 25 anos, michê).

No Brasil, a infidelidade do homem casado com mulheres é naturalizada, no entanto, quando essa traição tem como forma de interação o homoerotismo são arregimentados todos os tipos de esforços em condenar a prática. No Centro da cidade, as

mulheres, segundo os informantes, procuram os serviços sexuais dos michês, embora a abordagem seja de forma mais sutil e discreta, segundo eles.

No momento tô sem trabalho. Mulher é raro, difícil aparecer por aqui. (DAVID, 25 anos, michê).

Algumas mulheres pagam, outras é por amor. Já fiz com coroa mulher. É diferente porque eu gosto de mulher. (JOÃO, 19 anos, michê).

Com mulher faço amor, agora aparece muita mulher pra fazer programa. Eu gosto muito de mulher. (HÉLIO, 26 anos, michê).

Os contatos dos michês com clientes homens ocorrem geralmente na deriva da rua, podendo ocorrer também a mesma forma de interação com clientes mulheres, no entanto, constatamos que, com elas, os programas são negociados em outros espaços como festas de rua e/ou ambientes privados e bares. Esses ambientes também recebem a frequência de garotas de programa. Os michês, em algumas situações, envolvem-se afetivamente com as garotas de programa, como destacou Carlos, 18 anos.

Eu namorei com uma garota de programa até. Eu encarava como um trabalho o que ela fazia. A gente sabia separar. Muitas vezes até desmarcava encontros nossos por causa de programas. Não tinha problema. Acho que isso não existe mais porque as mulheres conquistaram espaços que se dizia até um tempo atrás dos homens.

As relações entre os próprios michês e deles com garotas de programa ocorrem sempre após o trabalho, conforme explicou Carlos. A relação que se constitui é diferente da que é citada pelos informantes ao referirem-se a ter companheira, que desconhece a atividade. O contato a que Carlos se refere é o de namoro casual com garotas de programa.

Como nosso intuito é investigar os homens que fazem *trottoir* com protótipos gestuais e discursivos da masculinidade que caracteriza os michês, é a rua e o trânsito entre os territórios nosso foco de investigação, como a Praça João Pessoa, Lagoa, Ponto de Cem Réis e

Terminal Rodoviário⁵⁷, que se constituem em aglutinadores de grande quantidade de pessoas que transitam nessas áreas diariamente. Devido ao aspecto temporário da atividade como michê na prostituição de João Pessoa, o agenciador Rafael descreve como identifica e seleciona novos candidatos ao *trottoir*.

Olho, vejo o garoto e dou cabimento que tô interessado. Na verdade, a história não é pra mim, é pra figura e, às vezes, os caras saem mesmo. Tem muito garoto belo, às vezes, difícil também. (RAFAEL, 29 anos, agenciador).

A observação ao movimento da rua se integra como atividade cotidiana ao trabalho de Rafael como agenciador e “olheiro” de jovens bonitos e másculos para serem inseridos no mundo da prostituição. O corpo nos parece ser a porta de entrada. Na deriva em que os michês se colocam, o que prevalece na rua é a tática da paquera, das expressões no rosto, dos sinais no corpo e expressos até a gesticulação das mãos em um simples aceno. Cabe a partir desse momento da dissertação mostrar, por outro lado, como os michês ao transitar pelo Centro identificam possíveis clientes.

Fico na rua próximo à Praça João Pessoa e ando até a Lagoa até às sete da noite. Eles olham, dão sinal. Faço dois programas por noite. (DAVID, 25 anos, michê).

Pelo jeito dele, como andar, como encara a gente. Também sou de encarar muito. Conheço pelos passos. Todo meio arrochadinho⁵⁸, camisa arrochada e curta. O jeito de ser, de falar, maneira de conversar... Outro dia vinha subido a B. Rohan⁵⁹, um cara deu sinal, aí conversamos, fomos pra Lagoa, ele pagou a cerveja e de lá fomos pro Geisel na casa dele. Daí a gente foi pra praia e passou o dia lá. Hoje eu tenho uns 15 clientes fixos toda semana e cobro R\$ 20,00. (FABIANO, 20 anos, michê).

⁵⁷ O Terminal Rodoviário está localizado no Varadouro de João Pessoa. Por dia o terminal recebe uma média de 4 a 6 mil passageiros entre embarque e desembarque. Inaugurado em 1981, o Terminal Rodoviário recebe um número superior ao fornecido pela Administração do Terminal, se levarmos em consideração que em sua estrutura estão instalados postos de vendas de tickets e vales transportes de João Pessoa, Bayeux e Cabedelo (cidades que pertencem à Grande João Pessoa), restaurante, lanchonetes, bancas de revistas, lojas e banheiros, este último também utilizado para pegação entre homens.

⁵⁸ Arrochado é uma expressão que significa muito apertado.

⁵⁹ Beaurepaire Rohan é o nome da rua, transversal à Rua da República, reduto de mulheres que fazem *trottoir*, especialmente à noite, e onde localizam-se várias pousadas que tem como público preferencial os profissionais do sexo, homossexuais e casais heterossexuais que transitam pelo Centro da cidade.

Rafael, Rafael que faz isso. Tô na rua, ele me liga e diz quem é o cara, (ANDRÉ, 22 anos, michê).

Por telefone, eles procuram Rafael. Alguns falam que é casado e querem que o cara fique peixe⁶⁰. (JOÃO, 19 anos, michê).

Na Lagoa, às vezes acontece, não deixa de ser, de encontrar muito cliente que tá a fim de curtir. Hoje em dia só muita paquera. Não dou muita atenção. Como saio às vezes, aparece um brother, me atraio. Hoje tão a fim mais de conhecer pessoas do que ficar por ficar. O preço depende muito da pessoa, geral R\$ 30,00, mas vai muito da catimba⁶¹ da pessoa. (HÉLIO, 26 anos, michê).

O ato de jogar-se às ruas em busca do imprevisível e inesperado na cena homoerótica do Centro de João Pessoa, aliado à paquera, expressa por olhares, sinais, gestos e formas de aproximação⁶², continua parte integrante do ritual “quase” diário dos michês. No entanto, identificamos a partir desta pesquisa um novo elemento introduzido na prostituição de rua: o uso do telefone celular. No período de 1999 até 2000, em que fizemos a primeira pesquisa com michês, era incipiente a utilização dos aparelhos celulares por grande parte da população. Nenhum dos michês possuía celular, situação diferente da encontrada em 2005 nas ruas de João Pessoa, em que muitos deles contam com o aparelho como equipamento de trabalho, tanto para comunicarem-se com o agenciador, como para disponibilizar uma forma rápida de comunicação entre eles e os clientes, antigos e novos. No entanto, o celular por si só não representa garantia de clientes. É preciso “bater calçadas” e mostrar os atributos que possuem.

Rafael, na condição de agenciador, destaca o “corpo masculino” e a “beleza” como os atributos de alto valor no mundo da prostituição masculina, entretanto, a percepção dos michês sobre os clientes é tão complexa quanto o é o campo da prostituição, mesmo sendo o corpo a “porta de entrada” para o primeiro contato michê-cliente. Durante a coleta de dados da pesquisa, obtivemos respostas que atribuem desde o “mito selvagem” do corpo perfeito ao negro e o fetiche pela genitália masculina até relações afetivo-sexuais entre michês e clientes para a concretização dos programas.

⁶⁰ Peixe é uma gíria que significa “ficar tranquilo”, “calado” sobre o assunto em questão.

⁶¹ Na gíria, catimba significa manha ou astúcia.

⁶² As formas de aproximação são desde as mais simples como perguntar a hora no relógio ou se possui isqueiro para acender o cigarro até comentar fatos do cotidiano.

Eles procuram sexo, aventura. (MILTON, 21 anos, michê).

O meu jeito simples de ser. Ser homem na hora da relação. (DAVID, 25 anos, michê).

Geralmente depende de pessoa pra pessoa. Uns querem que beijem, fazer sexo oral em você. Pergunta o que faz, o que gosta e o que não gosta. Faço uns 8 programas por semana em torno de R\$ 30,00 a R\$ 50,00. Acho que a cor por ser negro atrai eles. Falam que a cor negra chama mais a atenção. Dizem que meu corpo é bonito... é 24 horas o atendimento. Pessoa qualquer, normal... sem diferença. (CARLOS, 18 anos, michê).

Consigo clientes estando na rua com eles pelo jeito de conversar, de ser carinhoso, sinceramente não sei. (FABIANO, 20 anos, michê).

O corpo aparece, nos depoimentos que seguem, como o ideal de “máquina do sexo” procurado pelos clientes. Embora haja referências ao corpo de modo geral, se sobressai nos discursos dos informantes um corpo específico chamado “pênis”. Como centro das discussões e motivo de aproximação entre os clientes e michês, o pênis se sobressai como detentor do poder de propiciar prazer aos outros. Desse modo são renegados elementos contidos na tática da paquera na deriva das ruas como os olhares, a atração sexual, o sorriso, que implicaria prazer no jogo da sedução e vulnerabilidade à condição de macho.

Dizem que é meu corpo, que é bonito. Faço de 3 a 4 programas por dia porque tem vez que não tem penetração. Tem uns que não querem. A maioria pergunta o tamanho do meu pau, se é grande, como é. Eu falo que é normal, bonito e tal... A maioria procura cara ativo mesmo. (JOÃO, 19 anos, michê).

Me procuram porque eu sou o gostosão. Sou uma máquina de sexo, faço 3, 4 vezes, com intervalo né. Eles e elas procuram meu pênis, chupar meu pau. (ANDRÉ, 22 anos, michê).

É também mais o carinho. Muitos são reprimidos, quer falar, aparece muito cliente que paga pra dar o máximo de carinho. Eles gostam do meu pau. Tenho um tamanho legal e muita gente fala que é bonito. Eu cuido mais dele do que de mim, eu gosto e ele me dá dinheiro. (HÉLIO, 26 anos, michê).

A preocupação em enfatizar o poder que eles detém com o pênis, reforça a proposição de Albuquerque (2003:64) ao ressaltar que a condição de homem implica também sua relação com o órgão sexual em primeiro plano, em detrimento da sexualidade como um todo. Segundo Albuquerque (Op.cit),

A relação do macho com o próprio pinto raramente é harmoniosa. (...) a identidade masculina, ao contrário da feminina, tem um centro de comando biológico: o pênis. Isso explicaria por que os homens dão tanta importância a ele, preocupam-se com seu tamanho, comparam-nos com os outros e entram em crise ao menor sinal de problema na região.

Ao corpo seriam imputados esforços a garantir o desempenho sexual satisfatório, (re)validando o status de viril ganho à custa de muito esforço, enfrentando os demais michês e impondo sua virilidade aos clientes. Segundo Nolasco (1993:70), a forma como os homens vivenciam a sexualidade é outro aspecto a ser considerado porque:

(...) no contexto do desempenho sexual é a preocupação com uma suposta normalidade, que fica referida ao 'folclore' de que um homem deve ter inúmeras relações sexuais em reduzidos intervalos de tempo, chegando ao orgasmo em todas elas. Também nas relações sexuais estão embutidas noções de produtividade e eficiência a serem apresentadas ao outro. Para tanto, o tamanho dos genitais define ou não o sucesso desta empreitada (...). (Op.cit)

Esta preocupação dos homens com a desenvoltura sexual, citada por Nolasco, embora se refira a um modelo masculino imaginário de vivenciar as experiências sexuais, está presente nas ruas de João Pessoa, mesmo que no plano "ideal" dos discursos. A sexualidade masculina está implicitamente vinculada à "atividade" como destacamos anteriormente. Durante a interação nos programas, embora alguns dos michês garantam que não desempenham o papel de passivo, demonstram-se abertos a trocas de carícias, beijos ou sarros.

Aquela coisa, só nunca deixei me penetrar, algo que sei lá, é algo de mim. Não entra na minha cabeça. Deixo passar a língua, acariciar meu ânus é quase do mesmo jeito que tivesse penetrando alguém. Eu nunca tentei, nem permiti, sempre deixei bem claro. (CARLOS, 18 anos, michê).

Já tentaram. Não deixei porque é de mim mesmo. Eu deixo assim... alisar, contato, só não a penetração. (DAVID, 25 anos, michê).

Estes atos por não representarem atividade e/ou passividade dos michês durante o programa sexual não comprometem sua "masculinidade pública". Entre as formas de vivência da sexualidade e do uso dos prazeres do corpo na prostituição masculina no Centro de João

Pessoa, a passividade durante o ato sexual só existe na condição de tentativa, não efetivada devido à “falta de desejo”.

Se eu saio como passivo? Nunca fui passivo na relação. Não sinto prazer nenhum não. Dependia do momento de sair sendo passivo. Rapaz, eu não sei, só no momento. (JOÃO, 19 anos, michê).

É muita conversa, diz que não faz, às vezes gosta de conversa de que é ativo pra papear. Nunca dei. Tava indo pela grana e antes cheguei a falar pro cara. Isso instigou. Tentei, mas não me senti bem. (HÉLIO, 26 anos, michê).

Não sei. Rapaz, já pintou vontade, sei lá no momento senti vontade, tinha quem, não foi tanto confiar, mas imaginar como ia ser na hora. Aí o cara ficou chateado. Quando tava começando pedi pra parar. Tenho vontade de dar, não tanto, mas tentaria fazer a experiência. (FABIANO, 20 anos, michê).

Segundo Fry, o michê garante a sua ‘masculinidade’, ao alegar que faz os programas por interesse e necessidade financeira e não por prazer. No entanto, entre as quatro paredes, como destacou o agenciador Rafael, tudo que é dito e praticado na rua pode ser subvertido, a depender das relações de poder estabelecidas entre michê e clientes, com interferência das diferenças de classe social, raça/etnia e gênero.

Fica claro que tanto o travesti que ‘come’ quanto o michê que ‘dá’ percebem que estão quebrando as regras na medida em que tomam cuidado de salvaguardar sua respectiva ‘feminilidade’ e ‘masculinidade’ em praça pública. Mas quebrar uma regra é, fundamentalmente, reconhecê-la. É a exceção que comprova a regra. (FRY & MCRAE, 1985:47)

Marcos, que se reconhece como homossexual diante dos demais michês, foi o único a assumir a passividade como prática durante os programas. Ao sentir-se incomodado com a possibilidade de transformar-se em “objeto” nas ruas, o informante vincula sua postura à de um jovem que se prostitui por prazer ou necessidade, como se incorporasse um personagem para se desvincular da imagem de garoto-objeto.

Superioridades, sentimento de posse, acho isso nojento. Queira ou não ele [o cliente]⁶³ possui, não a mim, porque não deixo passar esse lado profissional. Passo a imagem de necessidade. (MARCOS, 24 anos, michê).

A atitude de Marcos foi acionada contra possíveis atos de rejeição, estigma e repulsa nas ruas, especialmente, porque sexo com prazer só é propalado e aceito socialmente quando o homem se envolve com mulheres. Os demais, embora relatem de forma individual as situações de tentativas de “experimentação” da passividade durante os programas, em reunião com os outros michês, o que prevalece é o receio de tornar-se personagem de piadas, sendo assim, negada qualquer possibilidade de passividade, tampouco como tentativa.

Já, isso não existe. Esses que dizem que são só ativos é uma farsa. Geralmente quem vai pagar também quer ser o ativo na relação. Comigo falam: ‘se eu vou pagar, prefiro comer’ (...) Existe o fato da maioria dos michê não assumir postura homossexual quando eles acham que não são, que não estão. O fato de não ser passivo pra manter a masculinidade com o amigo, de certa forma, não ser motivo de ironia, anarquia, coisa espontânea., (MARCOS, 24 anos, michê).

A experiência relatada pelo informante Marcos revela aspectos das negociações na prostituição masculina, como único relato de que existe um confronto de forças, de relações de poder entre michê e cliente, reafirmado na fala de André.

Se gozou já era. R\$ 50,00 a gozada. Não importa o tempo, o cara gozou pego meu dinheiro e vou embora. Eu não acho bacana homossexual, cada um tem sua escolha. (ANDRÉ, 22 anos, michê).

O michê detém o poder do falo e de atender às expectativas de ser o ativo, idealizado e desejado pelo cliente. No entanto, quando isso não ocorre a contento do cliente, o mesmo arregimenta o poder de classe social, através do referencial econômico de quem detém para a possibilidade de “comprar” o prazer. O aspecto implícito nestas relações citadas por Marcos também é o da hierarquia de gênero: ‘quem paga, come’, ou, ‘quem é o homem, é quem come’.

⁶³ Grifo nosso.

3.1 INTERAÇÕES HOMOERÓTICAS

O comportamento do michê e do cliente é determinante na interação e, como consequência disso na consumação do programa. O michê por não querer tornar-se visível a toda população que frequenta o Centro, opta por manter um padrão de comportamento que demonstra discrição, seriedade e anonimato. Por outro lado, o cliente busca o sigilo e o “indivíduo masculino”. A discrição não é uma característica específica para o michê, mas deverá fazer parte do cotidiano do cliente, conforme demonstra Carlos ao citar o desconforto de ser percebido na rua ou em outro ambiente devido à postura de clientes “afetados”.

Não gosto de barba e bigode, não gosto porque não me sinto à vontade. Os caras que ficam em lugar público falando em voz alta, querendo te tocar. Tem que manter um comportamento. (CARLOS, 18 anos, michê).

O comportamento citado por Carlos está relacionado com a postura que um homem deve manter em sociedade. Devido a essa “exigência” é preciso que entendamos nesse o processo de aproximação entre os michês e seus clientes, com ou sem a intervenção do agenciador. Embora todos frequentem o Centro à deriva em busca de clientes, muitos possuem alguns clientes fixos contatados previamente por telefone com atendimentos pré-agendados, sem a necessidade de participação do agenciador nem da ida ao Centro. No entanto, a rotatividade de clientes na área central representa possibilidade de novos clientes e a efetuação de mais um programa.

A participação do agenciador é a de intermediador entre os michês e clientes, escolhendo entre os 30 jovens que agencia, o que melhor se adequa às preferências do cliente. Cada programa agenciado, Rafael ganha por fora R\$ 10,00, sem levar em consideração os “agrados” que alguns clientes são levados a contribuir, como a rodada de bebidas e o custeio de cigarro durante a apresentação do michê e do cliente.

As coisas agora rolam mais cedo. Não tem mais aquela prostituição da madrugada não. Esse lance de tá turminha, a polícia baixa em cima. Não é legal. Eles ficam por aí e quando aparece programa eu vou ligando pra eles e já marcando hora e local do encontro. Tem deles que tem telefone celular e outros têm pontos, os da Lagoa e Rodoviária. Na realidade não tenho interesse em conhecer cliente. Dele vir a mim... prefiro. (Rafael, 29anos, agenciador).

A opção de Rafael por esperar a aproximação do cliente se explica. Detentor dos contatos dos michês, ele, até certo ponto, detém o controle da situação, estabelecendo com o futuro cliente o confronto de forças a partir dos interesses que cada um defende: Rafael, a obtenção do dinheiro e o cliente, a concretização do desejo e do prazer, possível a partir dos contatos telefônicos ou pessoais feitos para acertar os programas agendados. Os michês, por sua vez, não dependem exclusivamente dos contatos agenciados por Rafael. Além de fazer o *trottoir* nas ruas, os michês garantem programas freqüentes devido à manutenção de “velhos” clientes.

Faço programa uma vez perdida. E Rafael me liga quando tem alguma coisa. (ANDRÉ, 22 anos, michê).

É mais pelo celular. Eu não tenho clientela grande, mas pessoas que marcam e fazem realmente porque eu tenho um ideal de vida e um nome a zelar. A cidade é pequena. Eu sou uma pessoa pública, jogava futebol em clube, por isso, que não fico na calçada. (CARLOS, 18 anos, michê).

Não sou aquilo, ativo, nessa coisa da prostituição. Não sou direto na seqüencial. Há um ano e meio faço programa”, (DAVID, 25 anos, michê).

Desde às duas da tarde que to na rua sem nada à vista. O movimento ta fraco. É na rua mesmo o contato. (MILTON, 21 anos, michê).

Na verdade, eu não faço programa. Se for pra viver de programa, eu prefiro morrer de fome. Aconteceu... Pelo que sei a prostituição é muito parada em relação a metrópoles. Em si o sexo está em todas as esquinas. É só ir na boate, não é necessário pagar, só quando o produto é muito bom. Não fico com todo mundo. Mesmo com dinheiro, tem que rolar alguma coisa. Não só corpo. O sexo pra mim é uma experiência muito massa. No momento psicológico, eu puder fazer... (MARCOS, 24 anos, michê).

Fico na rua à noite até às oito horas. Trabalhava antes como comerciante na Feira da Sulanca em Caruaru...(JOÃO, 19 anos, michê).

Atualmente trabalho mais em Natal em uma sauna. Eu faço programa aqui pra poder viajar e me manter lá. Na Lagoa às vezes acontece, não deixa de ser, de encontrar muito cliente que tá a fim de curtir. (HÉLIO, 26 anos, michê).

Fica andando, às vezes, pára perto e, às vezes, chega e pergunta: onde tu mora? Vai embalando o papo... muitos não têm coragem de chegar perto. (FABIANO, 20 anos, michê).

Os artifícios empreendidos por muitos michês como Fabiano são os mesmos identificados em uma paquera convencional: troca de olhares, gestos, movimentos corporais e a conversa propriamente dita, como formas de aproximação até chegar ao acerto do programa. Na prostituição, a relação entre o michê e o cliente, embora pareça tensa pelo aventurar-se nas ruas, pode constituir laços afetivos-sexuais porque há clientes fixos e clientela fiel, que utiliza os serviços dos rapazes que freqüentam o Centro da cidade.

Às vezes eu ligo, geralmente, já sei os dias que vai ter dinheiro, eles falam também. Hoje eu dia só muita paquera. Não dou muita atenção. Como saio às vezes aparece um brother, me atraio... Hoje tão a fim mais de conhecer pessoas do que ficar por ficar. O preço depende muito da pessoa, do cliente, geral R\$ 30,00, vai muito da catimba da pessoa. (HÉLIO, 26 anos, michê).

Vou ser sincero. Já aconteceu de um cliente que me balançou e me deixou mais com vontade de sentir falta freqüente. Era falta da pessoa mesmo. No começo, era o dinheiro. Hoje faço por duas coisas: o dinheiro e o prazer”, (CARLOS, 18 anos, michê).

As propostas de relacionamento comumente ocorrem do mesmo modo que alguns michês relacionam comportamentos, atributos ou estéticas dos clientes os quais são evitados por representar repulsa e/ou desconforto.

Ignorância e afeminado demais não gosto. Aquele viado depravado demonstrando o que é mesmo... Já tive um caso de três meses com um. (David, 25 anos, michê).

Tô parado precisando de uma grana. Muitos já queriam caso comigo, mas eu não porque eu não sinto prazer. (João, 19 anos, michê).

Teve cliente que pediu pra ter caso, mas eu não quis. (Fabiano, 20 anos, michê).

O cara desenrolando a grana, o que rolar, rolou. O cara tem que arrumar uma grana pro carnaval... (Milton, 21 anos, michê).

As masculinidades, ou traços delas, enquanto atributo cultural atualizado de acordo com o período histórico e sociedade, como pudemos identificar não se restringe à conformação de discursos. As masculinidades imprimem sobre as subjetividades “coreografias” de gestos másculos e práticas sexuais que implicam a apoderação do/a parceiro/a tanto no plano discursivo e afetivo como sexual.

EM CENA A(S) MASCULINIDADE(S)

No decorrer deste trabalho nos detivemos a discutir como dava-se o processo de construção das masculinidades entre os michês que “jogam” na cena homoerótica e se dedicam ao *trottoir* no Centro de João Pessoa. A prostituição de rua praticada pelos michês tem a masculinidade, enquanto um atributo cultural múltiplo e diverso, como intermediadora das relações estabelecidas entre os próprios michês e clientes. Nosso campo de investigação se deteve ao Centro de João Pessoa, onde foi realizada a pesquisa, pondo em prática a observação participante, voltada para oito michês e o agenciador. Os critérios de seleção dos informantes para a pesquisa foram os de que os mesmos deveriam realizar a prostituição masculina de rua e freqüentar o espaço do Centro, para onde convergem de vários pontos da cidade, sujeitos em busca de interações homoeróticas.

Tomando como base a teoria de Joan Scott para o conceito gênero como uma categoria relacional nas relações de poder dos homens entre as mulheres, como também dos homens com outros homens e da produção de masculinidades hegemônicas e subalternas propostas por Kimmel (1998), investigamos no universo da prostituição masculina como as relações se estabelecem com os clientes, definidas a partir das noções de “atividade” e “passividade”, relacionando o homem como o sujeito da sexualidade e o outro, mulher, homens afeminados ou adeptos da passividade como o objeto a ser apoderado.

O valor de troca na prostituição masculina como pudemos perceber é a virilidade, sustentáculo de todas as conceituações que do significa ser homem para os michês: ter moral, no sentido de ser respeitado, ser responsável e não “desmunhecar”. As concepções sobre a atividade de prostituto, identidade e prática sexual recaiu durante toda a pesquisa no nomear o outro, o cliente, como homossexual, mesmo os casados com mulheres, e se (re) afirmar como homem, másculo, viril, diante do que Hall (2002) denomina de supermercado cultural, com uma variedade de identidades expostas e disponíveis.

O que se constitui neste trabalho como objeto de pesquisa não compreende um estudo sobre um grupo homogêneo, mas sim, uma pesquisa sobre indivíduos que possuem a prática do *trottoir* no Centro de João Pessoa, transitam pelos mesmos territórios sem construir laços e relações afetivas nestes espaços, se valendo da (s) masculinidade (s) para sobressair-se diante dos demais michês e conquistar clientes para os programas.

A característica de mobilidade (BALANDIER, 1997) tem sua razão de ser: proporciona a invisibilidade da atividade, aspecto que agrada aos michês e aos clientes e da possibilidade de novos clientes a partir da deriva pelo Centro.

Ao referirmo-nos às masculinidades no capítulo teórico deste trabalho, ressaltamos a proposição de Kimmel sobre o aspecto relacional e diverso do que vem ao nosso ver compreender este atributo cultural. Identificamos que, entre os informantes da pesquisa, as masculinidades ou traços delas estão inseridos nas relações sociais, no corpo e no uso que fazem dele e na idealização de homem construída no imaginário de cada um. Fazendo uso dos atributos como virilidade e dos dotes corporais como a própria musculatura adquirida a base de horas nas academias, os gestos, os movimentos do corpo, os michês identificam nas ruas o percurso à construção de masculinidades sobre os próprios corpos: ser corajoso, ter moral, ser respeitado, ser potente sexualmente e não ser efeminado e passivo como os homossexuais e as mulheres.

As masculinidades, ou traços delas, enquanto atributo cultural atualizado de acordo com o período histórico e sociedade, como pudemos identificar não se restringe a conformação de discursos. As masculinidades imprimem sobre as subjetividades “coreografias” de gestos másculos e práticas sexuais que implicam a apoderação do/a parceiro/a tanto no plano discursivo e afetivo como sexual.

A masculinidade tem sido a forma inicial com que os homens são socializados no mundo social, desde a infância. A análise nos possibilitou confirmar que o esforço empreendido pelos michês é muito maior para manter o controle da masculinidade sobre os corpos, discursos e práticas do que a resistência ao desgaste físico e mental no ato diário de “bater calçada”, porque a masculinidade, para os michês, seria a razão de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Jr., Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Cortez, 2001.
- _____. *Nordestino – uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió, Edições Catavento, 2003.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, São Paulo, Papius Editora, 1994.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a Identidade Masculina*. 2ª Edição. Tradução Maria Ignês Duque Estrada.
- BALANDIER, Georges. *A Desordem: Elogio do Movimento*. Tradução Suzana Martins. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1999. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1993.
- BOZON, Michel. *Sociologia da Sexualidade*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.
- _____. *Subjects of sex/gender/desire*. In.: *Feminisms*. KEMP, Sandra e SQUIRES, Judith. New York, Oxford University Press 1997. Tradução de Aldenor Rodrigues de Souza Filho (mimeo).
- _____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In.: Louro, Lopes Guacira (Org.) *O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte, Editora Autêntica: 2001.
- CALDAS, Dario. *Homens*. São Paulo, Editora SENAC, 1997.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: cultura, sociedade e cultura. O poder da identidade. Volume 2*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2002.
- CONNELL, Robert. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- COSTA, Jurandir Freire Costa. *A Inocência e o Vício – Estudos sobre o Homoerotismo*. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

_____. *Sem Fraude Nem Favor – Estudos Sobre o Amor Romântico*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1998. Coleção Gênero Plural.

COUTO, Márcia Thereza. “*Cultura e Diversidade: Homens Paulistas e Pernambucanos e seus Discursos sobre Relações Afetivo-conjugais e Violência*”. In. Homens: Tempos, Práticas e Vozes. Org. Benedito Medrado, Mônica Franch, Jorge Lyra e Maíra Brito. Recife, Instituto PAPAÍ/Fages/Nepo/Pegapacará, 2004.

DE LAURETIS, Teresa. "A Tecnologia do Gênero" In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e Impasses - O Feminismo como Crítica da Cultura*, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

DA SILVA, José Fábio Barbosa . “*Lembranças passadas a limpo: a homossexualidade masculina em São Paulo*”. In. *Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos*. GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo. (Orgs.) São Paulo, Editora UNESP, 2005.

DUTRA, José Luiz. “Onde você comprou esta roupa tem para homem?": a construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda. In.: *Nu e vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. (org.) Mirian Goldenberg. Rio de Janeiro, Record: 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da Língua Português*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 8ª Edição. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

_____. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1989.

_____. *Ética, Sexualidade, Política. Coleção Ditos e Escritos V. In.: Sexualidade e Poder*. Org.: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2004.

_____. *Vigiar e Punir. O Nascimento da Prisão*. 13ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1996.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

_____. *Para Inglês ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GALVÃO, Jane. *1980-2001: uma cronologia da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro, ABIA - Coleção ABIA – Políticas Públicas. Vol. 2, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 19975.

GOLDENBERG, Mirian. (org.) *Os Novos Desejos – Das Academias de Musculação às Agências de Encontros*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

_____. *Nu e Vestido – Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2000.

_____. *A Arte de Pesquisar – Como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1997.

GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo. (Orgs.) *Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos*. São Paulo, Editora UNESP, 2005.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1986.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1997.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª Edição. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002.

_____. *Quem precisa de identidade? In.: Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KATZ, Jonathan Ned. *A Invenção da Heterossexualidade*. Tradução Clara Fernandes. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.

KIMMEL, Michael S. *A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas*. In. *Corpo, Doença e Saúde*. (6): 103-118, Porto Alegre, Revista Horizontes Antropológicos, nº 9, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Sociedade Hipermoderna*. Porto Alegre, Barcarola, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. (org.) *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade..* Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2001.

_____. *Um Corpo Estranho – Ensaio sobre Sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2004.

MACHADO, Lia Zanotta. *Masculinidades e violências*. In. *Masculinidades*. Organização: Mônica Raisa Schpun. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004.

MACRAE, Edward. *Em Defesa do Gueto*. In.: Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. (Orgs.) Green, James R., e Trindade, Ronaldo. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

MATOS, Marlise. *Reinvenções do Vínculo Amoroso: Cultura e Identidade de Gênero na Modernidade Tardia*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2000.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Gênero Plural. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1993.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de Paus: O jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Bahia, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

PARKER, Richard. *Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2002.

_____. *Corpos, Prazeres e Paixões – A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Editora Best Seller, 1991.

_____ & BARBOSA, Regina Maria. (orgs.). Regina Maria. (orgs.) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, ABIA: IMS/UERJ, 1996.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. “O Impacto da Aids, a Afirmação da ‘Cultura Gay’ e a Emergência do Debate em Torno do ‘Masculino’ – Fim da Homossexualidade?”. In.: *Homossexualidade: Produção Cultural, Cidadania e Saúde*. Orgs.: Luís Felipe Rios, Vagner de Almeida, Richard Parker, Cristina Pimenta e Veriano Terjo Júnior. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplina da Aids, 2004.

PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê – A Prostituição Viril*. 2ª Edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

SCHPUN, Mônica Raísa. (Org.) *Masculinidades*. São Paulo, Editorial Boitempo, 2004.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma Categoria Útil para Análise Histórica*. Recife, Publicações SOS Corpo, 1991. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila do texto *Gender: a usefull category of historical analysis. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press, 1989.

TREVISAN, José Silvério. *Seis Balas Num Buraco Só – A Crise do Masculino*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1998.

_____. *Devassos No Paraíso – A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. 3ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Record, 2000.

UZIEL, Anna Paula; RIOS, L.; PARKER, Richard Guy. (orgs.) *Construções da Sexualidade: Gênero, Identidade e Comportamento em Tempo de Aids*. Rio de Janeiro, Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2004.

_____ e KUSCHINIR (Org.) *Pesquisas Urbanas – Desafios do Trabalho Antropológico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2003.

WELZER-LANG, Daniel. *Os Homens e o Masculino numa Perspectiva de Relações Sociais de Sexo*. In. *Masculinidades*. Org.: Mônica Raísa Schpun. São Paulo, Editorial Boitempo, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Org. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

PERIÓDICOS

BONUMÁ, Tatiana. *Com Vocês, o Pênis*. Revista Superinteressante. Rio de Janeiro, Editora Abril, abril de 2003.

CASTRO, André Augusto. *Homocultura*. Entrevista: Denílson Lopes. Brasília, 26 de junho de 2004. Disponível em <http://www.unb.br/acs/especiais/homocultura-20htm>

COLMAN, David. *Como Saber pela Aparência se um Homem é Gay? – Evolução de moda e estilo em homos e heteros anula estereótipos*. The New York Times. 20 de junho de 2005. Disponível Online em Uol Mídia Global www.uol.com.br. Acessado dia

DO NASCIMENTO, Janaina Xavier. *Identidade e Feminismo*. Recife: Mimeo

FREITAS, Marcel. Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro. *Efdeportes.com – Revista Digital*. Buenos Aires, Argentina, Ano 8, nº 55, dezembro de 2002. Disponível em www.efdeportes.com/efd55/paixao1.htm. Acessado dias 20/01/2006 e 28/02/2006.

GÓIS, Antônio. *“Hipermasculinidade” leva jovem ao mundo do crime*, entrevista com a antropóloga Alba Zaluar. *Folha Brasil, Folha de SP*, 12 de julho de 2004.

LIMA, Wagner de Oliveira. *Contrato de virilidade: uma grande reportagem sobre a prostituição masculina no Centro de João Pessoa*. Projeto Experimental do curso de Comunicação Social. João Pessoa: UFPB, 2000.

LINHARES, Juliana; NEIVA, Paula; e BERGAMO, Giuliana. *Homem*. Revista Veja Especial. Nº. 34. São Paulo, Editora Abril, Agosto/2004.

_____. Entrevista com Mark Simpson. *Homem*. Revista Veja Especial. Nº. 34. São Paulo, Editora Abril, Agosto/2004.

LOBATO, Eliane. *A Violência é Masculina*. Revista Istoé. 08 de agosto de 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In. LOPES, Marta Júlia; MEYER, Dagmar Esterman & WALDOW, Vera Regina (orgs.) *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MIRANDA, Marcelo Henrique G. *(Re) Despertar Tardio da Docência*. Dissertação (Mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

MONIQUE, Augras. *Poder de Desejo, ou Desejo de Poder?* In.: Arquivos Brasileiros de Psicologia. Vol. 37. Rio de Janeiro, FGV, Abril/Junho de 1985.

OLIVEIRA, Luciana. *Garotos entram na rota da prostituição*. Jornal da Paraíba, Campina Grande, 26 de agosto de 2001.

PATRÍCIO, Cecília. *Travestismo: Mobilidade e construção de identidades em Campina Grande*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

PERLONGHER, Nestor. *O Contrato da Prostituição Viril*. In.: Arquivos Brasileiros de Psicologia. Vol. 37. Rio de Janeiro, FGV, Abril/Junho de 1985.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. "Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler". Tradução Susana Bornéo Funck. *Revista Estudos feministas*. V. 10 (1), 2002.

SALVADOR, Sileide. *O Negro: do Brasil Colonial ao Brasil Tecnológico*. Disponível em: www.ppgte.cefetpr.br/semanatecnologia/comunicacoes/o_negro_do.pdf. Acessado dias 25/04/2006 e 06/06/2006.

TOURAINÉ, Alain. Entrevista. *Revista Veja*. Rio de Janeiro, Editora Abril, 23 de novembro de 1994.

VELOSO, Renato. *Relações de Gênero: Notas Introdutórias*. *Enfoques Online* – Revista Eletrônica do PPGSA. Rio de Janeiro, V.2, nº 1, Julho de 2003. Disponível em [www.http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/artigos.htm#null](http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/artigos.htm#null). Acessado dia 25/08/2005.

VENCATO, Anna Paula. "Desligando o gravador: raça, prestígio e relação centro/periferia nas construções de hierarquias entre drag queens". In.: Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC), 2002. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/semint/trabalhos/annavencato.doc>. Acessado 01/08/2004.

VIEIRA, João Luiz. *A Vingança Machista* – Entrevista com José Silvério Trevisan. *Revista Época*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 25 de setembro de 2000.

JORNAIS

A Colméia, Boletim Informativo do Movimento do Espírito Lilás. *Travesti e Respeito*. João Pessoa, ano 3, nº 1, fevereiro/março de 2004.

_____ *3ª Parada pela Diversidade Sexual na Paraíba – Travesti e Respeito*. João Pessoa, Edição Especial, 12 de junho de 2004.

_____ *3ª Parada pela Diversidade Sexual – Travesti e Respeito*. João Pessoa, ano 3, nº 3, junho/agosto de 2004.

_____ *O Mel Rumo ao Fórum Social Nordestino*. João Pessoa, ano 3, nº 4, setembro/outubro de 2004.

_____ *Mel 2005 – Novas Ações e Projetos*, João Pessoa, ano 4, nº 1, janeiro/fevereiro de 2005.

_____ *Brasil sem Homofobia – Paraíba Implanta Programa do Governo Federal*. João Pessoa, ano 4, nº 3, maio/junho de 2005.

Outras Palavras, Boletim do Instituto PAPAI, Recife, nº 3, fevereiro de 2003.

ANEXO I

ENTREVISTAS COM MICHÊS

2005/2006

Desejos à Deriva:

*Os michês e a Construção de Masculinidades
No Centro de João Pessoa*

Entrevistas com michês nov/2005 a jan/2006

1. Como você entrou na prostituição? A primeira experiência fazendo programas:		
1. Rafael, 29anos (agenciador)	“Comecei fazendo programas no Centro aos 16 anos, depois de conhecer São Paulo e ver que lá isso rendia lucros... Fiquei na atividade até os 20 anos. Depois disso, passei a agenciar os garotos”.	Obs.: Rafael diz inicialmente ter 5 ou 6 agenciados
2. Carlos, 18anos	“Primeiro programa fiz aos 16 anos. Tava caminhando no Centro e um cara me abordou se eu já tinha tido relação com homossexual. Eu, um pouco constrangido fui e sai com ele, meio recatado ainda”.	
3. David, 25 anos	“Com 18 anos conheci na rua um cara, fomos para um bar, conversamos, depois uma pousada, aí rolou...”	
4. André, 22 anos	“A primeira vez foi com Rafael. Sempre Rafael...”	
5. Milton, 21 anos	“A primeira vez foi com um cara lá do meu bairro que deu em cima de mim aí saí. Eu faço programa há 8 meses. Eu tô sem telefone rapaz porque perdi o meu em Natal”.	
6. Marcos, 24 anos	“Eu tava aqui na Praça* aí Rafael disse: ‘Aí tá a fim de sair e ganhar um dinheiro?’ Foi mais uma enrolação. Não senti nenhuma atração pela pessoa e ganhei R\$ 50,00”.	* A Praça citada é a João Pessoa, no Centro de João Pessoa.
7. João, 19 anos	“Tava na rua, fui só conhecer a figura do meu tio*. Aí rolou com o outro cara. Ele deu em cima de mim, aí saí com ele”.	* O tio citado é Valdir também em situação de prostituição
8. Hélio, 26 anos	“Andava com um amigo que tinha caso com um cara. Ele disse que ia pra Festa das Neves, que só dava viado e sapatão lá. Falei: ‘tranquilo’. Na casa do colega do amante do meu amigo dormimos. Acordei com um cara me chupando, coloquei a camisinha e comi ele. Ele começou a me dar presentes. Aí vim pro Centro e conheci Rafael”.	
9. Fabiano, 20 anos	“Começou do nada. Tava numa festa, uma bicha me chamou pra sair, tomar uma, que me dava uma grana e comecei nessa”.	

2. Auto-classificação. Você é gay, homo, bi, hetero?	
1. Rafael, 29anos (agenciador)	Sou homossexual.
2. Carlos, 18anos	“Acho que me considero bi. Pra mim é tão normal como transar com uma mulher, como faço com a minha namorada, como com um homossexual. Se você perceber, muitos homossexuais dão mais prazer do que algumas mulheres. Sinto do mesmo jeito. Olha vou falar uma coisa: prazer!”
3. David, 25 anos	“Eu me considero homem porque eu sempre faço a parte do homem. Pra mim a parte do homem é não ser tocado nas partes íntimas: na bunda. Não deixar penetrar. Tocar, relar... normal, mas não deixar penetrar. Ser penetrado é coisa que sei lá, pra mim não se encaixa”.
4. André, 22 anos	“Eu sou bi. Bi num é o que sai com mulher e homem? Então, sou bi?”
5. Milton, 21 anos	“Faço programa, não vou dizer que não faço como muitos por aí. Eu digo logo que faço programa e sou bi”.
6. Marcos, 24 anos	“Eu tive namorado durante sete anos. Sou homossexual, ou então, bi porque eu curto mulher também”.
7. João, 19 anos	“Sou bissexual”
8. Hélio, 26 anos	“Eu curto pela grana, necessidade. Fui casado dos 19 aos 23 anos e tenho uma filha de quatro anos”.
9. Fabiano, 20 anos	“Eu me considero homem. Ninguém sabe de mim. Fui casado 3 anos e 2 meses e ela não sabe. Tenho um filho de 8 meses, mas tô separado agora. E ela nunca soube de nada”.

3. O que os clientes procuram?	
1. Rafael, 29anos (agenciador)	“Ah, o grande interesse é a beleza, o corpo masculino. Desinteresse quando não tem porte, corpo, beleza. Corpo bonito, másculo... O papo de Antônio é uma desgraça, mas é menino, dá pra passar. Os que têm mais saída são os branco e pardo. De 18 a 20cm de pomba pinta muito programa. Quando procura um moreno é por causa do pau, dizem que é grande”.
2. Carlos, 18anos	“Geralmente depende de pessoa pra pessoa. Uns querem que beijem, fazer sexo oral em você. Pergunta o que faz, o que gosta e o que não gosta. Faço uns 8 programas por semana em torno de R\$ 30,00 a R\$ 50,00. Acho que a cor por ser negro atrai eles. Falam que a cor negra chama mais a atenção. Dizem que meu corpo é bonito... é 24horas o atendimento. Pessoa qualquer, normal... sem diferença”.
3. David, 25 anos	“O meu jeito simples de ser. Ser homem na hora da relação”
4. André, 22 anos	“Me procuram porque eu sou o gostoso. Sou uma máquina de sexo, faço 3, 4 vezes, com intervalo né. Eles e elas procuram meu pênis, chupar meu pau”.
5. Milton, 21 anos	“Eles procuram sexo, aventura”.
6. Marcos, 24 anos	“Superioridades, sentimento de posse, acho isso nojento. Queira ou não possui, não a mim, porque não deixo passar esse lado profissional. Passo a imagem de necessidade ou prazer”.
7. João, 19 anos	“Dizem que é meu corpo, que é bonito. Faço de 3 a 4 programas por dia porque tem vez que não tem penetração. Tem uns que não querem. A maioria procura cara ativo mesmo”.
8. Hélio, 26 anos	“É também mais o carinho. Muitos são reprimidos, quer falar, aparece muito cliente que paga pra dar o máximo de carinho. Eles gostam do meu pau. Tenho um tamanho legal e muita gente fala que é bonito. Eu cuido mais dele do que de mim, eu gosto e ele me dá dinheiro”.
9. Fabiano, 20 anos	“Consiigo clientes estando na rua com eles pelo jeito de conversar, de ser carinhoso, sinceramente não sei”.

4. O que é ser homem para você? E o que é não ser homem?	
1. Carlos, 18anos	“Ser homem é manter o respeito na sociedade porque não tem diferença o homossexual que se considera mulher. Mais vale o respeito que se coloca pra sociedade. Acho que ser homem é manter o respeito diante de todos acima de tudo?”
2. David, 25 anos	“Ser homem é não demonstrar nenhuma fraqueza, ser sincero, realizar a pessoa sexualmente e ser realizado. Os dois né, realizar e se realizar, mas tem que responder: Ser homem é realizar! Porque ta satisfazendo o companheiro, a companheira”.
3. André, 22 anos	“Respeito e consideração moral. Não deixar ninguém lhe rebaixar, lhe desrespeitar”.
4. Milton, 21 anos	“É ser honesto, não ficar por aí desmumhecando...”
5. Marcos, 24 anos	“Um bom papo, um bom caráter pra passar um sigilo pra mim”.
6. João, 19 anos	“Não sei...” “Não ser homem é ser homossexual”.
7. Hélio, 26 anos	“Hoje em dia é relativo. Só porque tem pau é homem? Não é isso. É se garantir no que faz?”.
8. Fabiano, 20 anos	“Ser homem pra mim é tudo, é ter moral, andar na boa como outro qualquer”.

5. Você já foi o passivo na relação durante os programas?		
1. Rafael, 29 anos (agenciador)	“Quando fazia programa saía sim. O que valia era o dinheiro dos cliente”.	
2. Carlos, 18 anos	“Aquele coisa, só nunca deixei me penetrar, algo que sei lá, é algo de mim. Não entra na minha cabeça. Deixo passar a língua, acariciar meu ânus é quase do mesmo jeito que tivesse penetrando alguém. Eu nunca tentei, nem permiti, sempre deixei bem claro”.	
3. David, 25 anos	“Já tentaram. Não deixei porque é de mim mesmo. Eu deixo assim... alisar, contato só não a penetração”.	E já tentou dar? Reticente responde: NÃO!
4. André, 22 anos	“Não quero jamais. Me penetrando com cuidado nenhum. Não quero que tenha cuidado comigo”.	
5. Milton, 21 anos	“Se o cara faz isso é porque curte também né? Curto tudo, não vou dizer que não curto, se curto mesmo...”	
6. Marcos, 24 anos	“Já, isso não existe. Esses que dizem que são só ativos é uma farsa. Geralmente que quem vai pagar também quer ser o ativo na relação. Comigo falam: ‘se eu vou pagar, prefiro comer’”.	
	“Existe o fato da maioria não assumir postura homossexual quando eles acham que não são, que não estão. O fato de não ser passivo pra manter a masculinidade com o amigo, de certa forma, não ser motivo de ironia, anarquia, coisa espontânea”.	
7. João, 19 anos	“Se eu saio como passivo? Nunca fui passivo na relação. Não sinto prazer nenhum não. Dependia do momento de sair sendo passivo. Rapaz, eu não sei, só no momento”.	
8. Hélio, 26 anos	“É muita conversa, diz que não faz, às vezes gosta de conversa de que é ativo pra papear”.	
	“Nunca deixei. Tentei, mas não me senti bem. Tava indo pela grana e antes cheguei a falar pro cara. Isso instigou”.	
9. Fabiano, 20 anos	“Não sei. Rapaz, já pintou vontade, sei lá no momento senti vontade, tinha quem, não foi tanto confiar, mas imaginar como ia ser na hora. Aí ficou chateado. Quando tava começando pedi pra parar. Tenho vontade de dar, não tanto, mas tentaria fazer a experiência”.	

6. Como acontecem os contatos com os clientes?	
1. Rafael, 29anos (agenciador)	<p>“Na realidade não tenho interesse em conhecer cliente. Dele vir a mim... prefiro”.</p>
2. Carlos, 18anos	<p>“É mais pelo celular. Eu não tenho clientela grande, mas pessoas que marcam e fazem realmente porque eu tenho um ideal de vida e um nome a zelar. A cidade é pequena. Eu sou uma pessoa pública, jogava futebol em clube, por isso, que não fico tanto tempo parado nas calçadas”.</p>
3. David, 25 anos	<p>“Não sou aquilo, ativo* nessa coisa da prostituição. Não sou direto na seqüencial. Há um ano e meio faço programa”</p>
4. André, 22 anos	<p>“Faço programa uma vez perdida. E Rafael me liga quando tem alguma coisa”.</p>
5. Milton, 21 anos	<p>“É na rua mesmo o contato acontece. Desde às duas da tarde que to na rua sem nada à vista. O movimento ta fraco.”</p>
6. Marcos, 24 anos	<p>“Na verdade, eu não faço programa. Se for pra viver de programa, eu prefiro morrer de fome. Aconteceu... Pelo que sei a prostituição é muito parada em relação a metrópoles. Em si o sexo está em todas as esquinas. É só ir na boate, não é necessário pagar, só quando o produto é muito bom. Não fico com todo mundo. Mesmo com dinheiro, tem que rolar alguma coisa. Não só corpo. O sexo pra mim é uma experiência muito massa. No momento psicológico, eu puder fazer...”</p>
7. João, 19 anos	<p>“Fico na rua à noite até às oito horas. Trabalhava antes como comerciante na Feira da Sulanca em Caruaru...”</p>
8. Hélio, 26 anos	<p>“Atualmente trabalho mais em Natal em uma sauna. Eu faço programa aqui pra poder viajar e me manter lá”.</p> <p>“Na Lagoa às vezes acontece, não deixa de ser, de encontrar muito cliente que ta a fim de curtir”.</p>
9. Fabiano, 20 anos	<p>“Fica andando, às vezes, pára perto e, às vezes, chega e pergunta: onde tu mora? Vai embalando o papo... muitos não têm coragem de chegar perto”.</p>

Obs.: Pelo contexto a expressão ativo foi utilizada por ele no sentido de frequente

7. Do que você tem medo?	
1. André, 22 anos	“Já pensou tu saindo com um cara e ele estourar a camisinha dentro de você? To fora. Eu quando penetro a pessoa tenho cuidado pra camisinha não estourar. Não quero jamais. Me penetrando com cuidado nenhum”.
2. Milton, 21 anos	“De não conseguir emprego”.
3. Marcos, 24 anos	“Sigilo em primeiro lugar. É muito constrangedor. Você pode se envolver com alguém, e quem é de programa é coisa volúvel, visão geral é o que vejo das pessoas, no mundo em geral”.
4. João, 19 anos	“Tenho medo de nada. Ah, de pegar doença tenho”.
5. Hélio, 26 anos	“Medo dos amigos, conhecidos de programa, de farrá, não dá pra confiar. O lance da droga tão fazendo tudo chegar a desacatar, extorquir, roubar. Tem amigo que fala: ‘vamo tomar uma, pegar um viado pra curtir’ e lá sai com o viado e pede dinheiro da passagem. Meia hora depois volta pedindo dinheiro, então não saiu sabe, fica enrolando”.
6. Fabiano, 20 anos	“Medo de pegar uma bicha que tenta me levar e fazer uma coisa de mal”.

8. Existe preconceito na prostituição?	
1. Rafael, 29anos (agenciador)	<p>“Tem muito preconceito porque ele, o garoto de programa, é resolvido ou ambos não são e as pessoas falam do que não conseguem entender”.</p>
2. Carlos, 18anos	<p>“É trabalho como qualquer outro. Sei lá, eu acho meio complicado. Eu falo que sou garoto de programa. A sociedade em geral discrimina os homossexuais, não são todos, mas se alguns se dessem mais ao respeito seriam mais respeitados. Acho assim, por ser homossexual não precisa mudar o jeito de ser, a voz, de se vestir e entre as quatro paredes, blz...”.</p>
3. David, 25 anos	<p>“Não me considero homossexual porque sou lderalmente homem. No meu modo de ver homossexual é viado. Conhecido que tá envolvido no meio sabe de mim, mas a minha família não. Moro com minha mãe. Ela iria ignorar se soubesse porque já tem aquele preconceito”.</p>
4. Marcos, 24 anos	<p>“Não teve barreira nenhum porque todo mundo cabeça né. Mas o povo de fora tem preconceito, não gosta de gente voltivel e se eu um dia conhecer alguém? É complicado pra mim tá aqui”</p>
5. João, 19 anos	<p>“Rapaz não, porque se artumar uma coisa melhor... porque é artiscado de pegar uma doença, os outros falam muito, ficam muito conhecidos...” “Quando eu saio não digo meu nome porque o cara não pode ficar muito visado. Tenho namorada, aí se falar comigo em alguma festa ou lugar, falo que não conheço”.</p>
6. Hélio, 26 anos	<p>“Boy não existe. Michê é negócio pra coisa... michê é micharia. É garoto de programa”.</p>
7. Fabiano, 20 anos	<p>“Tenho um colega que ele deu e virou viadagem geral, ficou efeminado. Se eu desse não partia pra essa. Ta no ser do jeito que eu era. Eu não só curto homem como curto mulher geral. E ele curtiu os dois, depois que deu ficou curtindo só com homem. Já bateu arrependimento. Aí bateu arrependimento, porque tô parado e fiquei pensando na minha cara de pau”. “Penso em desistir geral, em janeiro* vou trabalhar novamente. Já fui a Oca** e não gostei, mas porque o clima lá dentro é pesado, muito homem se beijando”.</p>
	<p>E se você fosse homossexual? “Acho que não porque eles no caso tão procurando homem. Eu tenho pensamento fixo de ser o que quero ser pra mim. Sonhos, penso em sair dessa vida, ganhar meu sustento”. O que é blz? Aí rola tudo, se liberta!</p> <p>E se as pessoas soubessem? Por que as pessoas ignoram né? Já tem aquele preconceito”.</p> <p>E como é está aqui? “A gente não pode ta escolhendo, se fosse uma coisa que rendesse lucro...Eu tô desempregado, por isso”.</p>
	<p>*Oca é um barboate instalada na rua Duque de Caxias, Centro, área desde os anos 90 que atrai bares GLS, a exemplo de Sem Censura Bar, Órbita, Folhetim, Bambulúá, etc. ** Janeiro de 2006</p>

9. Como é sua relação com os clientes?	
1. Rafael, 29anos (agenciador)	“Naquela época (década de 90) tinha muito cliente de grana. Hoje não. Tem uns que ligam, dizem o tipo de garoto que quer, aí eu ligo ou venho pra rua procurar eles”.
2. Carlos, 18anos	“Vou ser sincero. Já aconteceu de um cliente que me balançou e me deixou mais com vontade de sentir falta frequente. Era falta da pessoa mesmo. No começo, era o dinheiro. Hoje faço por duas coisas: o dinheiro e o prazer”.
3. David, 25 anos	“Ignorância e afeminado demais não gosto. Aquele viado depravado demonstrando o que é mesmo... Já tive um caso de três meses com um cliente”.
4. André, 22 anos	“Se gozou já era. R\$ 50,00 a gozada. Não importa o tempo, o cara gozou, pego meu dinheiro e vou embora. Eu não acho bacana homossexual, cada um tem sua escolha”.
5. Milton, 21 anos	“O cara desenrolando a grana, o que rolar, rolou. O cara tem que arrumar uma grana pro carnaval...”.
6. Marcos, 24 anos	“Hoje em dia só quem quer pagar é gay. Tem cara que tem que pagar, se acha inferior ou por se achar superior. É uma forma de comprar os outros, porque... necessidade, momentos, situações de momento, fêiches”.
7. João, 19 anos	“To parado precisando de uma grana. Muitos já queriam caso comigo, mas eu não porque eu não sinto prazer”.
8. Hélio, 26 anos	“Às vezes eu ligo, geralmente, já sei os dias que vai ter dinheiro, eles falam também. Hoje em dia só muita paquera. Não dou muita atenção. Como saio às vezes aparece um brother, me atraio... Hoje tão a fim mais de conhecer pessoas do que ficar por ficar. O preço depende muito da pessoa, do cliente, geral R\$ 30,00, vai muito da catimba da pessoa”.

10. Como você identifica os clientes na rua?	
1. Rafael, 29anos (agenciador)	<p>Identificação dos garotos de programa</p> <p>“Olha, vejo o garoto e dou cabimento que tô interessado, na verdade, a história não é pra mim, é pra figura e às vezes os caras saem mesmo. Tem muito garoto belo, às vezes, é difícil.”</p>
2. Carlos, 18anos	
3. David, 25 anos	<p>“Fico na rua próximo à Praça João Pessoa e ando até a Lagoa até as 7 da noite. Eles olham, dão sinal. Faço dois programa por noite”.</p>
4. André, 22 anos	<p>“Rafael, Rafael que faz isso. Ele liga e me diz quem é o cara”.</p>
5. João, 19 anos	<p>“A maioria é de homossexuais casados. Por telefone eles procuram Rafael. Alguns falam que é casado e querem que o cara fique peixe (peixe na gira é ‘ficar fto, na sua, calado’)”.</p>
6. Fabiano, 20 anos	<p>“Pelo jeito dele, como andar, como encara a gente. Também sou de encarrar muito. Conheço pelos passos. Todo meio arrochadinho, camisa arrochada e curta. O jeito de ser, de falar, maneira de conversar...”</p> <p>“Outro dia vinha subindo a B. Rohan, um cara deu sinal, aí conversamos, fomos pra Lagoa, ele pagou a cerveja e de lá fomos pro Geisel na casa dele. Daí a gente foi pra praia e passou o dia lá. Hoje tenho uns 15 clientes fixos toda semana e cobro R\$, 20,00”.</p>

11. Quem são seus clientes?	
1. Rafael, 29 anos (agenciador)	Varia muito. Tem muita gente que trabalha aqui no Centro, homossexuais casados, solteiros que me procuram pra apresentar os boy”
2. Carlos, 18 anos	São homossexuais, a maioria casado procurando aventura, prazer. Não gosto de barba e bigode, não gosto porque não me sinto à vontade. O cara que fica em lugar público falando em voz alta, querendo te tocar. Tem que manter um comportamento”
3. David, 25 anos	“No momento to sem trabalho. Mulher é raro, difícil aparecer por aqui. Aparece mais homossexual. Os clientes tem de 30 a 35 anos, mais velho também é difícil”
4. André, 22 anos	Homossexual né?”
5. Milton, 21 anos	“Homossexuais casados que procura aventura né”
6. Marcos, 24 anos	“Homens casados a maioria. Mas aparece também caras solteiros. Não é tudo de bom ou de ruim.”
7. João, 19 anos	“Não que me agrada ou desagrade, por exemplo, o agenciador já me disse na primeira vez como era o cara: velho, barrigudo, afeminado, aposentado e solteiro. Fui sabendo quem era o cliente”
8. Hélio, 26 anos	“Os caras que tão a fim de pênis, porque geralmente eles gostam disso, mas não é verdade, eu acho que gostam de pessoas simpática, legal. Mas a maioria pergunta tamanho, se é grande, como é. Eu falo que é normal, bonito e tal. Algumas mulheres pagam, outra é por amor. Já fiz com coroa mulher. É diferente porque eu gosto de mulher”
9. Fabiano, 20 anos	“A maioria dos clientes, tudo casado, e deixa a mulher em casa e vem procurar a gente... procura pra fazer sexo. Com mulher faço amor, agora aparece muita mulher pra fazer programa. Eu gosto muito de mulher”.
	“É tudo Homossexual”

12. Existe violência na prostituição masculina?

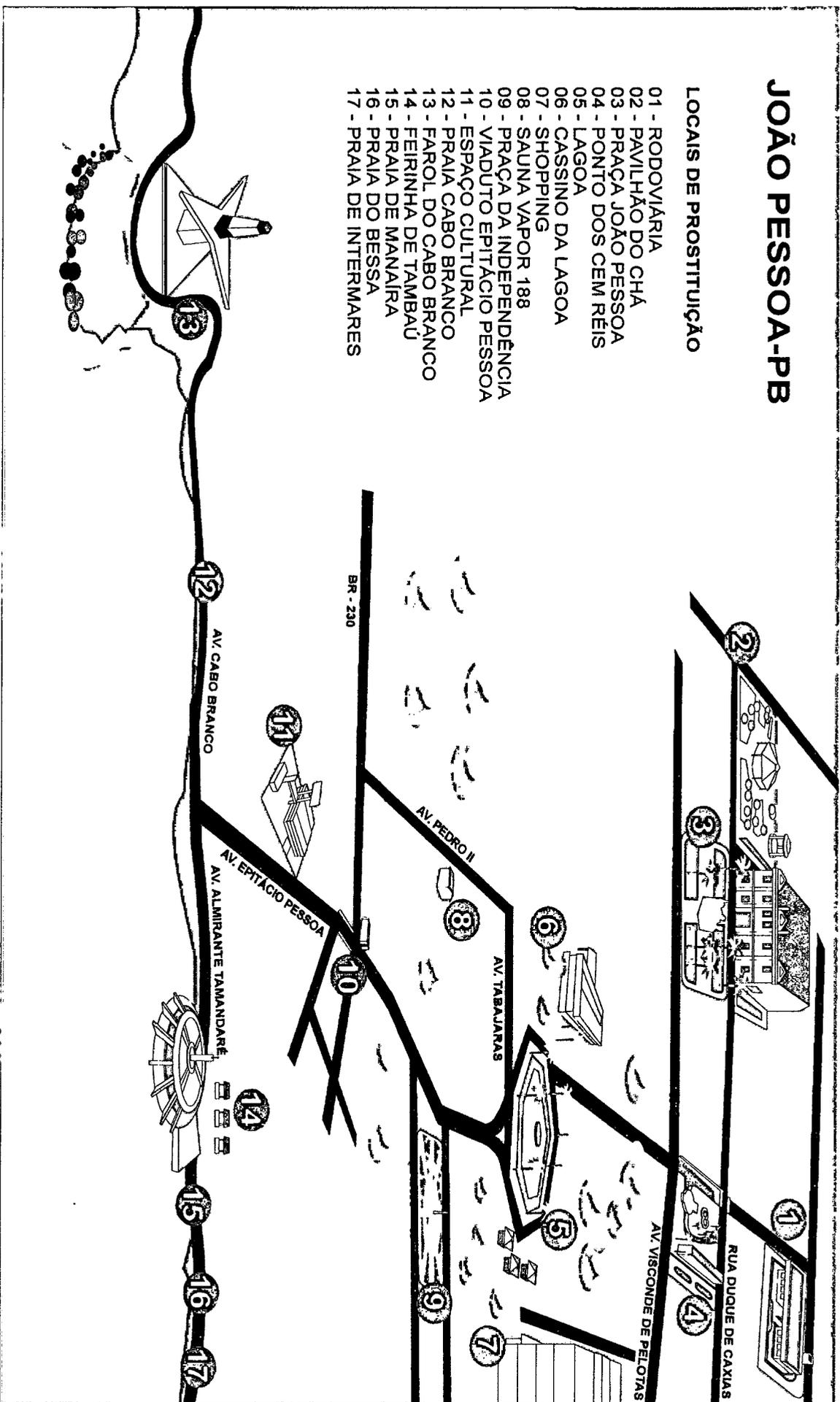
1. Rafael, 29anos (agenciador)	<p>Vou, conheço, pego o telefone, descobro onde eles moram, os amigos, porque se um dia eles apronta eu sei onde encontrar, porque a gente combina tudo certo e eles (os garotos de programa) apronta. Advogados, juizes, promotores são os piores clientes porque estão por dentro da lei”</p> <p>“Esse lance de ta turminha (se referindo ao grupo que agenciou nos anos 90) a policia baixa em cima. Não é legal. Eles ficam por aí e quando aparece programa eu vou ligando pra eles e já marcando hora e local do encontro”</p> <p>“Tem cliente que só vem quando algum boy apronta com ele e alguém diz: ‘Rafael apresenta os boys’. Só vêm a mim quando os boys apronta com eles... Eles têm que passar decepção pra isso. Esses garoto de programa é uma praga”</p> <p>“Perdi muitos clientes porque eles não confiam mais, foram roubados pelos garotos. Aí hoje, converso, explico, dou conselho pra não roubar”.</p>	
2. Carlos, 18anos	<p>“Eu tenho algo comigo. Quando já conheço eu transo e ele vai dar o dinheiro. Sem eu conhecer, dá o dinheiro primeiro. Tem uns cara que roubam e tem uns caras, homens, que acabam não cumprindo o acordo”.</p>	
3. Hélio, 26 anos	<p>“No começo aqui eu ganhava dinheiro, mas a clientela parou de vir aqui. Perdi muitos clientes. A violência com homossexuais é muito grande. Hoje em dia se conta as figuras na área querendo sexo. Por conta de boy que sacaneou. Tem dia de fazer só um programa”.</p>	
4. Fabiano, 20 anos	<p>“As vezes pego pelo caráter. O que me atrai é o jeito de tratar. Alguns tratam com brabeza. Uma vez fui pra pousada com um cara, disse a ele que tudo rolava, só não dava. Ele queria me bater... eu fui embora e deixei ele lá”.</p>	

MAPA 1

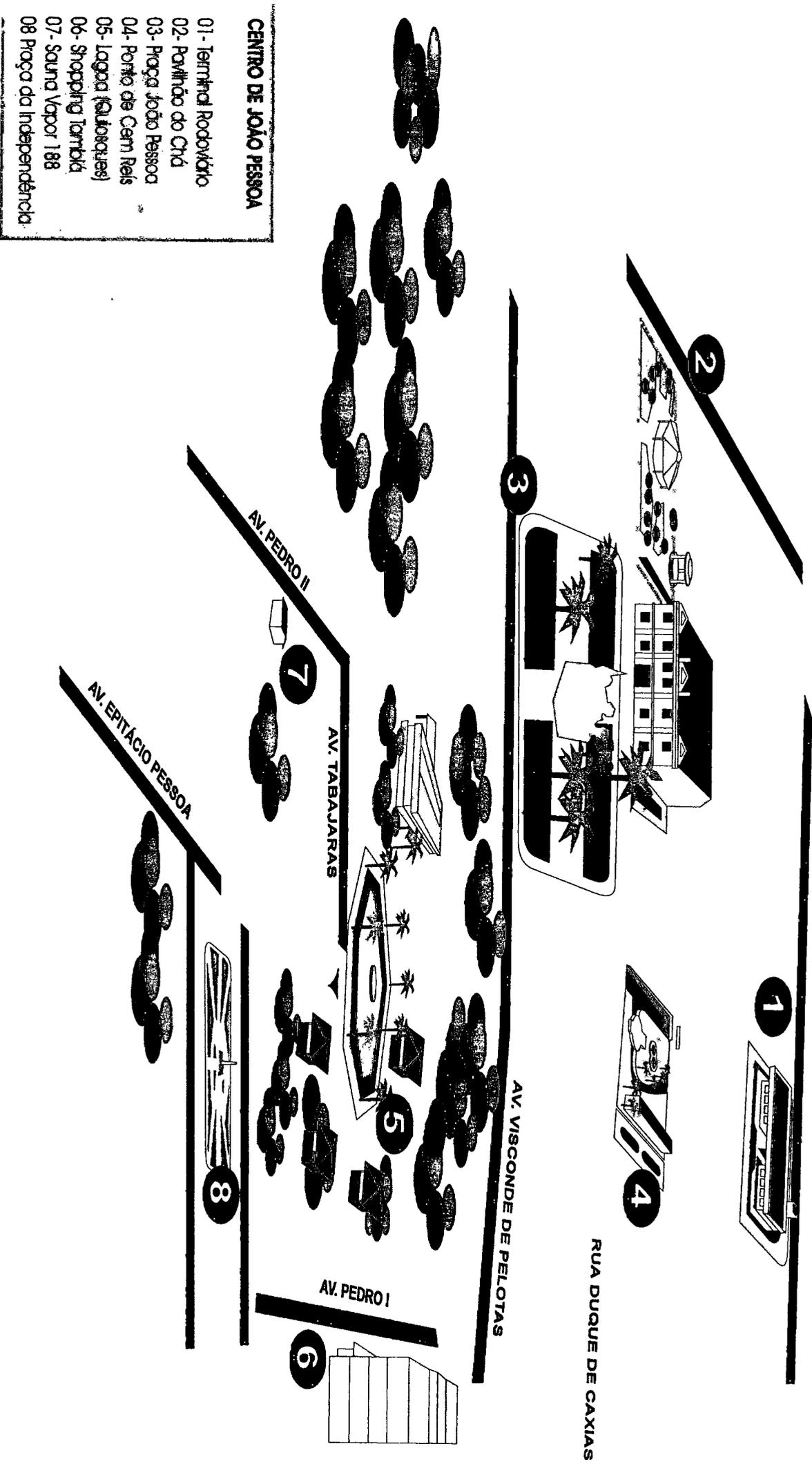
JOÃO PESSOA-PB

LOCAIS DE PROSTITUIÇÃO

- 01 - RODoviÁRIA
- 02 - PAVILHÃO DO CHÁ
- 03 - PRAÇA JOÃO PESSOA
- 04 - PONTO DOS CEM RÉIS
- 05 - LAGOA
- 06 - CASSINO DA LAGOA
- 07 - SHOPPING
- 08 - SAUNA VAPOR 188
- 09 - PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA
- 10 - VIADUTO EPITÁCIO PESSOA
- 11 - ESPAÇO CULTURAL
- 12 - PRAIA CABO BRANCO
- 13 - FAROL DO CABO BRANCO
- 14 - FEIRINHA DE TAMBAU
- 15 - PRAIA DE MANAÍRA
- 16 - PRAIA DO BESSA
- 17 - PRAIA DE INTERMARES



MAPA 2



CENTRO DE JOÃO PESSOA

- 01 - Terminal Rodoviário
- 02 - Pavilhão do CId
- 03 - Praça João Pessoa
- 04 - Praça de Cem Reis
- 05 - Lagoa (Calisques)
- 06 - Shopping Tamboá
- 07 - Sauna Vapor 188
- 08 Praça da Independência

COMUNIDADE NO ORKUT (www.orkut.com)

http://www.orkut.com - orkut - comunidades - Pegação na praia do Bessa - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda



Pegação na praia do Bessa

participar

ver fórum

ver eventos

convidar amigos

falso! denunciar

descrição: Essa comunidade é pra vc frequentador ou q ja foi na pegação da praia do bessa nas imediações do bar peixe eletrico,ou seja,no final do bessa,sempre a tardzinha,quando o sol vai caindo,a galera ja encosta pra curtir,se vc foi ou depois de ver a comunidade vai passar por lá fique a vontade em participar e pra quem n foi passa por lá chame seus amigos e vão...

categoria: Gays, Lésbicas e Bi

dono: *BOY PB*

tipo: moderada

fórum: anônimo

idioma: Português

local: João Pessoa, PB, Brasil

criado em: 20 de Janeiro de 2006

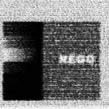
membros: 22

membros (22)

 Lenoxx (24)	 Delano (29)	 Telles (45)	 100% PASSIVO (115)
 PsiJonasPsi (107)	 Carlo (170)	 Lucas (128)	 Bobby (83)
 Bruninho (98)	 andre (12)	 Kaike (83)	 Mysterious (35)

ver membros

comunidades relacionadas



TÓPICO DE DISCUSSÃO DA COMUNIDADE

http://www.orkut.com - orkut - comunidades - mensagens - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda



Pegação na praia do Bessa (22 membros)

ver perfil

ver fórum

ver eventos

tópico: QUE HORÁRIO/ONDE ROLA?

Mostrando 1-4 de 4 primeira < anterior | próxima > | última

cara... 15/03/2006 16:18
depende onde vc quiser... pois em toda praia rola... do começo ao final... fica melhor apartir da quarta feira logo depois de escurece... isto no começo... (depois do final da calçadinho até a base) já no final é apartir do Bar peixe eletrico até a entrada de intermares...no mesmo horario!!!

Bom... 16/03/2006 17:14
Utimamente tem dado pouca gente, mais n fica bom apartir da quarta n, nas segundas tb da gente, a galera se empolga do domingo e aparece,lembrando sempre no inicio da noite,é o sol se pondo e a galera chegando...apareçam!! e pros novatos da comunidade, sejam bem vindos!!!

Curiosidade 21/03/2006 16:05
Cara tô na maior vontade de curtir uma sacanagem assim, tem muito carinha gostoso lá? Vontade e punheta e oral...


Júnior
20/06/2006 10:20
se vc qser a gente pod se conhecer...


Mysterious

[responder ao tópico](#) primeira < anterior | próxima > | última

[voltar aos tópicos](#)

serviço filiado ao Google

orkut in english Sobre o orkut Privacidade Termos de uso

Internet

Iniciar 5 Internet Explorer orkut-wagner - Micro... 15:42

TÓPICO DE DISCUSSÃO DA COMUNIDADE

http://www.orkut.com - orkut - comunidades - mensagens - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Página inicial | Amigos | Mensagens | Comunidades | Pesquisar | Mídia | O que há de novo

orkut

tópico: vcs vão lá e quais dias e horarios?

Mostrando 1-2 de 2 primeira < anterior | próxima > | última

 **vcs vão lá e quais dias e horarios?** 28/05/2006 10:13
em qual horarirose dias vc vão lá na praia do Bessa? diagam aqui assim marcamos algo lá ???

Kaike

VOU 28/05/2006 10:14
...geralmente eu vou mais na sexta a noite a partir das seis e meia da noite fico perto do bar peixe eletrico e vcs??? e vcs ficam mais onde lá? e dias horarios???

responder ao tópico primeira < anterior | próxima > | última

voltar aos tópicos

serviço filiado ao Google

orkut in english

Internet

Iniciar 5 Internet Explorer leela - Conversa orkut-wagner - Micro... 16:09

PERFIL DO CRIADOR DA COMUNIDADE

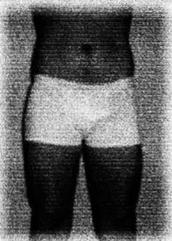
orkut - perfil social de *BOY - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Página inicial | Amigos | Mensagens | Comunidades | Pesquisar | Mídia | O que há de novo

ORKUT

BOY PB



9 fãs 29 recados 4 fotos

social

quem sou eu: Sou um kara, simpatico, quero conhecer gente, afim de papo legal é...

relacionamento: solteiro(a)

interesses no orkut: amigos, companheiros para atividades, contatos profissionais, namoro

filhos: não

etnia: hispânico/latino

idiomas: Português

humor: extrovertido/extravagante, seco/sarcástico, inteligente/sagaz, simpático, pateta/palhaço, misterioso

estilo: alternativo, casual, contemporâneo

fumo: não

bebo: socialmente

animais de adoro meu(s) animal(is) de

amigos (48)

 boy (204)  Homem (184)  Gorgeous (147)  agosto (531)

 V@I (382)  P (289)  **MiNiNo (186)  morenogostoso (951)

ver amigos

comunidades (25)

 Meninos X Meninos (3.845)  SURUBA-PB (185)  Bate Pra Mim q Eu Bato Pra Vc (765)

Abrindo página http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=15552699385439566948..

Internet

Iniciar 5 Internet Explorer orkut-wagner - Micro... 15:38